

The image is a composite background. The top half shows a young man and woman in a romantic embrace on a beach, with the ocean in the background. The bottom half shows a person from behind, walking away on a set of train tracks that recede into the distance. The person is carrying an acoustic guitar. The title text is overlaid on the image.

MEU MILAGRE É

Locê

Andreia Nascimento



Meu Milagre é Você

Andreia Nascimento
2016

Copyright © 2016.

Andreia Nascimento

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução em todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia escrita da autora.

Título: Meu Milagre é você

Autora: Andreia Nascimento

Revisão: Liliane Santana

Capa: Murillo Magalhães

*Leia outros títulos da autora na
amazon:*

10 Certezas que te amo.

Para Ella, Com Amor.

Duologia Meia-Noite.

Para Livia e Bruno .
Meu conjunto perfeito.

Meu Milagre é Você

Essa não é uma história sobre música, ou sobre como perdi minha memória. É apenas sobre como eu reencontrei o amor, como eu reconheci o amor, como ele não morreu mesmo quando o meu principal órgão não lembrava sobre sua existência.

— Callie.

Rafael

Hoje.

Jogo-me no sofá de couro preto tentando me lembrar do que houve ontem, as imagens fragmentadas me

deixam zozzo, o dia havia sido cheio e uma data que, hoje, eu odeio olhar no calendário mais do que qualquer coisa nesta vida, terminou há poucas horas.

Quando abro os olhos, Matt está em minha frente com cara de enterro.

— Desembucha — digo sem paciência.

— Magno e eu conversamos hoje mais cedo. — ele diz pausadamente, continuo encarando-o, mas ele hesita antes de continuar — Temos um show e uma reunião com uma nova gravadora, é uma boa chance já que estamos sem contrato.

— É bom saber que ele está

trabalhando — digo pegando a garrafa de água da mão dele.

— Mas é na nossa cidade natal — ele diz e eu levanto meus olhos para que ele pudesse me dizer que estava brincando.

— Eu especificamente disse que não queria mais voltar lá, mas Magno ignora qualquer coisa que eu digo — respondi para Matt

— Cara...

Antes que ele possa terminar eu me levanto subitamente. Eu sei o que aquilo significa, vou direto a quarto de Magno, bato na porta com toda a fúria que eu posso passar através da força, mas ele não abre. Cerro o punho e bato

outra vez.

— Abra essa merda, agora! —
vocifero para a porta — eu sei que você
está aí.

Volto a bater, nem que eu
acorde esse hotel todo, mas ele vai me
dizer isso na cara. A porta se abre antes
que eu volte a esmurrá-la.

— Que porra é essa Rafael? —
ele diz enrolado em uma toalha. Uma
mulher está deitada em sua cama,
cobrindo sua nudez com um lençol.

— Vista-se e vá ao meu quarto
— digo entre os dentes — não vou fazer
isso na frente de estranhos.

— Poxa, gato — a mulher diz
como se estivesse ofendida.

Volto para meu quarto sozinho, tomo um analgésico para dor que massacra minha cabeça. Depois de finalizar minha segunda garrafa de água, vejo a porta se abrir.

— Que merda foi aquela? —
Magno diz assim que invade o quarto.

Matt vem logo atrás como se precisasse separar a briga que ainda não tinha acontecido.

— Quando eu disse — digo baixo, pois dor excruciante ainda me acompanha — que não voltaria naquela cidade em momento nenhum, eu não estava brincando. Eu paguei uma fortuna na casa dos meus pais para não voltar lá, eu fiz eles mudarem de cidade. Sabe

o quanto isso foi difícil? E agora você vem me dizer que eu tenho que voltar?

Ele abaixa a guarda e encara o chão.

— Rafael — ele começa e eu controlo a raiva — isso é o que precisamos, eu como empresário e seu amigo só quero o que é o melhor, nós somos uma banda, temos que escolher o que é melhor para nós todos. Um show na sua cidade natal é esperado há três anos, eles vão estender tapete vermelho para vocês, são seus fãs, eles merecem isso.

— Não — digo ainda possesso de raiva — Não sei se posso.

— Isso não é sobre o que você

pode ou não fazer — ele diz falando alto — Eu trabalho todos os dias sem pausa para fazer essa banda crescer e você vem pagar de estrela agora?

— Rafa? — Matt diz me analisando — Pense um pouco.

— Você não é o único que trabalha aqui — respondo ignorando Matt, a fúria diminui, mas ainda ultrapassa a razão — Antes de você eu já trabalhava aqui, eu dei duro para estar aqui também, nem tudo tem que ser sobre dinheiro.

— O quê, Rafael? — ele diz com arrogância e começa a rir — Um coração partido e você é poeta, grande coisa, qualquer um pode escrever uma

música.

— O que você disse? —
pergunto me virando totalmente para ele,
deixando o espaço entre nós quase
inexistente — Retire o que você disse
agora — e ironicamente eu falo baixo.

— Rafa, — ele diz sabendo que
atingiu meu ponto fraco, ele sabe que eu
socarei a cara dele se ele não retirar o
que disse — Eu estou de ressaca, apenas
pense sobre isso.

— Sai daqui — digo entre os
dentes, de repente eu perdi a razão —
sai daqui — repito tentando não quebrar
a cara dele — saia daqui, porra!

Sem virar de costas para mim,
ele sai do quarto fechando a porta.

Depois de estar do lado de fora, a vontade que tenho é de quebrar todo aquele quarto de hotel, mas Matt está pateticamente me encarando, esperando que eu reaja a essa merda toda.

— Rafael? — ele diz me encarando com a postura desleixada.

— Vá embora também, Matheus — digo tentando ver a razão naquela situação — Eu preciso pensar.

— Você realmente precisa pensar com razão sobre isso — ele diz tentando pôr juízo em minha mente.

Eu deixei minha cidade natal há pouco mais de três anos, a banda ainda era algo amador, mas já existia. Depois do acidente, Ramon, Matheus e Magno

resolveram me acompanhar em uma jornada. Minha mãe não concordou em momento algum que eu fizesse isso, mas me deixou ir. Após quase seis meses depois que saímos nessa luta por reconhecimento, nos apresentando em bares e boates lotadas de bêbados, um agente nos viu. Mas o que ele viu, outra pessoa já havia visto.

Ouçõ o toque do meu celular e saio em busca do aparelho que está jogado, olho para as malas jogadas no canto do quarto e a luz acesa da tela chama a atenção, é minha mãe me ligando.

— Oi, mãe — respondo depois de atender.

— Como ficou ontem? — ela pergunta do outro lado, eu já recebo essa ligação ano após ano depois que tudo aconteceu.

— Bem — mantenho minhas respostas curtas.

— Tudo bem, filho? — minha mãe sabe quando tem algo errado.

Fecho os olhos relutando informar a ela que vou voltar na nossa cidade, mas acabo desistindo e falando logo.

— Mãe? — ela murmura para avisar que está ouvindo e eu continuo — eu vou ter que volta lá — ouço o longo suspiro dela — só queria que soubesse.

— Quando decidiram isso? —

ela pergunta como se temesse a resposta.

— Agora — respondo essa banda é importante para mim.

— Isso será bom, filho — ela diz contendo o entusiasmo — quando será?

— Logo depois daqui — digo. E muitas memórias passam como um filme em minha mente — Vai ter um festival e uma banda foi cancelada.

— Vai ser bom para você, filho — ela fala usando um tom de voz que só mãe tem — você pode se curar dessa vez.

— Ou ir ao fundo do poço — deixo a respiração pesada sair.

— Você sobreviverá — ela diz

com ternura — vá descansar, filho. E pode ser que eu apareça por lá, será bom voltar e ver meus irmãos que estão na cidade.

— Poderemos pensar sobre isso — digo mais tranquilo — mas estarei lá a trabalho, apenas a trabalho.

— Tudo bem, estou com saudades — ela diz triste.

— Eu também, mãe — respondo automaticamente.

— Vá descansar — ela diz se despedindo — tchau, filho.

— Tchau, mãe — me despeço.

Volto a me jogar no sofá de couro e pego o violão que ali está encostado, passo o dedo sobre a

gravação do nome dela e tento tomar coragem para tocar aquelas notas que me fazem lembrá-la, que tanto me aproxima e me trouxeram até aqui.

Mais de três anos depois dessa música ter sido criada, ela terá a chance de me ouvir cantando para ela, mesmo que não saiba que tenha sido a inspiração de tudo isso.

Callie

Passado.

Sinto as pálpebras pesadas, é como se meus olhos pesassem uns cem quilos. Os abro lentamente depois de escutar uma voz ao meu ouvido. A luz forte me faz fechá-los outra vez e somente depois da quarta tentativa, consigo mantê-los abertos. Mas não consigo saber quanto tempo exatamente levou entre a primeira e a última tentativa.

Uma mulher faz anotações de um monitor que parece mostrar o ritmo do meu coração. Tento forçar uma palavra, mas me sinto fraca. Consigo mexer minha mão para que ela perceba que estou acordada, e acho que tenho

sucesso, já seus olhos se arregalam em espanto e ela sai correndo, basicamente gritando. Eu ainda não sei o que aconteceu, mas acho que ela foi chamar alguém que possa me explicar.

Três pessoas entram na sala ao mesmo tempo, todos me encarando como se estivesse presenciando um milagre.

— Olá, Calliope — um rapaz que julgo ser o médico me cumprimenta e eu apenas o olho inerte — deve ser confuso acordar assim, em um lugar desconhecido, tudo deve estar confuso em sua mente, mas logo vamos resolver isso.

Eu mexo a cabeça lentamente indicando que entendi.

— Você sofreu um acidente —
ele diz como se procurasse as palavras
mais fáceis no vocabulário — e esse
trauma deixou você em coma por uns
meses. Não houve nenhuma fatura,
apenas a batida na cabeça.

Tento lembrar, mas não
consigo. É como se ele tivesse me
contando algo que nunca aconteceu, a
confusão em meu rosto era visível. Ou
ele estava mentindo ou algo mais sério
do que bater a cabeça tinha acontecido.

— Você lembra qual seu nome?
— ele pergunta e um sim rouco e quase
inaudível sai da minha garganta.

— Você lembra para onde ia na
hora do acidente? — nego com a cabeça

e sinto meus olhos arderem ficando cheios de lágrimas — vou chamar sua família, enquanto isso, a enfermeira vai lhe ajudar com algumas coisas. Tente manter a calma, faremos alguns exames para sabermos como você ficará.

Ele se aproxima da minha cama e pega minha mão.

— Tudo ficará bem — ele diz me olhando nos olhos — o pior já passou.

Um momento de pânico se instala em mim, minha memória, meus pensamentos, o vazio. O que realmente aconteceu?

Ele sorri simpaticamente, fala algo para enfermeira e sai do quarto. A

enfermeira toca meu braço em um sinal de compaixão, seus cabelos loiros bem-arrumados e seus olhos verdes como duas esmeraldas piscam tentando me manter calma.

— Eu estou aqui para o que precisar — ela diz me analisando — apenas aperte esse botão quando precisar de algo.

Fico sozinha e sei que será apenas por instantes, pois do outro lado do corredor está cheio de pessoas.

Eu...

.... Eu apenas queria lembrar.

Rafael

Hoje

Depois de todos os instrumentos guardados e malas arrumadas, todos se encontram dentro do ônibus da banda. A cidade não é distante, quatro horas de viagens e chegaremos, vou usar esse tempo para traçar um plano.

Estou sentado em uma das poucas poltronas do ônibus, coloquei meu *headphone*, esse era um sinal claro

de que não estava a fim de jogar conversa fora, mas Matt, por ser meu amigo há tanto tempo faz questão de ignorar. Sentando na minha frente ele cruza as mãos e as apoia em cima da mesa que está entre nós.

— Rafa — ele diz escolhendo as palavras — se eu tiver que escolher assinar com eles ou ficar sem contrato, eu ficarei sem contrato.

— Você está com o juízo frouxo? — pergunto depois de ter praticamente lido seus lábios.

— O quê? — ele responde como se fosse obvio — estou fazendo errado?

— Tocar bateria é basicamente

a única coisa que você sabe fazer — digo quase me exaltando pela estupidez dele — e você vai jogar isso fora, assim?

Ele encara em seus braços as tatuagens, como se tentasse lembrar como elas foram parar lá.

— Rafa, — ele volta a me olhar — eu não sei bem o que fazer, eu...

Quando encaro minha própria tatuagem, ele se cala. Seus olhos leem e releem o que está escrito em inglês, eu escolhi fazer assim para que nem todos soubessem o que está escrito. Matt costuma me contar quantas mulheres pegou na noite, e quando ele lembra, me

conta até alguns detalhes, mas esse assunto, ele não gosta de tocar.

— Matt — digo livrando os ouvidos da música alta — vou fazer isso dá certo, não vou arriscar tudo que batalhamos anos para conseguir, a merda do Magno está certo, somos uma banda, uma família e não posso deixar vocês na mão.

— Mas se precisar — ele diz em solidariedade — eu estou aqui, cara. Você sabe disso.

— Eu sei — respondo colocando novamente os fones.

Ele se levanta e sai. Ficando somente eu, o barulho ensurdecedor em meus ouvidos e a estrada que corre em

alta velocidade. A mesmice da paisagem me deixa com sono e eu descanso os olhos.

— Rafael? — sinto os empurrões brutos no meu braço — chegamos cara, acorda.

— Acorda, bela adormecida — Ramon fala logo que abro os olhos.

— Rafa — Magno vem até a minha poltrona assim que todos descem — Eu quero me desculpar.

— Agora não — fico em pé e passo por ele descendo do ônibus.

Ao descer, vejo um lugar mais do que familiar. Um lugar no qual morei por 17 anos da minha vida. Uma cidade

onde eu conhecia cada defeito pelo asfalto no meu caminho até a escola. Onde o sorveteiro sabia meu nome e o médico só em olhar para minha cara lembrava meu histórico. Não foi tão difícil deixar tudo para trás, porque aqui se tornou sinônimo de algo que eu talvez não pudesse ter outra vez. E eu odiei pensar nisso por um tempo, hoje quando leio a frase que está em meu braço, eu não sei se ela significa mesmo alguma coisa, ou só uma frase aleatória, que escolhi do meu primeiro sucesso como músico. Mas de uma coisa eu tenho certeza, ela está aqui e nunca irá embora.

Coloco meus óculos escuros,

meus olhos inchados não seria uma boa recepção para os fãs que estavam na expectativa da nossa chegada.

Depois que Ramon e Matt descem, os sigos, câmeras e gritos vem em nossa direção, eu apenas sorrio. CDs são postos nas nossas caras e nós assinamos, não podemos fazer cara feia ou de cansaço, temos que atender a todos. Sem exceção.

Sou puxado de um lado para outro, meninas com gritos agudos e ensurdecedores me agarram, Magno faz com que elas nos liberem e nós conseguimos chegar ao saguão do hotel. Mas ainda sinto suas mãos por meus ombros e suas unhas em minha carne.

— Sempre assim? — pergunta o recepcionista do outro lado do balcão nos encarando tentando não mostrar tanto entusiasmo.

— Quase o tempo todo — Ramon fala sem olhar o recepcionista. O check-in é feito e nos dirigimos para os nossos quartos, Magno nos informa que o show é daqui umas horas, então, isso significa que tenho que descansar. Bebo água e me deito um pouco, me sinto agitado e isso não é tão bom.

O despertador toca e eu já sei que é hora de ficar pronto. Encarar toda aquela cidade que está lá fora. Depois da ducha pego a primeira roupa que encontro e alcanço os coturnos que

usava hoje cedo. A camisa de manga cumprida esconde a tatuagem, passo as mãos no cabelo para colocá-los no lugar. Eu estou pronto.

Passo a *setlist* na mente, concordamos que nessa turnê não mudaríamos nada. A batida ritmada na porta indica que todos já estão prontos e saindo do hotel, faltam mais de duas horas para o show, mas vamos para o local do festival mais cedo.

Abro a porta e dou de cara com Magno ao telefone.

— Os caras estão prontos — informa fazendo sinal de positivo com seu cabelo cheio de gel — Certo... deixando o hotel.

Ele desliga o aparelho e coloca no bolso.

— O pessoal da gravadora quer nos ver, antes ou depois do show. Ainda não decidiram — ele diz, Magno não sabe o motivo no qual eu fui embora, não era algo que eu saia dizendo a todos — esteja pronto — e cara, vamos tentar deixa nosso desentendimento para trás por agora. Temos que ser profissional.

— Certo — respondo. A conversa com minha mãe me tranquilizou mais, anos se passaram, essa é minha chance de deixar tudo para trás.

A frente do hotel continua tomada de fãs, mas dessa vez aceno e

sigo direto para o ônibus.

Vou aquecendo minha voz no percurso até o festival, mantendo a calma. Matt não me procurou mais, ele sabe quando não quero falar.

O lugar iluminado com luzes coloridas e som alto já se ouvia quilômetros de distância, muitas pessoas com camisas de bandas variadas e bebidas em suas mãos. O ônibus estaciona na lateral do estádio de médio porte que tem na cidade, mas a capacidade para pessoas é muito grande. Tem uma entrada fechada por onde passa todos os artistas que se apresentarão.

Passo pelo corredor escuro e logo estamos em uma sala. Magno está

reclamando algo com quem acredito que seja responsável pela entrada das bandas, ele está alterado e eu vou ao encontro deles.

— Eles não entram por duas horas — Magno diz alto.

— Mas a outra banda teve um imprevisto — ele justifica parecendo assustado.

— E se não tivéssemos chegado? O que você faria? — o organizador do evento o encara meio intimidado — você iria atrás de um palhaço? Colocaria uma *playlist* no seu notebook e enrolaria o público?

O cara apenas balança a cabeça tremendo.

— Magno? — chamo a atenção dele — vamos acabar logo com isso e subir naquele palco. Quanto antes entrarmos, logo estaremos fora dele.

O cara sai e Magno fica lá me encarando, eu apenas o deixo lá. Não há motivos para ele fazer essa cena toda.

— Vamos entrar agora — digo para Ramon e Matt, que conversa com duas fãs – o Magno surtou e eu não sei o porquê, a outra banda ainda não chegou, então vamos logo.

— Fim de turnê — Ramon diz se levantando — estamos há oito meses na estrada, não está fácil para ninguém. Agora temos que preparar um CD antes de dar um tempo para descanso.

— Vamos ter que sobreviver a isso — digo olhando para eles.

— E meu descanso será aqui — Matt diz, algumas pausas para descanso dele foram aqui.

A luz do palco está apagada, mas consigo ver a multidão que está a nossa frente. O murmurinho se cala quando Matt bate com suas baquetas uma na outra e a luz se acende, quebrando a escuridão que estava instalada e nos revelando no palco. A guitarra de Ramon entra e eu o acompanho com o baixo, esperando a vez de entrar cantando.

A primeira música tem uma pegada agitada e o público pula

cantando a letra. E pela primeira vez eu me senti melhor por estar em casa. A voz flui pelas minhas cordas vocais, eu achei que seria mais difícil, mas a satisfação de ver todos assim, gritando as letras das músicas e aproveitando tudo em um coro ensaiado, me faz lembrar porque eu faço isso.

Callie

No passado

Minha mente ainda vazia, não conseguia encaixar o fato de que estou no hospital. Derek está sentando ao meu

lado segurando a minha mão, mas a única pergunta que eu quero saber é: onde estão meus pais? Mas algo dentro de mim, diz que não gostarei da resposta.

Ele me olha com pena em seus olhos e aquilo vai aumentando o meu desespero. Já faz mais de 24 horas que acordei, mas ele ainda não quis conversar. Meu corpo ainda se mantém pesado, porém, já estou melhor do que quando acordei.

— Você não vai poder me proteger para sempre — falo. Minha visão está turva com as lágrimas se formando, acho que a única coisa que fiz nas últimas horas foi chorar.

— Vamos esperar mais um pouco? — ele diz calmo, suas olheiras estavam horríveis.

— Não, Derek — digo apertando sua mão — apenas me diga o que tem para dizer.

— Eles não estão mais aqui — ele diz e sua voz some, meu coração se contrai e sinto que estou afogando em dor.

— Como? — pergunto e ele demonstra que não entendeu — Como eles morreram?

Ele encara nossos dedos, parece não haver mais palavras.

— No mesmo acidente que te trouxe aqui — ele diz e me sinto inútil,

minha mente se mantém vazia. Sem memórias.

— Em qual cidade estamos? — pergunto, pois o sotaque da equipe médica me soa estranho.

— Na cidade em que nossa avó mora — ele diz, é muito distante da nossa casa.

— O acidente foi aqui? — sinto uma pulsação forte na minha cabeça e sinto a necessidade de me encolher em dor, um grito sai da minha garganta e enfermeiros e médicos entram no quarto correndo.

— O que há de errado? — ouço Derek perguntar e os médicos colocam ele para fora.

Me sinto angustiada, sufocada e com muita dor. Ao longe ouço o médico dizer que isso será normal, que alguns pacientes reagem assim quando são expostos a lembranças, a mente força fazendo muita reação dentro de mim.

A enfermeira já colocou algo no meu soro e o alívio vem com uma onda de sono. A última coisa que ouço ele dizer à Derek é.

— Ela terá que ser exposta as lembranças do passado, dores fortes de cabeça podem desencadear algo mais sério. O cérebro é um órgão muito frágil, o que serve para um, pode não servi para outro e essas ondas de dores serão constantes, teremos que protegê-la

disso.

Meus olhos fecham e eu não
ouço mais nada.

Rafael

Hoje

Fechamos o festival com a
música que nos levou aos grandes
palcos. Tinha tanta gente que não havia

mais espaço, eles mal se movimentavam. A energia que eles passaram foi encorajadora para trabalhar mais e para muitas daquelas pessoas, éramos exemplo de que tudo era possível.

Depois de finalizar a garrafa de energético que me foi entregue, quando desci do palco me juntei ao resto da banda. E um rosto familiar me encara, sem expressão, como se não soubesse o que esperar de mim e eu não esperaria menos dele.

— Rafael — Magno me chama — esse é Derek administrador da gravadora DC *records*, que você já ouviu falar.

Eu não respondo, fico calado e Derek estende sua mão em minha direção.

— Muito bom revê-lo Rafael — eu não o encontrei muito, mas posso lembrar exatamente de todas as palavras que ele me disse por telefone.

— Eu quero falar com Derek a sós — digo sem desviar o olhar — nos dê licença Magno.

— Esse não é nosso trato Rafael — ele contesta.

— Isso é pessoal — rebato — apenas nos deixe a sós.

Ele levanta as mãos no ar, claramente irritado. Eu esperei por esse momento durante cinco anos. Cruzo

meus braços na frente do corpo e tudo me vem a mente.

— O que posso esperar? —
digo sério.

— Nada — ele diz em
lamentação — poucas coisas voltaram
para ela, mesmo com Brenna tentando
ajudar. Mas o médico pediu e continua a
orientá-la a não forçar. Desculpa,
Rafael.

Não evito ficar desapontado,
porém, também não esperava nada
diferente.

— Eu lamento ouvir isso —
digo, aquilo me afetou sem dúvida — eu
não farei nada que possa piorar.

— Eu sinto muito em ter feito

isso — ele diz com sinceridade — mas eu não podia vê-la sofrendo, gritando de dor e de luto por nossos pais. Foram anos difíceis, ela sofreu muito e agora ela começou a carreira musical, ela está mais tranquila. As coisas não voltaram, mas as dores não são mais como eram antes.

— Isso é bom saber — digo e tenho que encerrar a conversa — eu não quero que você diga nada para ela, não posso arriscar que ela tenha crises ou algo assim. Mas quanto a sua avó e o processo?

— Minha avó retirou as queixas, está tudo certo agora — ele diz se preparando para sair — mas você

precisa saber que ela produzirá seu CD, ela quem quer contratar vocês.

Engulo seco ao ouvir aquelas malditas palavras.

— Daremos nosso melhor — digo mantendo-me profissional.

Ele se vira e sai, encontrando Magno no meio do caminho. Eu sabia que não ia ser muito diferente, mas, mesmo assim, pude sentir.

Sinto o tapa nas costas e me viro para ver quem era, Matt está lá eufórico e eu apenas o olho esperando explicação.

— Que show foda — ele diz eletrizado — eu estou morrendo de fome cara, vamos colocar uns casacos e ir lá

fora, eu amo essas comidas duvidosas que vende em show.

Acho graça no que ele falou depois do momento de tensão passar, sinto que meu estômago também está anunciando fome. Pegamos uns casacos com capuz que estão jogados no sofá e colocamos desviado de Magno e Derek.

Vamos passando despercebido por todos e, já consigo sentir o cheiro de comida. A conversa ainda ronda meus pensamentos, não sei se serei capaz de esquecer.

— Quero comida mexicana —
Matt diz já indo em direção aos *truck food* — quero algo pesado mesmo.

— Como queira — digo o

acompanhando.

Ele faz o pedido e ficamos em pé esperando a montagem, tentamos não conversar para que não reconheça nossas vozes. Eles nos entregam nossos pedidos e vamos logo comendo, mas o que eu não esperava era uma crise de tosse por conta da pimenta.

— Aconselho a tomar água — voz de uma mulher, vem de um pouco longe de onde estamos, mas eu poderia reconhecer aquela voz na multidão. Matt me olha imediatamente esperando reação, mas eu não reajo — desculpa rapazes, é que eu vi tantos vídeos de vocês, fotos e entrevistas que sinto que conheço vocês — ela anda em nossas

direções e estende a mão — Rafa — ela diz ao apertar minha mão, sua mão, seu rosto, seus olhos e seu sorriso, intactos. Como se nada tivesse mudado, o tempo parou para ela. — Matt, é muito bom saber que existem coisas originais no mundo da música.

Seus cabelos continuavam os mesmos, sua voz manteve a suavidade e sua simpatia estavam lá, ela apenas não se lembrava de mim.

Um som de TV fora do ar toca dentro da minha mente e Matt é o primeiro a reagir.

— Oi — ele diz ainda engasgado com a pimenta.

— Sou Callie — ela diz

devagar — minha gravadora quer tem uma reunião com vocês e eu sou particularmente sua fã.

Ela diz tão entusiasmada, que me faz esboçar um sorriso.

— Rafa — ela diz depois de soltar minha mão — eu já isolei sua voz de um show ao vivo só para ouvir sem mais nada — os olhos de Matt se arregalam e eu fico sem entender — eu simplesmente sou muito fã de vocês e eu, estou aqui agora, mais como fã do que produtora.

— Não precisa se sentir mal por isso — Matt diz, porque eu ainda estou processando o que estou ouvindo — é bom saber que vocês gostam tanto

do nosso som, que se sente fã ao nosso lado.

— Engraçado, não é? — ela diz se sentindo mais à vontade com nossa presença — encontrar vocês assim, eu estava em reunião e acabei perdendo o show. Fiquei muito furiosa quando soube que mudou a sequência, nossa sem palavras para descrever.

Uma ponta de arrependimento me atinge por ter seguido em frente com aquele show, ela poderia ter me visto lá. Um cara vem em sua direção, seu rosto me é familiar, mas eu espero até que ele chegue mais perto para ter certeza.

— Oi amor — ele diz passando o braço em volta da cintura dela e eu

não evito olhar — Derek disse que a banda mudou, não entendi nada, deu para você pegar?

— Não deu — ela diz olhando para ele, parecia feliz — mas esses são Rafa e Matt, da banda.

— Sêrio? — ele diz nos encarando com desdém — com o capuz não deu para reconhecer direito.

— Esse é meu namorado Chris — ela diz sorrindo e nos olha — esses são os meninos da banda.

— Foi um prazer, cara — digo me obrigando a não olhar para ela, o braço dele está abraçando sua cintura — Temos que ir Callie. Até amanhã. Vamos Matt.

— Foi um prazer — Matt diz passando por ela e eu o sigo mantendo o foco no percurso de volta.

Mas sua mão toca meu braço outra vez e em uma ação automática eu a olho.

— Espero ansiosa por nosso encontro amanhã — ela diz, em um sorriso tímido e seus dedos soltam meu braço relutantemente, eu ainda estou olhando para ela.

— Igualmente — tudo que consigo responder.

Continuo andando e olho para atrás por alguns segundos. A mão dele ainda está em sua cintura, mas ele ignora completamente sua presença com toda

atenção em seu celular.

Relutante me viro e sigo Matt
camarim a dentro.

Callie

Passado

Todos os meus pertences dos
últimos anos, foram recolhidos e
colocados em uma caixa que eu apelidei
carinhosamente de caixa de Pandora.
Até para eu lembrar quem me deu uma
simples recordação era dolorido, eu
sempre estava fraca e tonta, mas o

médico achou que minha recuperação em casa seria o ideal. Então minha avó me levou para sua casa, onde eu ficava mais calada e quieta, com medo do que minha memória poderia fazer.

A dor chegava a um nível muito alto, então meu passado foi proibido. Não sei por quanto tempo será assim. Mas eu não estou com pressa.

— Você se alimentou hoje? —
minha avó me tira do transe que sempre entro quando estou sozinha.

Tem um mês que deixei o hospital, mas tudo parece ser pior aqui, onde não tem ninguém para me sedar quando preciso, os remédios aqui parecem não funcionar.

— Sim — digo descendo as pernas que estavam juntas em cima da cadeira que eu estava sentada — eu comi o lanche que a senhora deixou antes da caminhada, muito obrigada.

Minha avó para atrás da minha cadeira e começa a pentear meus cabelos com os dedos, minha mãe sempre fazia isso quando eu era criança, para me fazer dormir.

— Desculpa vovó — digo, me lembrando do toque dela.

— Por que minha filha? — ela diz ao se abaixar na minha frente, minhas lágrimas já lavam o rosto e eu não consigo controlar.

— Por ela não estar mais aqui

— digo estendendo os braços e enrolando em seu pescoço, primeiro abraço que dou depois de acordar no hospital — eu queria tê-la visto uma última vez, queria lembrar dela, queria saber quais foram suas últimas palavras.

— Não faça isso com você, minha querida — ela diz docemente — já sofri demais achando que ia perder você também.

Seu cheiro me traz segurança, é estranho acordar assim, sem mais nada que você teve um dia. Sem lembrar quem você foi nos últimos anos, apenas se sentir vazia por dentro.

— Às vezes eu penso que teria sido melhor, não estar mais aqui — ela

me afasta e me olha.

— Nunca mais repita isso, Calliope — ela diz séria — eu não posso perder outro filho assim. Você é o que resta da minha única filha, você é o que sobrou dela e eu vou fazer tudo que está em meu poder para proteger você sempre, qualquer coisa no mundo, mesmo que possa parecer algo muito absurdo, mas eu farei.

— Desculpa, vovó — digo me desculpando — eu apenas fico cansada demais.

— Eu sei meu amor — ela me envolve com seus braços calorosos e eu relaxo — vamos descansar.

Ela me leva para meu quarto

improvisado e eu deito na cama. As paredes na cor branca e os quadros sem retratos é uma grande representação do que minha vida é hoje. Anos, se tornaram um quadro em *branco*.

Rafael
Hoje

O caminho de volta até o ônibus foi tranquilo, as pessoas estavam bêbadas demais para nos reconhecer. Vejo que Matt está lutando contra a necessidade esquisita que ele tem de falar sobre sentimentos o tempo todo.

Jogo-me na poltrona depois de pegar uma garrafa de cerveja na geladeira, o resto da banda ainda não voltou, mas eu não quero voltar lá.

— Matheus — digo depois de um longo gole da bebida amarga — diga logo o que você quer dizer e me deixe em paz.

— Cara — ele diz se sentando em minha frente, como se fosse uma criança que acabou de descobrir a

traição dos pais — desculpa.

Continuo encarando as pessoas no meio escuro que é o lado de fora do festival.

— Nós não deveríamos ter voltado aqui — ele continua, porque ele acha que tem que se desculpar por essa merda toda? Desde quando isso poderia ser culpa dele? — Sei que você fez isso pela banda, mas cara, podemos desistir, você sabe que gravar um CD pode levar tempos, certeza que quer continuar?

— Já tomei minha decisão — digo me virando para ele — eu vou ter quer encontrá-la mais cedo ou mais tarde, eu não posso fingir para sempre que eu não tive uma vida aqui.

Sua boca abre e fecha diversas

vezes, até ele falar.

— Mas... — aquele assunto já está encerrado.

— Matt — digo me levantando — eu não vou esperar por vocês, vou pegar um táxi e ir para o hotel.

— Mas... — ele fica tentando falar.

— Pare com as lamentações desnecessárias — digo já irritado — você não tem culpa dessa merda, ela não tem culpa. Ninguém tem culpa nessa porra toda, a vida acontece, e acidentes fazem parte da nossa trajetória de vida, uns são atingidos outros não, alguns tem sequelas outros não e, sabe o que resta no final? Você apenas tem que conviver

com o resultado.

Saio do ônibus com fúria, angustia. Essa cidade é como estar dentro de minhas músicas e isso é uma merda.

Paro um táxi e dou o endereço do hotel, ele me olha umas três vezes para ter certeza que eu, sou eu. Sorri e não fala mais nada, mentalmente eu agradeço, não estou a fim de papo. Toca uma música da minha banda no rádio, o radialista anuncia que é um especial, já que estamos de volta à cidade natal, quatro anos depois de partir.

Os olhos do taxista ficam me vigiando pelo retrovisor, ele está se contorcendo para não falar nada. Pego

meu celular e ligo, uma enxurrada de atualizações são feitas, entre mensagens e ligações. Aperto o botão de desligar outra vez e coloco o aparelho no bolso.

O caminho não é tão longo, chegamos a entrada e me dou conta que estou sem dinheiro.

— Terei que pegar o dinheiro no meu quarto — digo ao taxista que sorri de orelha a orelha.

— Não precisa — ele diz me encarando de seu lugar — apenas tire uma foto, minhas filhas são suas fãs.

— Pode ser, senhor — digo abaixando o capuz, ele pega o celular e mira a câmera para mim, o flash acende fazendo meus olhos reagirem — agora

nós dois.

Ele tira a foto de nós dois e eu o cumprimento com a mão em despedida.

— Obrigado pela gentileza — digo saindo do táxi — poderia me dá seu cartão?

— Claro — ele diz empolgado pegando o cartão — será uma honra lhe dar outra carona.

— Próxima vez eu pago — digo atendendo sua gentileza, ele apenas sorri e segue viagem.

Eu não sei como me sentir no final desse dia, mas não beberei, apenas apagar quando eu chegar no quarto do hotel.

Sai do hotel tão cedo que o recepcionista que estava de serviço, ainda era da noite anterior. Minha casa ficava há uns quinze minutos caminhando.

Voltar aqui me fez questionar várias decisões que fiz no passado, algumas das quais me arrependo amargamente, eu sei que não poderei corrigir ou se terei a chance, mas eu tentarei meu melhor, ou apenas não tentarei.

Meu cérebro ainda lembra o caminho exato a percorrer, ver que só umas casas mudaram de cor me faz

pensar quanto eu não lembrava daqui, quanto eu apaguei tudo que tive e os motivos que me levaram para longe.

Paro em frente à minha antiga casa e vejo a mulher que mora atualmente lá, é estranho saber que ela está regando as plantas que minha mãe plantou, saber que tem outra pessoa lá dentro, vivendo no lugar que cresci e esqueci, traumas tendem a fazer isso, a gente esquece das coisas que não válidas lembrar.

A mulher levanta os olhos até mim e eu volto a andar, se ela me olhar direito irá me reconhecer na hora, porque foi assim na hora que ela comprou a casa.

Forço-me a andar em frente e sinto minha garganta seca, lembro que tinha um mercadinho e decido ir até lá, logo terei que ir para a gravadora e eu não sei bem como lidar com isso ainda.

Mais três minutos andando e eu chego a porta, cumprimento a caixa que não parece com a antiga que já sabia quem eu era e passo direto para a enorme geladeira cheia de bebidas. Alcançando o puxador de plástico pego uma garrafa de água mineral, depois de soltar a porta e ela fechar, ouço murmúros na outra fila de prateleira, alguém resmunga algo que não dá para entender.

Quando chego ela está lá, na

ponta do pé. Um par de botas cano alto nos pés, uma calça que está unindo-se a blusa preta justa que ela está usando, seus longos cabelos castanhos e lisos estão soltos e balançam com seu corpo sem equilíbrio que tenta pegar um pote de café instantâneo no topo da prateleira.

— Merda — ela diz passando as pontas dedos na lata e a empurrando mais para trás — eu vou conseguir pegar você.

Cruzo meus braços para ver a cena, era hilário. Seus olhos encontram meus sapatos e ela me olha de baixo para cima.

— Bem que você podia pegar

— ela diz e eu vou em sua direção, sua voz me traz muitas lembranças, mas eu tenho que lembrar que ela está me vendo pela primeira vez, ou melhor, segunda.

— A cena estava admirável — digo e meu corpo esbarra no dela, suas bochechas ficam instantaneamente vermelhas.

Depois de entregar a lata, ela sorri e abaixa a cabeça e seus cabelos acompanham tomando a visão do seu rosto.

— Obrigada mesmo assim — ela diz livrando o rosto dos fios soltos — não entendo porque tudo tem que ser tão alto, as pessoas esquecem que existem pessoas baixas no mundo.

Ela tagarela como se estivesse nervosa, eu odeio saber que ela se sente estranha perto de mim.

— Deixa isso na caixa de sugestão — digo descruzando os braços.

— Boa ideia — ela diz se virando e me mostrando o caminho até o caixa com a cabeça — e o dono nem é tão alto assim.

— Concordo, mas não deve ser ele quem arruma — digo e ela já me olhava estranho quando eu disse concordo.

— Pois é. — ela conclui e eu me calo.

Quando já consigo ver o caixa, percebo que seu Rener está no caixa

junto com a atendente e seus olhos nos fitam, curiosos. Callie coloca o pote de café no balcão e separa o dinheiro, os olhos curiosos de Sr. Rener alterna entre nós dois.

— Olha quem eu vejo junto — ele solta e eu prendo a respiração — nunca achei que veria essa cena novamente em vida.

Callie sorri, claramente confusa com a confissão do velho e eu apenas me mantenho sério. Depois da atendente dar o troco a Callie, eu coloco minha água e pago. Dou um sorriso e saio logo depois que ela passa pela porta. Quando chegamos na calçada ela destrava seu carro fazendo as luzes

piscarem.

— Quer carona? — ela diz gentilmente e eu nego com a cabeça, ainda não era hora de ficar tão perto.

— Não — digo sentindo o sol queimar a minha pele — eu chegarei a tempo na reunião, meu hotel é perto daqui.

Insinuo que ela acha que irei me atrasar e ela sorri deixando as mãos cair no volante.

— Era só uma carona sem insinuar nada, sei que vocês são pontuais — ela diz dando a partida — eu perdi o show de vocês ontem por serem pontuais.

Sorrio outra vez, por mais que

eu planejei, essa não seria a forma que nós iríamos nos aproximar outra vez.

O carro some na esquina e eu volto a caminhar lentamente. Sr. Rener me observava pelas portas de vidros do mercado e eu ignoro a cena. Não quero saber o que passou na mente dele.

A caminhada de volta foi mais cansativa. O sol já arde na pele, mas logo já estou dentro do meu quarto. Tomo uma ducha rápido e me visto para reunião. Resolvo passar no quarto do Matt antes dele ir me encontrar, preciso falar com ele antes de sairmos. Três batidas ritmadas e ele atende com o folego de quem estava correndo uma maratona.

— É você — ele diz com cara de decepção.

— Também estou feliz em vê-lo — digo entrando no quarto — quem você achou que era?

— Uma camareira gata que conheci — ele diz desenhando o formato do corpo da mulher e eu cruzo os braços — Sim, o que lhe traz aqui?

Desmancho a postura e me volto para ele.

— Sem piadas ou comentários — digo sério — se Callie lhe reconhecer respeito o limite, se não, não force. Não quero problemas, certo?

— Certo, cara — ele diz ficando em pé em minha frente — eu não

falarei nada. Mas você está bem?

Passo a mão por meus cabelos,
eu odeio essa pergunta.

— Eu a encontrei hoje cedo —
digo e ele se mostra agitado — mas tudo
bem, cara. É melhor irmos.

— Tem certeza? — ele diz
pegando o celular na cama e jogando no
bolso.

— Sim — digo abrindo a porta
assim que ouço a voz de Magno e
Ramon no corredor. Nós acompanhamos
os dois até um táxi que está na porta do
hotel.

Mais gritos são ouvidos, mas
dessa vez os fãs não conseguem nos
alcançar e eu vejo que o taxista é o

mesmo cara de ontem à noite. O cumprimento com um aceno de cabeça e ele devolve o gesto.

Quando chegamos na gravadora somos recepcionados por uma recepcionista com um sorriso ensaiado e uma voz forçada.

— Olá, bom dia — ela diz levantando e vindo em nossa direção — Derek já está na sala de conferência esperando por vocês.

— Obrigado — Magno diz antes que possamos dizer qualquer outra coisa.

Ela abre a porta de madeira de tamanho exagerado e nos anuncia. Entramos e somos direcionados para a

mesa oval no centro da sala. Derek fica em pé nos cumprimentando com um aperto de mão e seu sorriso se desmancha quando ele me encontra. Apenas pego em sua mão sem falar nada.

— Minha irmã logo estará aqui — ele diz e se senta ajeitando seu terno caro.

— Tudo bem — Magno diz nos olhando — Se quiser podemos dar início ou se você quiser saber mais sobre a banda.

— Eu já conheço basicamente tudo — ele diz olhando para uma pasta que está em sua frente — Eu realmente acredito no trabalho de vocês.

Eles começam a conversar sobre o início da banda. Eu apenas fico calado. A porta abre de repente e Callie e seu namorado entram na sala, tensos e sérios. Conserto minha postura na cadeira e ela senta ao meu lado.

— Olá, rapazes — ela diz colocando uma pasta igual ao do Derek sob a mesa — Desculpa a demora, eu realmente me enrolei e me atrasei.

— Tudo bem — Matt diz me olhando — estávamos apenas conversando aqui.

— Alguma pergunta para mim? — Ela diz e eu me mantenho calado.

Eu não queria essa reunião por muitos motivos e começo achar uma

ideia de merda ter voltado aqui. Ela sorri das besteiras de Ramon, sempre concorda com Matt e faz negócios com Magno. Seu namorado me olha de tempos e tempos e eu ignoro o fato dele estar lá.

— E você? Não fala? — ela diz se virando de lado enquanto todos os outros estão ocupados conversando entre si.

— Apenas gosto de observar — digo baixo e ela se aproxima mais.

— Pode opinar no que quiser — ela diz como se me contasse um segredo — você é o artista aqui, vocês são os que fazem milagre nisso tudo.

— Meio exagero isso, não? —

digo e não nego-lhe um sorriso.

— Pode ter certeza que não —
ela rebate — Eu só ajusto.

Sua cadeira é virada em um giro forçado e seu namorado a encarada e depois olha para mim.

— Acho que temos que ir —
ele diz sério e volta a me olhar.

— Eu estava conversando,
Chris — ela diz apontando para mim.

— Ele não se importa, querida
— ele diz segurando suas pernas — Não
é? — ele se dirige a mim dessa vez.

— Sim — digo olhando para
ela, seus olhos pedem desculpa — Eu
me importo, estamos no meio de uma
conversa sobre trabalho, assim como

seu tempo, o meu também custa dinheiro.

— Ficou calado por tanto tempo que achei que não tinha nada para falar — ele diz empurrando um pouco a cadeira dela e me olhando de frente.

— Só não gosto de me meter nas conversas enquanto outras pessoas estão conversando — e ele me olha como quem não se importa com uma palavra que disse.

— Pode ir, Chris — ela diz agora que todos nos encaram — eu vou continuar com eles aqui, logo Derek não estará mais aqui e eu preciso absorver tudo que puder.

Ele se levanta e olha para todos na mesa e apenas sai sem dizer nada,

deixando-a sem resposta. Ela olha sem graça para todos e seus olhos ficam triste. A vontade que tenho é de ir atrás dele e fazer ele se desculpar com ela, mas eu não faço, apenas pego sua mão e me viro para ela.

— Você está bem? — digo e ela aperta minha mão e solta delicadamente — Eu não sabia que ele era tão intolerante, eu não teria me intrometido em nada.

— Ele está tendo um péssimo dia — ela diz se ajeitando na cadeira e sorri para Derek — Vamos voltar.

A tensão instalada foi se desfazendo aos poucos, eu voltei a conversar com ela. Seu olhar triste não

se dissipou e isso me fazia perder a concentração de tempos em tempos. Terminamos a reunião com um contrato para analisar.

— Agora já tomamos mais o tempo de vocês— Callie diz segurando a pasta na frente do corpo abraçando-a — Vão analisar tudo que tem para analisar e depois voltem aqui.

Todos saímos do nosso lugar e vão cumprimentar Derek. Eu não vou até ele, apenas me viro para ela.

— Iremos analisar sim — digo e estendo a mão — ansioso para fazer negócios com vocês.

Ela sorri genuinamente e fala.

— Prefiro seu cabelo assim do

que antes — não deixo de evitar a confusão em saber do que ela está falando, meus cabelos são os mesmos desde uns dois anos atrás, mudou desde a última vez que a vi — eu vi uma foto sua na internet, seus cabelos eram diferentes na sua época da escola, eram curtos.

Solto a respiração
pausadamente em um ato imperceptível.

— Isso — digo e ela solta
minha mão — eu deixei crescer, tinha
preguiça de ir cortar.

— Sério? — ela diz me
olhando estranha.

— Não — digo e ela sorri —
uma vez uma garota sugeriu e eu prometi

que da próxima vez que ela me visse eles estariam grandes.

— E o que ela achou? — ela diz interessada na história.

— Nunca tive a oportunidade de mostrar a ela — olho em seus olhos e ela fica incomodada.

— Ela irá gostar — ela diz se virando e saindo — todas gostam de alguém que mudaria por elas — ela para e me olhar — ou se ajusta por elas.

— Espero que sim — respondo e a recepcionista a encontra na porta. Em um aceno com a mão, ela deixa a sala de conferência.

Acho que já não me arrependo mais de ter voltado aqui. Ou pelo

menos, não tanto desde que pisei aqui.

Callie

Hoje

Sinto-me ridícula pela forma como Chris falou comigo hoje, na frente de todos e inclusive do Derek. Ele já não apoia essa relação, agora ele vai me

infernizar sobre isso. Meu irmão se mudou desde que sua namorada engravidou, hoje moro sozinha na casa que era dos nossos pais. Brenna na verdade é mais minha amiga do que namorada do meu irmão, ela me ajudou a manter a sanidade quando eu queria surtar. Quando ela reapareceu em minha vida foi mágico, nós estudávamos perto e logo voltamos a ser amigas, no que creio ter sido com a mesma intensidade. Apenas não me lembrava dela, mas parecia algo certo, ela mostrou algumas fotos de nós juntas, o que provava que éramos amigas mesmo.

Nesse momento estou aqui, como madrinha de casamento da minha

melhor amiga ajudando-a a escolher o vestido de um dia tão especial.

— Esse tipo está muito comum
— Brenna diz segurando um vestido na frente do corpo — não sei se é certo casar de branco.

— Você casa da cor que quiser
— digo desviando minha atenção para meu celular — sua barriga ainda não está aparente.

— Eu sei — ela diz se olhando de lateral no espelho que pega do topo da sua cabeça até os pés — eu sou magra, muito magra... não gosto disso.

— Tem dois meses vomitando todos dos dias — digo justificando — é normal você ficar tão seca.

— Não precisa estragar, amiga
— ela diz colocando as mãos na cintura.

— Desculpa — digo ficando
em pé ao seu lado — Você está linda.
Magra ou gorda, você sempre será linda.

Ela enxuga as lágrimas, esqueci
dos hormônios. Volto a sentar e ela se
joga ao meu lado.

— Eu estou feliz — ela diz e
seguro seus dedos magros observando
suas unhas tão perfeitamente arrumadas
em um esmalte vermelho.

— Isso é bom — digo olhando
nosso reflexo — você já teve a
impressão de ser íntimo de uma pessoa
que acabou de conhecer?

Ela me olha e franze o cenho.

Joga seus cabelos ruivos para trás e me encara.

— Como assim? — solto sua mão e fico em pé na frente do espelho, observando minha imagem.

— Não sei explicar — digo, meus pensamentos, imagens borradas se formam em minha mente e não se são imagens de filmes ou são memórias que voltam ao lugar que sempre pertenceram.

Uma vendedora entra fazendo Brenna ficar em pé outra vez. Trazendo outros vestidos e pendurando em sua frente.

Eu queria poder deixar aquelas imagens mais nítidas, mas não ficam. A

voz é um som desconhecido e o vulto sem rosto.

Volto-me para elas e me deixo entrar na escolha do modelo do vestido da minha única amiga.

Assim que estaciono na frente da garagem da minha casa, vejo Derek parado encostado no carro dele. Seus braços cruzados na frente no corpo e a irritação estampada na cara me diz que essa conversa não será tão agradável quanto eu espero.

— Estava com a Brenna —
digo assim que desço do carro.

— Eu sei — ele diz sem graça
— Você sabe porque estou aqui, não

sabe?

Apoio-me no carro na mesma posição que ele.

— Posso imaginar — digo encarando a grama a minha frente.

— O que foi aqui, Callie? — ele diz colocando as duas mãos nos bolsos frontais da sua calça e eu reluto olhá-lo — Porque o Chris te tratou daquela forma?

Eu respiro para falar, mas ele não deixa.

— Aquilo não pode se repetir — ele diz apontando para o nada — Você estava trabalhando e ele também. Na empresa ele não pode ser seu namorado, ele tem que ser a merda do

advogado.

— Eu sei, Derek — digo me justificando por algo que não fiz — mas ele anda daquele jeito, gritando por nada. Ele não quer que contratamos a banda. Eu não sei o motivo, eu apenas não sei.

Ele sorri como se tivesse entendido tudo.

— Me deixe conversar com ele — ele diz apontando para a casa — ele está aí?

Dou de ombros, eu não falei mais com ele desde a gravadora. As luzes apagadas, acredito que ele não está lá no escuro.

Abro a porta e não tem sinal de

luz ligada ou vida dentro daquela casa. O corredor que dá para os quartos, fica de frente para a porta de entrada e logo do lado esquerdo fica a cozinha. O lugar onde passávamos mais tempo com nossos pais. Nossas reuniões se resumiam ali.

Derek vai até a geladeira e se serve de água, voltando e se apoiando no balcão. Sento-me ao seu lado, estamos sempre cercados, há muito tempo não conversamos.

— Eu sinto falta deles — digo olhando para a água serena dentro daquele recipiente transparente.

— Eu sei — Derek diz em um longo suspiro — eu penso neles todos os

dias.

— Desculpa, Derek — digo sentindo um aperto no peito — Às vezes eu acho que não vou suportar.

Minha voz sai em fio, o nó parece aumentar sempre que penso neles.

— Eu não quero deixar você sozinha, Callie — ele diz se virando para mim — eu vou voltar para casa, eu e Brenna podemos ficar aqui com você.

— Não é justo — digo pegando sua mão forte — eu vou ficar bem, ela merece o próprio espaço, assim como você. Vá ser feliz com sua família, meu irmão.

— Você é minha família

também — ele diz sorrindo — sempre será minha pequena irmã.

O aperto de desfaz e eu relaxo. Ele finaliza a água e coloca o copo sobre o balcão, desce do banco e sai andando em direção a porta.

— Derek — chamo seu nome sem me mover, o encarando de longe — você acha que um dia eu poderei resolver o quebra-cabeça que é minha mente?

— Você não precisa disso, Callie — ele diz soando preocupado — Dê um tempo.

— Mas e se nunca voltar? — insisto e ele volta em minha direção, apoia as duas mãos em meus ombros e

me olha nos olhos.

— Você fará outras — ele diz
paciente — apenas se permita.

Ele dá um beijo em minha testa
em despedida e sai. Fico sentada por
alguns minutos, reunindo coragem para
levantar. Dou um pulo do banco e
resolvo colocar uma música para rolar.
Preciso preparar algo para comer. *Snow
Patrol* grita pelos alto-falantes e eu me
junto no refrão.

— *If I lay here* — canto, ou
melhor, grito o refrão, colocando as
luvas de borracha azul para lavar os
pratos — *If I just lay in here, would lay
with and just forget the world.*

Pratos limpos e cozinha em

perfeito estado. Olho no relógio e já é tarde, Chris geralmente essa hora já está em casa. Escuto seu carro estacionar na garagem e corro para o sofá e ligo a TV. Ele não gosta muito quando ligo o som a noite.

— Oi — ele diz abrindo a porta com a própria chave — desculpa pelo atraso.

Não respondo sentindo o cheiro do álcool de longe.

— Você estava bebendo? — pergunto enquanto pulo os canais.

— *Happy Hour* — ele diz depois se jogar ao meu lado e passar o braço por meus ombros — Estava me esperando?

Tento manter a calma e sorrio.

— Sim — digo e resolvo tomar um banho — mas agora vou tomar um banho.

— Quer que eu te acompanhe? — ele diz com seus olhos claramente enxergando duas de mim.

— Apenas fique aí — tudo que digo antes de me dirigir para meu quarto.

— Qual é, amor? — ele diz com a língua pesada e eu paro para dar uma última olhada nele — Você está chateada?

— Não, Chris — digo sendo indiferente — Mas já conversamos sobre isso tantas vezes e você continua a

fazer.

— Desculpa, amor — ele diz, estamos juntos há um pouco mais de um ano, mas eu não me sinto bem quando ele chama de amor — mas eu precisava disso.

— É o que você sempre diz — a última coisa que digo.

Entro em meu quarto e solto um longo suspiro, ele sabe o quanto eu odeio pessoas bêbadas, mas, mesmo assim, ele bebe. Hoje parece que ele ultrapassou todos os limites e ainda voltou dirigindo para casa, o que mais me deixa irritada, sabendo todo meu histórico ele ainda faz isso para me deixar nervosa.

Tento não me importar, eu realmente gosto do Chris, mas preciso que ele também goste de mim. Nosso namoro não é tão recente, mas nas últimas semanas para cá, eu já não o reconheço mais. Eu o olho e não vejo mais o rapaz engraçado e espontâneo que conheci quando eu estava na faculdade, esse lado egoísta e arrogante começou a surgir quando nos mudamos para cá, a decisão de me acompanhar partiu dele mesmo, e agora começo a pensar se foi boa ideia. Se continuar assim não sei se serei capaz de lidar com isso.

Depois de deixar a água fria cair sobre meus longos cabelos, eu

fecho os olhos esperando aquela onda de desconforto passar, mas o dia de hoje me volta a memória, a forma como eu encontrei o Rafael hoje cedo e como seu corpo ficou tão perto do meu na hora de me ajudar a pegar a lata de café no mercado. Vê-lo tão perto e saber que as músicas que me ajudou a sair daquele estagio de quase depressão, saber que ele dedicou um tempo a construir algo que significa para as pessoas, algo lindo, é como se eu conhecesse ele, é como se ele tivesse *escrito para mim*.

Meus pensamentos são interrompidos com o barulho estrondoso de coisas caindo no chão da cozinha. Desligo o chuveiro e me coloco dentro

do meu roupão. Quando chego, vejo pó de café por toda pia e pelo balcão que fica ao lado, a cafeteira está no chão e seu “suporte de vidro” está quebrado, espalhado em cima da cerâmica de porcelana e ele está com as duas mãos apoiadas no balcão e com os olhos fechados, com respiração profunda.

— O que aconteceu? — eu consigo dizer afinal.

— Não queria ligar — ele diz sem me olhar — Porque inferno você tirou da tomada? Você sabe que odeio coisas fora da tomada.

— Eu estava limpando a cozinha antes de você chegar — digo me justificando, não sabia que ele faria café

tão tarde — eu devo ter esquecido de colocar de volta.

— Não era para ter esquecido — ele diz e abre os olhos me vigiando, caminhando em minha direção para fora do balcão ele para e me olha — limpe essa bagunça, eu tomarei um banho.

Antes que eu possa responder ele já saiu do meu campo de visão. Ignorando o fato que eu acabei de limpar tudo isso, vou até a área de serviço e pego a vassoura e uma pá e refaço, limpando aquela bagunça na minha frente. Quarenta minutos depois eu já estou deitada na cama, olho para Chris que dorme pacificamente em seu lugar. Sua pele clara ainda está levemente

bronzeadas do nosso último final de semana na casa da minha avó, isso faz realçar as luzes naturais que ele tem em seu cabelo loiro, aquele tom que toda mulher chega no salão pedindo. Seu corpo forte sobre a cama parece tão leve, mas o único questionamento que me vem é, *porque ele está assim?*

Permito-me relaxar ao seu lado, isso não parecerá tão ruim depois de uma noite de sono.

Ainda resistindo a claridade que atinge meus olhos fechados, eu puxo o coberto cabeça a cima. Mas sinto uma sacudida de leve e abaixo o cobertor para ver o que ele tem a dizer.

— Bom dia — Chris fala, vestindo uma camisa polo preta e seu cheiro usual de banho me atinge quando volto a respirar — queria me desculpar por ontem à noite, as imagens estão borradas em minha mente.

Ele puxa uma rosa vermelha e me entrega, pego a rosa e me sento encostada na cabeceira da cama.

— Tudo bem — é tudo que consigo dizer, não quero conversar sobre aquilo, só tornaria meu dia pior. Forço um sorriso, mas confesso que me assustou um pouco, tenho que confessar — Você não vai trabalhar hoje? — pergunto e levo a rosa ao nariz, inalando todo cheiro.

— Pensei em passarmos o dia juntos — ele diz se aproximando e colocando meus fios soltos atrás da orelha — logo voltarei para meu apartamento, acho que poderíamos brincar de casinha mais um pouco.

Decido deixar tudo para trás por ora, ele merece que eu esqueça um pouco isso.

— Eu tinha que ir para a gravadora — digo olhando a hora e vendo minhas mensagens em meu celular — mas podemos fazer algo juntos se quiser, como sair para tomar café.

O celular dele toca interrompendo meus pensamentos e ele pede licença para atender, ele sai do

quarto para o corredor, vejo a última mensagem de Derek.

“ *O contrato é nosso!!*”

Isso é real? Oh, meu Deus!

Começo a dançar

freneticamente e sem coordenação, eu estava feliz, não me importo. Chris me olha, rindo da minha falta de noção encostado na soleira da porta, com uma mão no bolso e a outra segurando o celular.

— O que aconteceu? — ele diz encarando a tela do aparelho.

— O contrato é nosso — digo dançando uma música imaginária — é nosso! Meu Deus!

Ele fica sério, como se aquilo

não fosse boa coisa, mas eu ignoro. Eu realmente não estou nem aí. Ele vem em minha direção ainda sem expressão e para na minha frente.

— Vamos sair para comer? — ele diz me analisando com uma expressão de desgosto — Você pode comemorar seu contrato.

Meu celular toca e na tela a foto de Derek vesgo aparece e eu sorrio. Meu irmão era ridículo.

— *Hello, brother* — faço o sotaque britânico mais horrível tentado por alguém.

— *Hello, sister* — o dele definitivamente sai melhor — a mensagem significa que você tem

trabalho a fazer.

Reviro os olhos, a faculdade de música realmente foi divertida. Espero que na prática eu me dê tão bem, estou pensando em chamar Brenna para ser minha assistente, éramos uma dupla e tanto.

— Eu sei — digo olhando para Chris que ainda está parado a minha frente — eu só vou tomar café com o Chris, logo depois vou para aí.

— Se é preciso — ele diz desdenhando — mas não atrase muito, lembre-se que nosso investimento é por hora.

— *Okay, Brother* — digo me divertindo com a autoridade dele, eu

estava tão feliz — Beijos.

— Não se atrase — ele diz antes de encerrar a ligação.

Faço a última dancinha da vitória e jogo o aparelho celular na cama. Chris cruza os braços e sorri.

— Me fale da reforma — digo interessada, o apartamento que Chris comprou há uns três meses veio cheio de defeitos, teve que fazer vários reparos, então decidimos que ele ficaria aqui por um tempo, mas eu gosto da minha privacidade e nós decidimos que não seria bom para nós morarmos juntos antes de um bom tempo de relacionamento.

— O responsável me ligou —

ele diz deitando na cama novamente e eu entro para o banheiro — disse que essa semana fica pronto.

Não deixo de ficar feliz pela notícia. Minha avó está vindo visitar e eu não quero que ela veja ele aqui, teria que explicar muita coisa. Não falo mais e me envolvo em um banho rápido, não posso perder mais tempo do que já perdi.

Fico pronta em questões de minutos e logo saio do banheiro. Uma calça branca jeans justa e uma camisa cinza de mangas até os cotovelos, formam minha grande produção, pego uma bota de salto não tão alto preta e calço. Minha coleção de botas é extensa,

80 por cento de meus calçados são botas.

Logo que fico pronta a gente sai. Meu humor parece inabalável e eu gosto disso, partir de hoje sou produtora musical. Calliope produtora musical, Sr. Arthur amaria isso. Sorrio com ideia que meu pai está vendo isso, meu coração dói um pouco, mas logo passa.

Nos sentamos em um café perto da gravadora, pedimos duas xícaras de café e dois muffins. Eu adoro muffins e os daqui são os melhores.

— Então — digo adoçando o café que a atendente colocou em minha frente — sobre ontem...

Ele me interrompe antes que eu

possa prosseguir. Eu deixaria para lá, mas meu terapeuta disse que conflitos tem que ser debatidos, só assim poderemos seguir em frente.

— Amor, tudo culpa minha — ele diz pegando minha mão em cima da mesa — eu me lembro um pouco sobre a cafeteira. Te machucou?

— Não, Chris — digo o olhando, eu não ia tocar no assunto, mas é realmente preciso — mas eu quero saber se tem algo lhe incomodando?

— A empresa não está bem — ele diz depois de um longo gole de café — e provavelmente serei demitido.

Sou surpreendida com aquela notícia, a empresa que o Chris trabalha é

sólida, não entendi o não estar bem.

— Acabei deixando tudo se misturar — ele continua — eu não deveria ter bebido.

— Não mesmo — completo — mas você irá procurar outra empresa? Posso ver com minha avó se você quiser.

Ele nega com a cabeça.

— Não — ele diz calmo — deixe sua avó fora disso. É um problema meu, eu resolvo.

— É um problema nosso — digo lembrando que somos um casal — nós estamos juntos, Chris e se minha família pode ajudar, eu irei pedir ajuda.

Ele abre um sorriso lindo. Eu

gosto dele, eu gosto desse sorriso. Só não gostei dos últimos dias.

— Mas não vamos surtar ainda — ele diz pedindo a conta — vamos, vou te deixar na gravadora, depois vou lá ver como está o apartamento.

Ele puxa a cadeira para que eu possa levantar, enrosca seus dedos nos meus e saímos pela calçada, caminhando devagar em silêncio. Chegamos a porta da gravadora e paramos na frente das portas de vidros, ele fica de frente para mim e me beija, recebo seu beijo, calmo e gentil. Às vezes eu tenho a impressão que ele acha que pode me quebrar como se eu fosse uma vareta que ficou jogada no chão secando no sol. Tento dar

voracidade ao beijo, mas ele se afasta e me sinto ridícula, tem muito tempo que não tenho dores fortes de cabeça, mas ele me trata como se eu fosse ainda uma doente.

— Tenha um bom dia no trabalho — ele diz depois de se afastar um pouco — depois passo aqui para ver o contrato.

Um carro estaciona e os meninos da banda desce. Matt, traz suas baquetas nas mãos e todos riem como se tivesse acabado de ouvir a melhor piada do mundo.

— Hey — Matt diz se aproximando de mim e estendendo a mão — Veja se não é nossa nova

produtora. Ouvi algumas músicas que você produziu no estágio, estou feliz por nossa decisão.

Apenas sorrio e Chris segura possessivamente minha mão quando vê Rafael passar por nós, ele passa sério e um tímido aceno de cabeça é tudo que recebo. O empresário passa e acena com a mão, Ramon tem uns fones de ouvido e, tenho certeza que ele não nos vê ali.

— Agora eu já vou — digo para Chris com um beijo em seu rosto — eu peço para Júlia ligar assim que eu souber que tudo já está pronto.

— Eu te amo, Callie — ele diz e isso me pega meio desprevenida, isso não é algo que dizemos sempre assim.

— Eu também — é tudo que digo, solto sua mão e saio andando, os rapazes já estavam todos dentro da gravadora, antes de entrar totalmente, dou um último aceno e ele sai.

Passo por Júlia e ela logo sorri me chamando até o balcão da recepção, aproximo-me e ela fica em pé ao meu lado. Júlia é nova e aspira um dia trabalhar diretamente com música, mas enquanto isso, trabalha aqui para pagar a faculdade.

— Oi, Ju — digo me aproximando, seus cabelos têm os cachos mais lindo que uma pessoa pode sonhar em ter.

— Será inconveniente pedir

autógrafo? — ela fala encostando ao meu lado e batendo seu ombro no meu.

— Provavelmente sim —
respondo observando eles pelas paredes de vidro — você verá tanto eles que vai abusar.

— Não, gata — ela diz me olhando de cima a baixo — eles são muito bons e muito gatos. Acho que terei trabalho de focar no meu trabalho.

Permito-me olhar para eles como homens. Matt tem os cabelos tão escuros, um pouco abaixo dos ombros em fios lisos e pele clara, seus braços fortes e tatuados de forma desordenadas, dá um contraste impactante com seu senso de humor, ele definitivamente é

bonito com seus olhos que variam entre o castanho e o verde.

Ramon não parece um *rock star*, sei que eles odeiam esse termo, mas não conheço outro para me referir, ele tem o cabelo cortado baixo como de um soldado do exército e nenhum desenho tatuado no corpo. Também é o mais forte, dando a impressão de ser um soldado mesmo. Seus olhos negros como a escuridão contrasta com a pele branca.

Rafael, ele tem uma cor que parece ter sido feita para ele, uma pele, uma cor que deixa claro que ele tem em seu DNA alguns traços indígenas, seus cabelos não tão grandes, está agora um pouco abaixo da nuca, está coberto por

uma touca preta. Seus braços também estão limpos até onde posso ver com a camisa que ele está vestindo, que cobre um pouco abaixo dos cotovelos, mas está claro que por baixo de todo aquele pano, tem um corpo que foi esculpido com malhação.

Os dedos de Júlia estalam em minha frente e me pergunto por quanto tempo fiquei apagada.

— Você é comprometida — ela diz ainda encarando eles também — e o seu namorado não é de se jogar fora.

Belo jeito de dizer que o Chris é bonito. Mas as vezes acho certinho, arrumadinho de mais.

— Eu sei, Ju — digo saindo do

transe totalmente — mas você quem começou.

— Algum deles tem namorada?
— ela diz e eu ajeito minha postura.

— Não sei — digo sendo sincera.

— Eu gosto desse Rafael — ela diz e me sinto estranha — ele é um mistério e eu amo mistério. Poderia desvendar ele todinho se ele quisesse. Sinto-me incomodada, eu não posso me sentir assim.

— Posso ver isso para você — digo em uma forma de matar, arrancar, esquartejar tudo que está prestes a acontecer em meu peito.

— Sério? — ela diz e eu saio

andando, tentando manter o equilíbrio em um salto de 7 cm — te amo, Callie.

Ela diz isso me faz rir ironicamente.

— Eu também — digo passando pelas portas de vidro. Respiro fundo e chego até eles.

Eles me recebem com um sorriso receptivo e eu sinceramente não sei por onde começar. Sei que meu nervosismo começa a aparecer, isso não é bom. Matt está fingindo que toca uma bateria na mesa e os outros estão com cadernos nas mãos, ou folhas. Derek se aproxima de mim e me olha com paciência.

— Você dá conta — ele diz em

meu ouvido e eu respiro fundo —
mantenha a calma.

— Olá, rapazes — digo e eles
me olham, tenho que ter atitudes
profissionais — Obrigada pela
confiança, eu ainda estou meia em
choque, mas feliz. Vamos iniciar com o
que vocês têm para mim e depois,
vamos trabalhar com o que tenho para
vocês?

Convido eles a sentarem com
um gesto e eles sentam ao redor, os
quatro. Derek se despede e sai falando
ao telefone. Respiro fundo e penso tudo
que sei fazer.

A conversa flui, eles são bem
receptivos e abertos a opinião. Seu

empresário também vai embora, disse que tem umas entrevistas para decidir se eles farão, também quer fazer logo a divulgação de nossa contratação.

Ficamos só os quatro, Ramon é diferente do que imaginei, achei que seria o mais difícil de trabalhar, por mostrar ser mais fechado, mas não, ele é apenas focado na música que ouve em seus fones.

— Callie — Ramon diz me passando seus fones — Escute essa virada na bateria — ele diz mostrando uma música que não conheço de cara, mas definitivamente deveria ouvir em outra oportunidade.

— Depois quero ouvir mais disso, pode ter certeza — digo para

Ramon — eu queria saber se eu posso chamar uma amiga para me ajudar a produzir o CD de vocês, ela é formada em música e domina vários instrumentos clássicos, mas também temos a mesma formação no curso de produção fonográfica, ela fez o curso tecnólogo junto comigo. Tudo que vocês ouviram foi nós duas que produzimos, hoje ela dá aulas para crianças, mas cansou da profissão.

— Por mim tudo bem — eles dizem juntos e desordenadamente.

— Ela também é noiva de Derek — digo e eles se olham.

— Seu irmão é noivo? — Matt fala fazendo cara que não tinha noção

daquilo.

— Sim — digo ficando em pé
— e vocês? — digo encarando os
papéis na minha frente.

Matt e Ramon riem alto e
Rafael se mantém sério. Porque ele é tão
sério o tempo todo?

— Não, Callie — Matt diz se
aproximando mais de mim como se
contasse um segredo — somos livres,
para ficar com quem quisermos.

Não escondo o sorriso. Meu
Deus! Coração traidor.

— Bom saber que não teremos
tumultos por parte de relacionamento —
digo, já vi cada coisa aqui no estúdio.
— porque vocês ficarão tanto tempo

fora de casa e eu sou mulher — digo baixo — queria conhecê-las se elas existissem.

— Nosso relacionamento sério agora é com a música — Ramon diz ficando em pé.

— E conseqüentemente com você — Matt diz levantando e pegando água que estava no gelo logo atrás dele — ou seja, estamos casados com você até que nosso álbum fique pronto.

— Bom saber — digo entrando na brincadeira — vocês querem comer? Posso pedir comida para a gente aqui e podemos trabalhar em algo que vocês tenham, ou vocês podem ir para o estúdio e fazer a esposa aqui feliz com

um show particular.

O silêncio de Rafael começa a me incomodar. E eu respiro fundo.

— Eu e o Ramon vamos pegar comida aqui do lado — Matt diz indo atrás de Ramon que não tenho noção de onde ele está.

— Traga uma salada para mim — digo olhando meu celular e mandando uma mensagem para Brenna.

— O de sempre — Rafael fala antes dele sumir.

Fico um pouco nervosa, mas, mesmo assim, resolvo falar. Concorro com Júlia, ele é um mistério.

— Algo errado? — pergunto me dirigindo diretamente para ele, com

coragem para olhá-lo — a gente só brincou um pouco, percebi que você mudou quando falamos do casamento, a gente não brinca assim se não se sentir confortável.

— Não tem problema — ele diz me olhando, seus olhos negros me encaram — apenas tome cuidado, seu namorado parece não gostar muito da gente.

— Se for verdade — digo sorrindo e dando de ombros — ele terá que conviver com isso, porque eu quero poder produzir muitas músicas com vocês.

Um esboço de sorriso surge em seus lábios, ele é tranquilo. Sua

companhia me faz bem e eu sinto vontade de saber tudo sobre sua vida, uma vontade sobrenatural.

— Suas músicas significam muito para mim — continuo e ele me encara como se eu fosse louca — passei por uns problemas e por muito tempo, elas eram tudo que eu tinha. Era como se você conversasse comigo através delas, eu queria que você soubesse que seu tempo não foi gasto em vão.

Ele está paralisado depois da revelação, eu acho que exagerei.

— Sêrio? — a única coisa que ele diz, ao menos ele não saiu correndo.

A porta é aberta de uma só vez, Brenna e Derek entram nos deixando

desconfortável. Os olhos de Brenna e Rafael se cruzam e o sorriso no rosto dela se apaga, fico em pé em um pulo para apresentar os dois.

— Rafael — digo ficando ao lado do casal — essa é Brenna a noiva de Derek.

Um aperto de mão mais estranho que a humanidade poderia presenciar foi feito.

— Brenna, eu quero te convidar para ser minha assistente nessa gravação — digo e ela leva a mão a boca.

— Sério, amiga? — ela diz olhando para mim, ela é mais alta do que eu uns 15 cm, fazendo com que ela de rasteirinha, ainda seja mais alta do

que eu de salto — claro que topo.

Nos abraçamos e Matt e Ramon chegam com as comidas, Brenna coloca a mão na boca e sai da sala em disparada, os enjoos são repentinos e isso deixa meio cômico. Sorrio e ela se despede dizendo que me liga.

— Ela está grávida — digo, eles se olham estranho, eu não entendo, mas deixo para lá.

Desde que voltei para o mundo, depois de acordar do meu coma, eu tenho a impressão que todo mundo sabe algo que eu não sei e esses olhares não ajudam. Ramon coloca a salada em minha frente e eu agradeço. Eles mudam de assunto e eu como, tentando não ficar

paranoica com isso. Eu levei um ano para poder voltar a estudar, eu não sabia quem eu era, eu tive que me redescobrir, até que em um dia louco, Brenna apareceu, contra a gosto da minha avó e por um momento me senti normal. E desde então não nos separamos.

— Eu tenho uma frase de vocês tatuada — digo e eles me olham como se eu tivesse dizendo que ia jogar eles no fogo — na lateral da minha costela. Doeui feito um parto, mas no final ficou perfeito.

— Qual frase? — Matt pergunta interessado.

— Você é a única memória que não poderei apagar — digo rindo, eu

amava essa parte da música, essa frase é minha. Subitamente Rafael se levanta, em uma ação robótica.

Parece que eu o ofendi, fico sem jeito e os meninos me olham com compaixão.

— Falei algo errado? —
pergunto e Matt se levanta.

— Nada errado — ele diz saindo — É só um momento difícil para ele.

Fico sem entender nada, outra confusão é feita dentro de mim e me sinto perdida outra vez.

Rafael

Hoje

— Você poderia ser mais otário do que aquilo? — Matt diz dentro do banheiro masculino — Ou ainda tem mais um nível para alcançar?

O empurro com força contra a parede e miro um soco em sua cara, seus olhos arregalados me encaram e eu desisto da agressão soltando ele e saindo de perto.

— Eu não posso — digo sentindo um fracasso em meus ombros

— eu odeio tudo isso.

Matt me conhece bem, somos amigos desde a escola. Ele esteve ao meu lado em cada parte do meu sofrimento e agora sei que estou perdendo a cabeça.

— Você pode — ele diz me olhando com raiva — Porque eu quis desistir, não seja mais otário do que isso. Se você a ama, o problema é seu. Engula isso, merda!

— Como eu posso engolir isso? — digo olhando para meu amigo — eu não posso, eu a olho e todas as lembranças voltam. A culpa. A culpa dentro de mim.

Ele desarma. Eu nunca falei

isso.

— Ela não deveria ter viajado — eu continuo dizendo — mas ela insistiu tanto para seus pais irem me encontrar lá. Eu sou culpado. Ele segura meus ombros.

— Você não foi o cara bêbado que bateu no carro deles — ele diz baixo — ele é o único culpado. Como você pode culpa um adolescente que só queria ver um show com sua namorada? Me diga Rafael. Como você adivinharia isso? Poderia ter acontecido com a gente, nós também viajamos de carro com meu pai.

Encaro o chão, não sei mais o que pensar. Eu já repassei tantas vezes o

nosso último encontro quanto eu posso contar.

Ela veste um short jeans curto e suas pernas estão amostra, ela está deitada entre minhas pernas encostadas contra meu peito. Estamos no pátio da escola, nosso penúltimo dia de aula.

— Serão apenas dois dias — digo sentindo o cheiro dos seus cabelos — não perceberá que fui.

— Duvido — ela diz em um suspiro — bem que eu poderia ir, meus pais poderiam ver minha avó e eu poderia ir para o show com você.

A ideia me soa muito tentadora.

— Mas você nem gosta tanto dessa banda — digo, eu não deveria recusar sua companhia.

— Mas eu amo você — ela diz me olhando de onde está — eu amo ver sua empolgação com músicas, a banda é boa. Não vejo motivos para não ir.

— Eu também amo você — digo beijando seus lábios — e jamais recusaria sua companhia. Mas eu irei com o pai de Matt, então veja com seus pais, provavelmente eles irão preferir que você vá com eles.

— Irei ver isso — ela diz ficando totalmente de frente para mim — Será no dia do nosso aniversário de dois anos juntos.

— É verdade — respondo me dando conta — o ensino médio acabando, não parece que já se passaram três anos desde aquele dia.

— Eu sei — ela sussurra me beijando — espero que tenhamos mais anos pela frente.

— Eu te amo, Calliope — eu digo me sentindo o homem mais sortudo do mundo.

— Eu te amo, Rafael — ela diz e volta a me beijar.

Quando voltamos para a sala, Júlia a recepcionista, nos avisa que eles foram para o estúdio. Seguimos para onde eles estavam, Ramon toca guitarra,

algo que não conheço e ela está sentada “a mesa de produção”, Matt entra no lugar a prova de som e eu puxo uma cadeira ao seu lado. Eu lhe devo um pedido de desculpa.

— Oi — digo ao me sentar ao seu lado — eu estou com uns problemas, desculpa por aquilo.

Ela vira sua atenção para mim e alcança minha mão.

— Podemos conversar se quiser — ela diz, sua mão, seu toque. A vontade que tenho é de dizer logo tudo.

Isso é uma maldição em minha vida. Olhar para ela e saber que não existo em sua vida. Isso me mata todos os dias.

— Eu vou ficar bem —

respondo e por um segundo deixo meus dedos tocarem os seus, como fazíamos antes. Sua mão lisa contra os calos em meus dedos. Eu achei que jamais faria isso outra vez. Ela encara nossos dedos, mas eu não paro. Ela resiste e tira sua mão lentamente da minha.

Eu não sei como sobrevivereei a isso, mas eu não me desculpo. Eu não posso desculpar por tocar ela, por ainda a desejar. Matt chama a gente e nos viramos para ele, a comunicação estava “cortada” e ela libera o microfone.

— Vocês ouviram? — ele diz e nos olhamos, sem saber o que responder.

— Preciso ouvir outra vez —

Callie me olhando com cumplicidade. O que aconteceu não parece incomodá-la, ela solta o botão e me olha. — ele não precisa saber que não ouvimos.

— Isso é verdade — respondo tentando parecer tranquilo.

A tarde passou normalmente, ninguém mais apareceu, nossas conversas foram apenas sobre músicas, mas não minhas músicas. Sobre músicas em geral. Eu não entrei para o estúdio, fiquei apenas ao seu lado, seus dedos dançaram habilmente pela mesa e eu admirei.

Uma vez ela disse que queria ser capaz de fazer música e hoje, ela é. Batem à porta e logo se abre revelando

quem era. A recepcionista estava lá segurando copos gigantes de café.

— Trouxe para vocês — ela coloca o café em cima de uma mesa estreita, encosta na parede atrás de nós — já é tarde e eu estou indo.

— Não vá — Callie diz apontando para a cadeira — venha ver os meninos tocarem um pouco.

O rosto dela se ascende e ela não reage por uns segundos, depois corre como uma criança e senta na cadeira ao lado de Callie.

— Sou sua fã — Júlia diz para mim como se contasse um segredo mais profundo — nem acredito que estou tão perto de você — ela diz passando o

braço na frente de Callie — daqui eu posso tocar seu braço — não evito o sorriso.

Estendo minha mão e toco seu braço e Callie ri meio sem jeito.

— Toquei seu braço — digo brincando e ela toca o meu de volta.

— Provavelmente irei tuitar isso — ela diz e eu espero ela dizer que está brincando, mas não, ela pega o celular e digita rápido e antes que ela aperte o botão enviar eu a paro, isso pode virar um tumulto.

— Não faça isso — digo sendo gentil — você não vai querer ter toda cidade lá na porta gritando.

Ela me olha como se

desconfiasse do que eu disse. Em vez de enviar, ela mira a câmera do celular.

— Então vamos de *selfie* — ela diz mirando a câmera em nossa direção — deixo para postar quando estivermos bem distantes, eu prometo!

Nessa hora os outros já tinha se juntado a nós. Nos unimos e tiramos a foto. Logo depois do gesto a porta se abre novamente, o namorado de Callie abre a porta e nos encara. Ainda não entendo como alguém como ela pode ficar com alguém como ele. Algo que não consigo entender de forma nenhuma.

— Pronta? — ele diz nos ignorando completamente.

— Sim. Vocês têm alguma coisa

para me adiantar amanhã? — ela diz se virando para nós logo depois de ficar em pé.

— Já iniciaremos a primeira etapa amanhã — digo ficando em pé também ao seu lado — espero poder encontrá-la cedo, gosto de trabalhar pela manhã.

Chris me olha como se pudesse ser mais do que uma ameaça para ele.

— Por mim tudo bem — Callie diz pegando a bolsa — eu estou muito ansiosa para ler o que vocês escreveram, louca para saber quais serão as próximas letras.

— Na verdade — Matt diz com o braço em volta do pescoço de Júlia —

nós não escrevemos letra, apenas Rafa faz isso.

Ele diz como uma coisa óbvia e Callie mostra cara de surpresa.

— Nossa! — ela diz em um suspiro e logo percebe que seu namorado ainda está ao seu lado ficando sem jeito — Então, amanhã?

Apenas assinto e ela se despede com um aceno saindo do estúdio. Olho para Matt que me repreende com o olhar e eu apenas ignoro. O fato de eu mentir para estar com ela deveria fazer sentindo em sua cabeça perturbada.

Algumas coisas acontecem sem data ou hora marcada, às vezes depende

de uma decisão para você mudar todo o rumo da sua história. Eu ainda me sentirei culpado pelo o acidente, ainda conseguirei seu perdão, mas vê-la com aquele cara, está me tirando do sério e eu não vou me permitir perdê-la mais uma vez na mesma vida.

Paro na cafeteria perto da gravadora e pego dois cafés e um muffin, seu tipo de bolo preferido. Ela e minha mãe chegaram a inventar receita de muffin, estragaram muito no começo, mas logo acharam uma receita que deu certo.

Quando chego na gravadora, Júlia sorri em recepção e eu sorrio de volta.

— Onde estão os outros? — ela diz me fazendo parar em seu balcão.

— No hotel — respondo e coloco o suporte que trago os cafés em cima do balcão — a Callie já está aí?

Ela assente e eu olho entre as paredes de vidro, mas não a vejo.

— Postei nossa foto — ela diz me mostrando uma rede social que não conheço — choveu curtidas, sou popular agora.

Apenas balanço a cabeça e sorrio para ela. Logo Callie surge lendo algo em uns papéis em sua mão, pego o café entrando para a sala. Deixo Júlia entretida com suas curtidas na foto.

— Bom dia — digo assim que

entro na sala e ela sorri para mim — me senti na obrigação de trazer café.

— Não precisava — ela diz pegando o copo do suporte — mas obrigada mesmo assim. Estou sem cafeteira e como é cedo não tive tempo para comprar.

— Trouxe um muffin — digo suspendendo a sacola de papel e ela parece surpresa. Essa era a reação que eu queria.

— Eu amo muffin — ela diz pegando como se tivesse acabado de ganhar na loteria, em um pulo ela alcança meu rosto em um beijo e dessa vez, eu fui pego de surpresa — um dos melhores maridos do mundo.

Tiro o *pen drive* do bolso e a entrego, as letras que eu escrevi estão todas lá.

— Aqui estão as músicas que escrevi — puxo uma cadeira e ela senta na frente do notebook — algumas ainda não estão nem prontas, eu estava pensando, já que estamos aqui e essa é nossa cidade natal, pensei em fazer um concurso onde escolheremos duas músicas para compor nosso álbum, acho que seria o jeito ideal de interagir com os fãs.

Ela me olha como se a ideia valesse um milhão de dólares

— Eles também poderiam cantar com vocês — ela completa

abrindo os arquivos — isso é tão adorável da sua parte. Eles ficarão felizes, acho que podemos anunciar na internet.

— Acho que a Júlia pode anunciar na internet — digo pensando o quão popular ela ficou com uma única foto — eu não entendo muito de redes sociais, mas acho que será uma boa coisa.

— Eu gosto de como você pensa — ela diz me olhando e logo depois dá uma grande mordida no muffin que acaba deixando farelos pertos da boca, em uma ação automática, passo meus dedos sobre sua pele tirando o resíduo. Ela fica sem reação e eu acho

que exagerei. Tiro minha mão com relutância e pousa sobre a mesa — estava sujo, você come desastradamente.

Ela apenas sorri e seu telefone toca, o nome de Chris aparece na frente e eu me distancio um pouco empurrando minha cadeira.

— Alô — ela diz sussurrando uma desculpa — eu não quis te acordar, você sabia que eu ia sair cedo — ela pausa para ouvir o que ele tem a dizer — eu já tomei café, o Rafael me trouxe um muffin e um café — ela sorri para mim quando diz isso — Chris, você está sendo ridículo — ele eleva a voz e eu posso ouvir de onde estou, mas não consigo entender o que ele diz — faça o

que você quiser Chris, eu não irei ter a mesma conversa dez vezes — ele rebate o que ela diz, sua expressão está triste e ela está sem jeito — nos falamos a noite. Ela encerra a ligação e meu sorriso de missão cumprida sai espontaneamente.

— Tudo bem? — eu pergunto sendo solidário — não deixei de notar a briga.

— É o Chris — ela diz como se quisesse evitar falar sobre aquilo — eu ultimamente não o reconheço.

— Ou apenas ele está revelando o seu verdadeiro caráter — digo, conheci muitas pessoas que se revelaram com o tempo. Ela fica meio

perdida em pensamentos por alguns segundos e esboça um sorriso — eu não quis falar mal dele — completo — eu não deveria ter trazido café ou ter vindo tão cedo, não quero lhe causar problemas.

Falo baixo a última parte e ela me olha como se eu contasse algo mais interessante do que realmente é.

— Muito bacana de sua parte — ela diz se virando completamente para mim, seus olhos piscam devagar como se ela resistisse àquela reação automática — é bom saber que uma pessoa como você ainda existe, ninguém jamais trouxesse café só por me fazer acordar cedo.

— Precisando é só me ligar —
outra vez seu telefone toca e ela leva um
pequeno susto antes de alcançar o
aparelho.

— É Derek — ela diz ficando
em pé — eu fiquei de ler umas planilhas
que estão no escritório dele, já volto.

Ela sai pela porta de vidro e eu
a observo sumir para dentro da sala do
irmão. Ela sempre foi linda quando
garota e eu sempre disse que se
transformaria em uma mulher perfeita,
aquela mulher que parece ter sido feita
para você por medida e o resultado, foi
uma *Perfeita Simetria*.

Puxo o notebook para abrir o
pen drive, uma foto dela e Chris está na

frente, ela não parece tão feliz como nas fotos que eu tirava dela, eles parecem estar em uma festa. Chris segura uma bebida em uma mão e o outro braço está enroscado nos ombros dela. Ouço o barulho dos seus passos e logo abro a pasta de arquivo.

— Pronto — ela diz voltando para a cadeira onde estava — mantenha-me ocupada — eu a olho esperando explicação — eu preciso esquecer as duzentas brigas que tive hoje com meu namorado.

— Está tão difícil assim? — pergunto tentando olhar em seus olhos, mas ela está olhando fixo para os arquivos na tela do computador.

— Só um pouco — ela tenta soar convincente.

— Então — aproximo-me mais de sua cadeira e nossos braços se esbarram uma vez ou outra, sua respiração sempre fica irregular quando isso acontece — essas letras estão finalizadas — aponto para a pasta — essas outras não, mas mesmo as finalizadas podem passar por revisão, então sintá-se à vontade para opinar.

— Eu não farei isso — ela diz me olhando tão próximo que consigo ver os desenhos de seus olhos castanhos esverdeados — jamais mexerei em sua criação.

Sorrio da forma na qual ela

falou, como se fosse um absurdo. Ela coloca as letras para imprimir e eu a observo. Na verdade, eu não me canso de olhá-la, eu passei tanto tempo olhando para um pedaço de papel, que ver ela assim, meio que me tira do sério e me deixa sem razão. Ela pega os papéis na impressora e volta em minha direção.

— Tenho uma letra aqui — ela diz encarando os papéis — que eu pensei em uma melodia assim que bati os olhos nela. Posso tentar algo no piano?

— Sem sombra de dúvida — digo me levantando e a acompanhando para o estúdio de gravação.

No estúdio ela coloca a letra em uma mesa perto do piano preto e senta na cadeira com um caderno de anotações na mão. Seus dedos tocam as teclas de marfim com maestria e eu me deixo envolver pela melodia que sai do instrumento. É como se a vida tivesse alcançado outro nível, é como se hoje fosse noite de natal e eu acabei de ganhar o presente que tanto desejei.

Callie

Hoje

O dia passou como um raio, quando Rafael sentou ao meu lado no piano e nossos dedos se cruzavam e a música tomava forma, eu pude esquecer qualquer coisa que aconteceu comigo hoje mais cedo. A tranquilidade dele me traz paz e é isso que preciso no momento.

Os outros meninos da banda acabaram comendo algo no café da manhã que não caiu bem, nos ligaram avisando que estavam no hospital, mas não irei me preocupar com isso agora, eles devem estar bem a esse ponto.

— Acho que temos nossa primeira música feita — Rafael me diz assim que terminamos de escutar a música que construímos — você tem uma bela voz.

A música começa a repetir nos *headphones* que estamos dividindo, seu rosto está tão próximo que posso sentir o calor da sua pele na minha. Viro-me lentamente encarando os botões da mesa de mixagem, sinto minha respiração ficar pesada, ele falando assim perto de mim é algo que foge do controle as vezes. Por que perto dele eu reajo assim? Como se faltasse algo? Como se ele fosse o que eu preciso?

— Obrigada — tudo que

consigo dizer, minha garganta está seca, mas eu não consigo parar de ouvir a música — já sabe quem vai cantar com você nessa música?

— Você — ele diz e eu me viro rindo, porque aquela é realmente a melhor piada — se você não cantar essa música comigo ela não irá para o álbum.

— Você não pode fazer isso — digo me justificando e ao mesmo tempo feliz, quase dando cambalhotas de felicidade — precisa de alguém com experiência.

— Não, eu preciso de você comigo cantando essa música — ele diz em insistência — se você não cantar, ela não entra no álbum. Eu estou falando

sério.

— Você parece ter um bom argumento — digo, afinal é só uma música — mas precisa ver com os rapazes e iremos analisando sobre isso, não sou cantora e você sabe disso.

— Sem sombra de dúvidas isso é algo que eles irão querer — ele diz ficando em pé — melhor irmos, acho que a gravadora já está vazia e pode ficar tarde para você chegar em casa.

Fico em pé colocando os fones e lá desligo os aparelhos. Devolvo seu pen drive e sinto uma onda de calor quando nossos dedos se tocam e outra vez eu tenho uma sensação estranha em relação a ele. Vamos apagando as luzes

conforme vamos passando pelas salas, trancando a fechadura com a chave que tenho saímos para a rua.

— Eu quero agradecer por ser tão gentil — eu digo enquanto caminho para meu carro — eu sou nova nisso e eu estou disposta a aprender com vocês.

— É bom saber disso — ele diz se encostando no carro e eu faço mesmo. Eu não queria que esse dia acabasse — você sabe fazer música, pode ter certeza.

Abro a porta do carro e jogo minha bolsa dentro.

— Espero vê-lo em breve — digo me virando e ele faz o mesmo nos deixando frente a frente.

Esse olhar, esse momento, esse é meu medo. Porque ele me olha como se pudesse me ver? Porque ele fala como se pudesse saber cada coisa que irei decidir? Ele é um estranho, porque ele me conhece e me entende tão bem? E porque sinto que posso confiar nele?

Sua mão segura a minha e logo sobe por meu braço parando em meu ombro. Oh, Meu Deus! Porque ele está fazendo isso? Ele não pode fazer isso. Sua mão encontra minha nuca e essa foi a última vez que consegui pensar em algo. Ele me segura com força e eu me deleito em seu beijo, era esse beijo que pedi a meu namorado, mas ele me negou. A sensação de familiaridade no gesto me

assusta e eu me afasto encostando minha testa na sua, determinada a encerrar aquele beijo.

— Isso não é certo — digo com os olhos fechados, no momento que eu os abrir sei que não resistirei — eu tenho... — respiro fundo — eu tenho...

Ele cala minha boca com outro beijo e eu não me importo. Odeio o fato de trair meu namorado, mas, no fundo, eu não me importo verdadeiramente, pois sei que por um segundo eu nunca irei me arrepender desse momento.

Gotas de chuvas caem sobre nossa cabeça fazendo nos separar e creio que seja intervenção divina, antes que um erro maior seja cometido. Indico

para ele entrar no carro, ele dá a volta e entra no veículo fechando a porta junto de si.

— Eu sei que você tem namorado — ele diz tentando me enxergar na escuridão — mas eu não vou me desculpar por ter lhe beijado e se ele não começar a lhe tratar melhor, eu farei isso até que ele seja uma sombra em seu passado.

A respiração dói e eu estou tremendo. Eu não sei como reagir a isso, não mesmo. Eu não falo nada, não acho que posso ter resposta para aquela afirmação tão tentadora. Ligo o carro dando a ré e saindo do estacionamento, aperto os dedos no volante e tento

manter a sanidade.

— Eu irei lhe dar uma carona
— digo sem conseguir olhar em seu
rosto.

Essa promessa irá me tirar o sono e
sinto que não serei mais a mesma pessoa
depois de ouvir isso.

A chuva encerra, foi realmente
um sinal divino para encerrar um
possível desastre. Eu ainda estou
segurando tão firmemente o volante que
começo a sentir meus dedos gelados. Eu
não tive a capacidade de olhá-lo durante
o percurso, eu não podia olhar para meu
lindo erro.

Paro na frente do hotel e solto
um longo suspiro, é como se por hoje

estivesse salva. Mas quando sua voz invade meus pensamentos eu tremo toda, como se um terremoto chacoalhasse minha estrutura.

— Até amanhã — ele diz ainda sentando no banco do carona e eu tomo coragem para me virar — espero que tenha um final de noite tranquilo.

— Tentarei — digo fraca ou sei lá — espero que os rapazes estejam melhor.

Ele pega minha mão que estava apertando o banco de couro, sua mão quente sobre minha mão gelada. Como ele consegue ser tão calmo? Ele toca meus dedos com seus lábios e eu fico sem ação, já não sei se respiro ou não.

Parando nossas mãos no ar ele me olha com cuidado.

— Eu não menti sobre o que falei depois do beijo — sua voz se mantém serena, meramente calcula — Nunca deixe ninguém lhe tratar como ele lhe trata. Você merece muito mais do que ele e você sabe disso.

Ele pousa minha mão de volta onde estava e me deixa lá. Quer dizer, eu fico lá, tentando lembrar como dar partida no carro.

Ele some nas portas de vidros e eu me localizo, não estou distante de casa, mas eu não quero voltar para casa agora, eu preciso digerir isso. Pego meu celular e disco para Brenna, no quarto

toque ela atende.

— Está em casa? — pergunto sem ao menos cumprimentá-la.

— Sim — ela diz como se estivesse de boca cheia.

— Quer sair para comer? — pergunto sabendo que é algo que ela não recusa — eu pago, qualquer coisa que você quiser comer.

— Hambúrguer — ela diz depois de engolir — seu irmão me trouxe salada, como se salada fosse encher minha barriga. Fala sério!

— Passando aí em cinco minutos — digo já ligando o carro, meus sentidos voltaram ainda meio abalados, porém voltaram.

— Já estou pronta — ela diz e eu encerro a ligação.

Coloco uma música para me sentir mais leve e logo fico feliz quando a voz de Pink encontra meus ouvidos, eu adoro essa música e ela me causa algo que eu não consigo explicar, escutá-la sem cantar parece tortura, então eu me certifico que os vidros estão fechados e deixo minha voz sair.

— *Just give me a reason just a little bits enough* — a última frase que canto quando estaciono na frente da casa do meu irmão, Brenna está na frente, vestida em pijamas.

— Adoro essa música — ela diz entrando passando o cinto de

segurança por seu corpo — porque vamos sair mesmo?

Arrasto o carro e não sei por onde começar, faço do volante bateria e minha inquietação já está quase me causando um ataque. Brenna desliga o som do carro e me olha.

— *Putá merda*, Callie — ela diz parando meu batuque sem ritmo — O que houve?

Eu respiro, a ideia de sair com ela, é para contar o que está havendo antes que eu exploda. Estaciono o carro em um *Drive Thru* e há, ao menos, vinte carros em nossa frente, teremos tempo suficiente para conversar.

— Eu estou precisando

conversar — digo encarando o carro a minha frente, é uma família, um casal e duas crianças pulam no banco de trás e fazem muito barulho, eu ignoro a cena e retomo meu pensamento — coisas começaram a acontecer. Coisa que não me orgulho.

Ela solta um suspiro, depois que ela engravidou e meu irmão se mudou, a gente meio que ficou um pouco mais afastada, já que nossas vidas começaram a acontecer.

— O que você quer dizer com isso? — ela soa preocupada e sento de lado no banco.

— Logo que Chris veio ficar comigo ele está tendo altos e baixos —

digo encarando minhas unhas — e eu não estou sabendo lidar com isso, ontem na reunião ele me tratou mal na frente da banda — ela parece mais interessada agora — e rolou um atrito entre ele e o Rafael.

— Oh, Meu Deus! — ela diz botando a mão na boca de uma forma dramática — dois homens discutindo por você, eu nunca tive isso — ela me olha de soslaio e eu ignoro o fato dela querer ser uma dama indefesa.

— Esse não é o ponto — digo reorganizando as ideias — e hoje Rafael me beijou — seus olhos parecem que vão sair da órbita. Arrumo-me no banco, mais um cliente atendido significa ter

que andar a diante.

— Mas... mas... — ela diz
incrédula — Como assim?

Umedeço os lábios, estava entrando em
estado de nervosismo novamente.

— Hoje ficamos compondo o
dia todo — digo como se não fosse nada
de mais — eu cantei com ele, tocamos
piano juntos e gravamos o que
estávamos fazendo. Quando me dei
conta, era noite e tínhamos que ir.

— E o resto da banda? — ela
diz desconfiada

— Estavam doentes — digo e
ela pende a cabeça para o lado.

— Os dois? — ela pergunta
com os braços cruzados sobre os peitos

inchados, a gravidez está sendo bem generosa com ela.

— Sim — digo me sentindo estúpida, na hora parecia uma ótima desculpa — bem, a questão que eu fiquei balançada, eu fiquei... — paro para pensar — fora do eixo, foi desconcertante.

Ela franze o cenho como se não entendesse.

— Você está falando do beijo? — ela diz e outro carro sai me fazendo dirigir novamente.

— Sim — digo me lembrando e um sorriso involuntário escapa — só um beijo, ele parece tão intenso quantos as músicas dele.

Ela fica séria, eu sei o que estou falando deve parecer absurdo.

— A única coisa que peço é que tenha cuidado — ela diz sem muito entusiasmo — você tem coisas que precisam ser esclarecidas antes de qualquer coisa.

— Esclarecidas? — pergunto sem entender — Brenna eu já aceitei que não lembrarei mais de nada, mas como Derek disse, eu preciso seguir em frente, ficar me segurando em algo incerto é a maior burrice que farei — digo e ela se surpreende, aquilo veio do nada e eu nem ao menos sabia se ela estava falando sobre isso, mas lá fundo foi o que pareceu — eu me sinto forte e de

uns dias para cá, eu me sinto diferente, como se aquela peça que faltava não precisasse mais voltar, eu virei produtora musical, eu superei meu acidente, eu preciso olhar para frente.

— E se suas memórias voltarem? — ela pergunta e isso me irrita um pouco.

— Porque você está estranha sobre isso? É por causa do beijo? — digo já chateada, não era esse caminho que eu queria.

Ela fica calada, nervosa e sua perna balança freneticamente.

— Não é isso, Callie — ela diz séria — eu quero ir embora, estou enjoada.

— Mas você está com fome —
digo a olhando, mas ela não me olha de
volta.

— Eu estou enjoada — ela
repete confusa e irritada.

— Se você prefere assim —
digo.

Reluto em sair da fila, mas
como pedido eu saio da fila de carros e
volto para a rua. O clima fica estranho e
eu me arrependo de ter dito, era para ter
ficado em segredo. Ruas depois estamos
de volta à casa dela, ela para um pouco
com os braços relaxados e me olha.

— Eu não quero ver seu
coração partido — ela diz e eu não
entendo — e eu não sei como fazer isso.

A olho estranha. Meu Deus!
Porque ela apenas não me diz o que é?

— Brenna, eu não estou entendendo nada disso — digo falando séria e em um tom de voz alto — sério, me diz onde errei, se foi o beijo, desculpa foi um erro, mas eu traí meu namorado, não você. Não precisa me tratar como se eu fosse a maior vadia do mundo por isso, achei que você me conhecesse melhor.

Ela me olha como se não esperasse nada do que falei e abre a porta do carro.

— Eu vou ignorar cada palavra que você falou, Callie — ela diz mais calma — você somente tem que pensar

sobre isso. Isso não é sobre o beijo, mas sobre quem você beijou.

Ela bate a porta e suas palavras rodam em minha mente. Eu não sei como reagir aquilo, eu a tratei mal, sem motivo.

Volto a dar partida e sigo para casa mesmo que relutante. Uma lágrima desce e me sinto um lixo. Pode ser que eu não tenha caráter mesmo, mas que ímã tem naquele homem? Porque essa sensação tão boa? Porque o único questionamento que sai dos meus pensamentos é: *Quando poderei fazer isso novamente?*

Abro a porta de casa e aquele

clima pesado me atinge. A confusão dentro de mim e eu não sei o que fazer, Chris está sentando no sofá segurando uma garrafa de cerveja na mão e seus pés estão apoiados na mesa de centro. Respiro fundo, eu não estou pronta para outra conversa sobre álcool.

— Boa noite, amor — ele diz me olhando, mas não se mexe — Demorou, espero que tenha produzido um pouco.

— Sim — digo passando direto para cozinha me servindo de água — já jantou?

— Ainda não — ele diz vindo em minha direção, passa a mão em minha cintura e me beija, sinto o gosto

amargo da bebida e me afasto dele — o que foi? Não estava com saudades?

Sorrio sem graça.

— Eu não quero iniciar outra discussão sobre álcool, Chris — digo apontando para a garrafa em cima do balcão — Já pedi para você não fazer isso aqui ou em qualquer outro lugar.

— Amor, qual é? — ele diz como se não fosse grande coisa — esse seu acidente foi apenas um acidente, você deveria saber que não tenho culpa. Você não acha que é de mais me pedir para parar de beber porque alguém bateu em seu carro?

Uma onda de fúria me atinge. Sua insensibilidade atingiu um nível que

eu não conhecia.

— Esse acidente matou meus pais e me causou um dano irreversível — digo chocada — não é de mais não, aliás, você está irreconhecível desde as últimas semanas e eu odeio isso, Chris.

Ele dá uma gargalhada e eu começo a sair da cozinha. Eu não posso lidar com isso, não mesmo. Ele segura meu braço com força me fazendo parar.

— Eu fui demitido hoje — ele diz e a única coisa que consigo sentir é a dor em meu braço — você deveria me animar, não me colocar para baixo. Eu ajudei você a se reerguer no último ano. Você era uma bagunça estranha.

— Me solte — digo puxando o

braço, antes de soltar ele dá um último aperto.

— Não tem ninguém aqui para lhe defender, não é? — ele diz com sarcasmos — Não tem nenhum roqueirinho de merda aqui, não é verdade?

Ele grita a última pergunta e eu me sinto sufocada com essa tortura.

— Acho melhor você procurar um lugar para dormir essa noite, quando estiver melhor, nós conversaremos.

Ele entorna a garrafa de cerveja e me olha com o pior olhar.

— Não, eu não vou sair daqui — ele diz baixo e sinto arrepio — eu vou ficar aqui, meu apartamento não tem

luz e não tem água e eu não posso gastar com hotel.

— Vá para casa de um amigo
— digo baixo e repito o mantra mental:
NÃO POSSO CHORAR.

— Não tenho amigos aqui —
ele diz pegando outra cerveja e voltando para o sofá, tão friamente que me faz estremecer.

Como meu dia foi de perfeito para o fundo do poço em doze horas? Hein, mundo? Alguma explicação cabível? Resolvo deixar ele lá e me sinto um caco por ter brigado com Brenna.

Entro no quarto e passo a chave na porta. Eu tenho uma caixa embaixo da

cama, uma caixa que chamo da caixa de Pandora. É uma caixa onde tem várias fotos e outras coisas do meu passado, mas eu ainda não tive a coragem necessária para abri-la, sempre que acho que estou pronta não consigo seguir em frente, minha avó relutou em me deixar trazer, me fez prometer que eu diria quando fosse abri-la, mas eu nunca tive coragem de olhar o que há lá dentro. E não sei se serei capaz.

Eu deixe de me apegar no que fui e foquei no que poderei ser.

Encolho-me em minha cama confortável e fecho os olhos, eu queria poder voltar a fita e viver mais um pouquinho o que vivi durante o dia todo,

a sensação o beijo dele ainda estava registrado aqui e eu sei que não poderei apagar facilmente algo tão magnífico.

Callie

Hoje

Quando aquele trabalho de classe foi me forçado, eu fiquei meio cautelosa, eu realmente não gosto dessa exposição toda, mas o professor sugeriu, não tão amigavelmente, que eu me juntasse com o novato e a menina nerd do outro lado, que eu engoli as primeiras impressões erradas e me juntei a eles.

Assim que falei para minha mãe que faria uma música para o show de talentos, ela vibrou. Mas vibrou mesmo, como se a vida dela dependesse daquilo. Minha mãe me desafia artisticamente o tempo todo, a voz dela é como a uma sinfonia perfeita, coisa

que eu acho que não herdei. Mas eu posso cantar sem você pedir que eu me cale, mas não tão perfeito quanto ela.

Estou encarando o livro de história do Brasil em minha frente, eu já repeti o mesmo parágrafo umas dez vezes, mas a concentração está abalada pela música que resolvemos compor.

— O que foi, filha? — minha mãe diz segurando uma vasilha com uma salada dentro — Está dispersa? Algo aconteceu?

— É a música, mãe — digo a olhando sem ânimo, aquilo estava me afetando mesmo — não sei se vai ficar satisfatória.

— *Quem sabe se você deixar as coisas fluírem, não vai ser mais fácil? — ela fala como se fosse tão óbvio — o quanto você conhece seus amigos?*

Encaro o teto me lembrando que são dois estranhos e eu não sei nada além dos nomes.

— *Não os conheço — digo sendo sincera.*

— *Que tal conhecê-los primeiro? — ela diz me encarando do outro lado do balcão — se vocês descobrirem o que tem em comum vai fluir de forma fácil.*

— *Você acha? — pergunto achando que seria uma boa ideia.*

— Sim, filha — ela diz indo para a pia e lavando os pratos que estavam lá, ela adora ser mãe, produtora e dona de casa — vocês sendo amigos estarão na mesma sintonia, não precisa se tornarem melhores amigos, mas conhecer com quem vai trabalhar torna tudo mais fácil mesmo.

Fico pensando, o que seria um programa bom para nos conhecer? Ou, se isso é verdade mesmo. Ela fica lá cantarolando enquanto eu me volto para meu difícil dever de casa. Quando finalmente desperto do meu sonho vejo que já são quase dez da manhã, eu não dormi ontem à noite, eu apaguei de uma

forma profunda.

Dou um pulo e corro para o banheiro, vejo as notificações que estavam em meu celular e logo disco para Derek que me deixou um monte de ligação.

— Desculpa, irmão — digo tirando a roupa e tropeçando pela bagunça no chão — eu estava dormindo e perdi a hora

— Não se preocupe — ele diz de forma cansada — teve um acidente aqui perto, um caminhão de entrega da loja aqui do lado derrubou a fiação e estamos sem energia.

Coloco a mão na cabeça tentando entender.

— Como assim, Derek? —
pergunto incrédula, isso significa
prejuízo para todos atingidos.

— Pois é — ele diz derrotado
— não precisa vir, aqui está quente, vou
resolver umas coisas no banco e não vai
ter ninguém aqui.

Sento-me na cama tentando ver
se o mundo para de girar, eu estava tão
agitada com o sonho. O sonho! Em que
eu não consigo sonhar com minha mãe.

— Derek? — falo me dando
conta que eu a vi tão nitidamente e ouvi
sua voz tão docemente em meus ouvidos
— eu sonhei com ela. Eu sonhei com a
mamãe.

Ele limpa a garganta e solta um

suspiro pesado.

— Foi apenas um sonho? — ele pergunta e eu não sei a resposta.

— Eu não sei — digo encarando meus dedos afundados no tapete que fica embaixo da cama — mas é a primeira vez que isso acontece desde o acidente.

Uma lágrima desce e eu limpo antes que ela toque minha boca, eu consegui ver o rosto da minha mãe, eu ouvi sua voz, eu não posso chorar. É como se eu realmente estivesse seguindo em frente.

— Eu estou feliz por você — ele diz mais leve — Ah! E ligue para nossa avó, ela quer avisar que chegará,

mas ela mesma quer falar com você,
ligue para ela.

— Ligarei — digo ficando em pé e lembrando que Chris está lá fora — você pode pedir para Brenna me ligar? Sei que ela está irritada comigo.

— Posso sim — ele diz e eu já me olho no espelho que fica acima da pia — não me bote no meio dessa briga e Callie? — ele pausa — ela de alguma forma está preocupada com você.

— Eu sei — digo encarando minhas olheiras — eu tenho consulta hoje, meu celular acabou de avisar, preciso ir, eu vou esperar ela ligar e vou ligar para a vovó — digo sem saber o que dizer a Brenna — até mais.

— Cuidado — ele diz e eu sorrio — até mais tarde.

Jogo o celular na cama e corro para o chuveiro. Meus pensamentos são ativados, é como se a água fosse combustível para eles. Minha avó significa que eu terei visitas e eu adoro o fato de ter alguém em casa, minha avó é uma pessoa maravilhosa, cuidou de mim tão bem depois de tudo. Eu estou feliz que ela esteja vindo me ver.

Brenna deve me odiar pela forma que falei com ela ontem, ela está preocupada com algo que nem aconteceu ainda, foi apenas um beijo, algo de momento. Mas eu e Chris teremos que conversar, não podemos continuar nos

atacando.

Desligo o chuveiro e logo pego a primeira roupa que vejo, me jogo em um macacão jeans e pego uma blusa do Capitão América que Brenna me deu de presente, quando assistimos o segundo filme juntas, ela é cinza o que ressalta bastante o escudo no meio, ela tem uma exatamente igual. Coloco um tênis e pego minha bolsa jogando o celular lá dentro. Preciso chegar ao psicólogo primeiro e depois eu ligo para minha avó.

Quando chego na sala, Chris não está mais lá e nem o carro dele na garagem, esse é outro problema que resolverei depois.

A sessão começou bem e hoje eu senti vontade falar, o que não ocorre sempre. Ele acha que devo me aproximar das minhas coisas antigas, mas eu ainda sigo algo que minha avó tanto me pediu, já que sempre me sentia desconfortável em lembrar de algo.

— Você acha que sua avó fez isso porque? — ele diz me olhando com serenidade, ele é um senhor de uns sessenta anos, negro e com cabelos brancos, tem uma aliança na mão esquerda e se veste como meu avô se vestia, camisa polo e calça social, acho que por isso eu tenho muita confiança nele.

— Me afastar? — pergunto tentando ler as anotações, fico extremamente curiosa com aquilo — acho que inicialmente era para me proteger, mas eu me adaptei a minha nova vida.

— Você gosta dessa adaptação? — ele fala e isso mexe comigo, mexe mais do que eu queria.

— Se tornou minha zona de conforto — digo sem pensar muito — e no final, parece que não valia mais a pena lembrar.

Sinto um nó se formando na minha garganta.

— Calliope — ele diz ainda concentrado — Você não pode evitar

suas lembranças para sempre. Você não está apenas apagando algo ruim que aconteceu com você, mas também as coisas boas.

As lágrimas descem e eu não posso mais segurar.

— E se eu lembrar das dores? — digo fechando os olhos — e se eu ouvir os gritos deles? E se eu puder vê-los machucados?

Ele descruza as pernas e me olha nos olhos de uma forma próxima.

— Mas e as coisas boas? — ele diz e as lágrimas continuam descendo — e seus amigos? E aquelas lembranças boas? Você não quer lembrar quem você era na escola?

Meus olhos descem para seus sapatos pretos perfeitamente encerados e eu suspiro.

— Você acha que só coisas ruins vão voltar para você? — ele continua me cutucando.

— Mas será que vale a pena lembrar de tudo isso? — me questiono, essa pergunta foi para mim — No final ainda estarei sem eles.

Ele volta a se recostar na cadeira e suspira, meus olhos alcança os dele e eu não sei mais o que dizer.

— Coisas boas e coisas ruins existem por um motivo — ele diz olhando o relógio na parede — elas fazem de você quem você é, tudo

impacta em quem somos, tudo nos constrói, não só as coisas boas, mas as coisas ruins nos fortalece, elas nos transforma em aço. Nós precisamos dessas crises para crescer.

Eu não tenho mais palavras. Vejo que a sessão acabou e me levanto, ele me acompanha e eu resolvo falar antes de sair dali:

— Eu pensarei sobre começar a provocar minha memória — digo e me lembro de Brenna e como nunca mencionei que a encontrei — mas porque minha amiga não me fez lembrar de nada?

Ele arqueia a sobrancelhas e responde.

— Você precisa procurar por algo mais significativo — ele diz ainda calmo — não que sua amiga não signifique, mas algo que lhe desperte, algo mais profundo, como um ex namorado da época.

Agora eu arqueio a sobancelhas e falo com desdém.

— Eu acho que não tive namorado — digo dando de ombros — tipo, ele me visitaria, não?

Ele pende a cabeça para o lado e sorri levemente.

— Bem pensado — ele diz apontando em minha direção — mas veja com sua amiga, você pode ter tido esse namorado, mas pode ter terminado

algum tempo antes. Procure algo que você acha que foi profundo, que tenha significado.

— Eu farei isso — eu digo um pouco decidida — só não sei quando, mas a caixa ainda está debaixo da cama.

— Mantendo o inimigo próximo? — ele diz, diferente da pessoa que estava sentado ali.

— Sempre — digo indo em direção a porta e aceno com a mão em despedida.

Saio do consultório e encosto no meu carro para ligar logo para minha avó. Disco o número memorizado e logo chama.

— Oi, vovó — digo assim que

ela atende a chamada.

— Callie, demorou tanto para me responder — ela diz e eu não evito revirar os olhos.

— Estava em minha sessão — digo em justificativa — mas estou livre agora, pode falar.

— Eu chegarei essa tarde — ela diz e as vozes bagunçadas ao fundo me tira a atenção — mas não se preocupe, pegarei um táxi e estou com minha chave.

Me atinge o sentimento de desespero, não me resolvi com o Chris ainda sobre ele ir para outro lugar. Eu não posso ter minha avó e ele no mesmo lugar, será demais para mim.

— Certo, vovó — digo já
maquinando o que irei conversa com
Chris assim que essa ligação se encerrar
— me avise quando estiver indo, posso
não estar em casa.

— Tudo bem, querida — ela
diz mais calma — ansiosa para te ver.

— Eu também, vovó — digo já
abrindo a porta do carro — Até logo.

Sinto o banco de couro quente e
logo ligo o carro, a cidade as vezes é
quente, as vezes é fria e eu não consigo
acompanhar essa bipolaridade. Disco o
número de Chris e coloco o celular no
viva voz, a ligação chama diversas
vezes e ele não atende, coloco para
chamar outra vez e a mesma coisa se

repete. Penso em algo para comer, eu não estou com fome, mas eu já pulei o café da manhã não é bacana ficar sem comer por tanto tempo. Sigo para um shopping que fica perto do consultório e continuo ligando para Chris, já na sétima tentativa ele atende. Sento-me em uma mesa e analiso todos as opções de comidas a minha frente.

— Chris? — digo e uma sensação estranha entre medo e nervosismo me atinge — onde você está? Pode me encontrar aqui no shopping para conversamos?

— Eu estou no shopping também — ele diz, o que me surpreende, coincidência mais estranha, mas eu não

comento nada — você está onde?

— Na praça de alimentação —
digo olhando ao redor — quase na saída
para o cinema.

— Estou perto — ele diz e eu
respiro fundo — estou chegando.

Ajeito-me no banco tentando
ficar confortável, mas as coisas de
ontem ficam voltando para mim e eu não
sei como vou reagir quando ele chegar.
Minutos depois ele está na minha frente,
parece cansado, mas não está com a
mesma roupa que o deixei ontem.
Diferente do usual, ele está de camisa de
botão e calça jeans.

Eu conheci o Chris quando
faltava pouco para terminar meu curso,

em uma boate que fui ver uma banda iniciante, a gente conversou e ele parecia a pessoa mais interessante do mundo e eu acabei quase não vendo a banda, mas com passar do tempo ele foi ficando diferente, disperso, como se não gostasse mais de mim e tudo piorou quando ele veio ficar comigo há umas três semanas. O apartamento que ele comprou foi entregue, mas quando chegou lá várias coisas precisavam ser feitas, porém o contrato da casa onde ele morava tinha acabado e não valeria a pena renovar. E foi aí onde tudo começou, ele ficou comigo e tudo desandou, ele ficou mais rude, mais insensível e bruto. Não posso viver com

uma pessoa que não compartilha dos mesmos valores que eu.

— Oi — ele diz antes sentar à minha frente, eu o olho, mas logo desvio o olhar, eu tenho medo dele me ofender de novo — eu quero muito me desculpar por ontem.

Ele diz tentando pegar minha mão, mas eu tiro de cima da mesa a colocando sobre meu colo.

— Eu não posso suportar isso, Chris — digo fechando os olhos, ele me olha machucado. Ele não tem o direito de me olhar assim, ele quem me ofendeu, não o contrário.

— Callie — ele diz arrependido, aparentemente — eu não

consigo evitar certas coisas.

Encaro seus olhos e não sei o que dizer.

— As coisas apenas saem por minha boca — ele diz apoiando os cotovelos sobre a mesa.

— Eu não posso ficar sendo ofendida só porque você não consegue se controlar — digo encontrando seus olhos verdes — eu não posso ficar me magoando. Há um tempo percebi que você já não me dá mais tanta atenção e eu aceito isso. O que não podemos, é ficar nos machucando.

Sua expressão começa a mudar e agora eu não sei do que eu estou falando. Mas são as palavras que

estavam adormecidas que vão saindo em uma perfeita desculpa.

— Eu prometo não fazer mais isso, Callie — ele diz e eu encaro a mesa de mármore fria a minha frente — hoje já posso ir para meu apartamento e nós iremos resolver isso.

Meus instintos gritam dentro de mim que isso nunca será resolvido.

— Não sei se podemos — digo e ele começa a ficar agitado em sua cadeira — Chris, o que você me falou ontem eu nunca vou esquecer — ele agora encara a mesa — eu jamais irei desassociar sua voz daquelas palavras.

— Onde você quer chegar? — ele diz meio alterado — você decidiu

que não me quer mais? Porque eu falei algo que lhe ofendeu?

Reviro os olhos, é difícil conversar com alguém que não tem sensibilidade e interpreta tudo de outra forma.

— Chris, esse é o problema. Você não enxerga que certas coisas machucam — digo e seu rosto já está vermelho mostrando que ele está se irritando — eu só não posso lidar com isso, eu ainda estou procurando que eu perdi e só me dei conta disso agora, só me dei conta que eu preciso encontrar quem está sufocado, dentro de mim.

Ele começa a olhar para os lados como se procurasse alguém, mas

não me olha, como se planejasse um ataque.

— Isso não vai ficar assim — ele diz e eu não entendo o motivo dele dizer isso, me corre um arrepio por todo o corpo e eu me sinto ameaçada — nós iremos conversar em outro momento. Vou dá a chance de você repensar sobre isso. Está me ouvindo?

Ele diz entre os dentes e eu arregalo os olhos. Meu Deus, como chegamos aqui?

— Callie, eu amo você — ele continua falando depois de ficar em pé, passando a mão por meu rosto e tocando meus lábios com o polegar — e eu não vou ficar sem você, meu amor. Lhe darei

tempo para pensar, enquanto sua avó fica aqui, mas quando ela for embora nós conversaremos. Enquanto isso, lembre-se que eu amo você e daria minha vida por você.

Ele se inclina sobre a mesa e me dá um selinho, meu corpo fica ereto como se eu tivesse levado um choque, ele sai sumindo entre as mesas.

Porra! Como ele sabe sobre minha avó?

Respiro fundo e vou pegar uma salada, acho que a única coisa que me desce nesse momento.

A salada me deu mais fome e eu já estou agarrada a um milk-shake de

morango. Liguei para Brenna e ela disse que logo me encontraria aqui. Não parece mais tão zangada.

Meus olhos caem sobre uma menina com uma blusa escrita “Perfeita Assimetria” e eu sorrio feito uma desorientada, me lembrando de Rafael e ontem à noite e me pergunto, onde ele está agora, já que não trabalhamos hoje?

Entre o início de ontem e até esse ponto de hoje, não sei bem o que aconteceu. Dou uma última olhada no celular e a mensagem de Brenna dizendo que já estava chegando onde estou, está lá. Respiro fundo para pedir desculpa e ela cai sentada na cadeira.

— Oi — ela diz pegando o

copo da minha mão e tomando meu milkshake — estou com muita fome.

Eu apenas sorrio da fome incessante dela e logo começo meus pedidos de desculpa.

— Desculpa da forma que eu falei com você ontem — digo e ela apenas me olha por cima com a boca no canudo — eu pirei, as coisas estão acontecendo fora do meu controle.

— Tudo bem, amiga — ela tira a boca do canudo e me olha — vamos esquecer isso? Deixar para trás?

— Hoje tive consulta — digo falando baixo e ele me olha nos olhos, seus olhos em um castanho claro fica em harmonia com seus cabelos vermelhos

naturais — e ele me questionou porque eu ainda não tentei lembrar.

Ela fica séria e tira a boca do canudo. Olho para o esmalte rosa em minha unha e depois a olho.

— E eu acho que estou pronta — digo tomando coragem para falar isso alto, ouvir em meus pensamentos é uma coisa, dizer em voz alta deixa tudo diferente — eu preciso voltar lá, eu preciso acordar isso.

Ela olha para o teto, depois para mim e abre a boca umas duas vezes antes de falar. Parecia confusa.

— Eu estou aqui — ela diz segurando minha mão, me sinto acolhida, apesar de seus olhos não me

passarem segurança — só quero que saiba que tudo foi para seu bem e muitas coisas eu não concordei. Mas você sabe como sua avó vai reagir?

Droga! Minha avó já deve ter chegado.

— Não importa, eu não sou mais criança — digo decidida — eu sou adulta e preciso disso. Eu estou bem e pronta, qualquer coisa que voltar eu lidarei com isso.

Fico impaciente e a conversa com Sr. Lins me vem a mente.

— Eu tive um namorado? — ela desvia o olhar como se me olhasse diretamente, pudesse me derreter — ele acha que eu deveria começar a procurar

por algo mais profundo, como um relacionamento.

Meu telefone toca nos interrompendo e vejo que é vovó, peço licença e atendo.

— Oi, vovó — digo e ela respira exasperada.

— Onde você está? — olho para Brenna que ainda se esbalda no milk-shake.

— No shopping — digo me sentindo aflita — mas já estou indo.

Faço sinal com a mão para Brenna levantar. Vamos costurando os espaços entre as mesas, depois de andar bem rápido e enrolar minha avó, já estou em meu carro sozinha seguindo para

casa.

Abro a porta e ela está na cozinha bebendo um copo d'água, corro até ela de braços aberto e me enrosco em seu colo.

— Que saudade, vovó — digo sentido o cheiro familiar e sem drama. Ainda pensando como vou falar para ela sobre minhas lembranças.

— Aí, meu amor — ela diz me afastando, somos baixinhas e exatamente do mesmo tamanho — da próxima vez você irá comigo.

— Pode deixar que vou sim — digo a puxando para o sofá — me conta sobre tudo.

— Muito sol — ela diz, seus cabelos loiros cortados curtos, balançam quando ela fala — adorei. Mas e você? Por que está com essa cara?

Sorrio novamente e ela me analisa ainda mais.

— A vida — digo jogando as mãos no ar — eu tenho algo importante para falar com a senhora.

Respiro umas três vezes para ter certeza que ainda sei fazer isso e continuo.

— Eu resolvi abrir a caixa — ela fica séria e agitada, mas, mesmo assim, eu continuo — está na hora vovó, eu preciso disso. Quero saber se tive

namorado, quero lembrar do rosto das minhas amigas, quero ver como eu era naqueles anos que foram divisores de água para mim.

Ela senta de lado e pega minha mão e põe sobre seu colo.

— Callie, minha neta — ela diz e já sei o sermão ensaiado — não é necessário, como você lidará com a lembrança do acidente?

— Eu vou sobreviver, vovó — digo rindo e ela se mantém séria — mas eu quero saber, eu quero poder reconhecer as pessoas na rua e eu já tento, mas nada desencadeia as memórias.

— Só a namorada do seu irmão

já não basta? — ela fala com desdém sobre Brenna — você tem a mim meu amor, eu posso vir morar aqui se você quiser.

Reviro os olhos mais uma vez, estou farta desse disco arranhado. Minha avó não aceita não ser o suficiente para mim e claro que não é, eu preciso de mais.

— Vó — digo com jeitinho — eu realmente preciso, não tem a ver com morar ou estar sozinha, mas eu preciso preencher as lacunas, eu preciso encontrar a peça chave para ligar tudo de volta.

Ela engole em seco e sinto que está me escondendo algo.

— Tem algo que você quer compartilhar comigo? — pergunto tentando ver seus olhos — tem algo que você não me disse?

— Só quero estar aqui para o processo — ela diz meio arrogante como se não importasse aquilo — não vou deixar você se forçar a algo que pode lhe causar dor. Você sofreu muito, Callie. Isso nunca vou esquecer.

— Mas eu estou bem vovó — digo me justificando — eu sobrevivi, eu estou viva e irei continuar vivendo sem limitações, eu não sou mais a menina do acidente, eu sou uma mulher.

Meu celular aparece uma mensagem e eu logo desvio o olhar e

quase não posso acreditar no que vejo.

“ *Preciso te mostrar algo muito urgente.*

— *Rafael*

Ps: Derek me deu seu número”

Um sorriso rasga meus lábios e me sinto queimando por dentro, adoro a ideia de ele querer me mostrar algo urgente.

“ *Estou em casa, me encontre aqui”*

Mando a localização e ele manda um *emoji* de um cara correndo. Sorrio para tela do celular e resolvo pausar a conversa com minha avó.

— Vou para meu quarto tomar um banho rápido — digo apontando em

direção ao corredor — um músico vem aqui me mostrar uma coisa que ele desenvolveu, a gravadora está sem energia, mas não podemos parar.

Ela me olha de soslaio e fala antes de eu sair de sua frente.

— Você pode se arrepender minha filha — ela diz e eu fecho os olhos — tudo que fiz foi proteger você.

— Suas intenções foram boas na época, vovó — digo me justificando — naquele tempo, eu estava machucada fisicamente, mas hoje eu não estou. Eu posso lidar com o que vir.

— Só espero que possa mesmo — ela diz e eu sinto uma ponta de raiva nascer.

Que porra é essa? Chris e agora minha avó? Saio em direção ao quarto e vejo que as malas de Chris não está mais onde ele deixou há três semanas, encostada no canto do quarto e me sinto mais aliviada.

Tomo um banho rápido e coloco uma roupa mais fresca, pego o primeiro short jeans curto que vejo e uma camiseta branca meia folgada. Amarro meu cabelo no topo da cabeça e logo ouço o chuveiro do outro banheiro ligado. Minha avó não está mais na sala e eu agradeço por isso. Rafael deve estar chegando. Quando concluo o pensamento a campainha toca. Corro ansiosa e ele está lá, parado em frente

de casa e um capuz cobrindo sua cabeça. Sorrio daquela cena, ele deve estar cozinhando ali dentro.

— Entre rápido — digo puxando pelo braço e ele sorri como se estivéssemos fazendo algo errado — não quero tumulto aqui.

Ele tira o casaco preto jogando em cima da poltrona que fica na sala. Aponto para o mesmo local que ele colocou o casaco e ele senta.

— Loucura essa história da energia, não é? — ele diz e só agora percebo que ele trazia uma mochila, eu estava tão focada em não fazer grande coisa dele estar em minha casa, que nem percebi.

— Sim, essas coisas costumavam acontecer desde que eu era pequena — digo e pela primeira vez me permito falar do passado. Eu nunca menciono o passado assim. — lembro de querer ver os músicos tocando — digo amando poder falar disso — era meu hobby preferido, eu os via tocar como as outras crianças assistiam desenho.

Sorrio e ele acompanha. Ele sempre calmo, seu sorriso é sempre silencioso e seus movimentos parecem minimamente calculados. Ele passa a mão no cabelo e eles caem majestosamente para trás, mas se rendendo a gravidade, caem sobre seus

olhos negros.

— Você faz música parecer mais do que realmente é — ele diz pegando a mochila e tirando um caderno de dentro — eu peguei outra letra e adicionei uma melodia, mas dessa vez no violão, era o que tinha.

Ele senta ao meu lado no sofá e eu sinto vontade de afundar minha mão em seus cabelos. Relutante, olho para o caderno e solto um suspiro de desapontamento.

— Essa letra é muito boa — digo lendo a letra que está escrita à mão, o caderno está apoiado em sua perna — você gravou?

Pergunto e ele pega um

gravador sorrindo com todos os dentes amostra. Estamos próximos e de vez em quando, nossos joelhos se tocam causando sensações energizadas. Ele dá o play e sou pega de surpresa, uma música que me parece tão familiar, é como se ela já estivesse em mim. Fico sem graça com a familiaridade da melodia, mas não questiono, há músicas que lembram bastante umas a outra, mas não quer dizer nada. A qualidade é o que mais me chama a atenção e a versão que eu lembro, é mais abafada, menos nítida.

A gravação acaba e nos encaramos, eu fico um pouco mexida e reluto em falar, independentemente de ter ouvido ou não, a música é muito boa,

muito boa mesmo, daquelas que grudam na cabeça e sempre que você ouve sente a necessidade ensandecida de cantar até seus pulmões arderem.

— Eu amei — digo baixo, ele está tão próximo que eu falo um tom mais baixo que o meu normal — eu estou fascinada pela forma que você faz música. Eu sempre ouvi tanto suas músicas que em algum momento, achei que conhecia você.

Ele desvia o olhar e encara o chão, toda a alegria que estava estampada em sua cara não está mais lá, mas eu continuo.

— Eu tive um ano muito difícil — digo encarando minhas mãos que

estavam apoiadas sobre minhas pernas — eu estive tão perto da depressão que eu poderia abraçá-la. A primeira vez que ouvi a banda de vocês foi no rádio, eu estava na casa de minha avó e ela tinha saído para seus exercícios no final da tarde e como eu sempre tive medo depois de tudo, eu ficava com medo do que poderia surgir em minha mente, então minha avó sempre deixava em rádios que tocavam músicas jovens. E um dia sua música tocou — meu coração acelera ao lembrar daquilo, agora ele me olha atentamente — e parece ser as palavras que eu precisava ouvir, ela me aqueceu e pela primeira vez eu conseguia me ver fora dali, fora da

minha prisão interna. Quase um ano presa a muros imaginários e eu me senti confortável para sair dali.

Ele esboça um sorriso e segura minha mão como se pedisse desculpas. Entrelaço nossos dedos deixando minha pele sentir a sua. Sua mão é quente e meus dedos estão frios, parece rotina, ele sempre quente e eu sempre precisando ser aquecida.

Olho para nossos dedos emaranhados e sinto seu toque em meu rosto. Com seu dedo indicador ele me faz olhar para ele, sinto a ansiedade em meus lábios e lembro da noite na gravadora. Ele apenas toca meus lábios com as pontas dos dedos e somos

assustados por minha avó derrubando algumas coisas em seu quarto.

— Você não está sozinha? — ele pergunta se afastando de mim como um gato assustado.

— É só minha avó — digo e ele fica mais perturbado e começa a guardar o caderno na mochila.

— Desculpa, Callie — ele diz pegando o casaco também — eu não deveria ter vido aqui, seu namorado pode entender tudo errado, mas eu queria muito que você pudesse ver no que eu estou trabalhando.

Ele começa a sair e eu seguro seu braço fazendo ele parar.

— E eu fico feliz — digo

odiando por minha avó estar aqui. Ele ia me beijar! — mas quanto ao Chris, não se preocupe.

Outro som é ouvido e minha avó grita.

— Callie, me ajude aqui — ela diz fazendo ele apressar a saída

— Eu não irei mais invadir sua privacidade — ele diz já na porta, vestido no casaco e com o capuz — nos encontraremos quando a energia voltar.

Ele sai e um táxi espera ele na saída de minha casa. Sinto vontade de impedir ele de ir, mas não faço. Deixo ele sair e bufo de raiva da minha avó. Eu sei que meu problema com o Chris ainda não está resolvido, mas não é

como se eu fosse ter solução nessa vida.

Vou em direção ao quarto e logo sinto o cheiro forte de perfume pelo quarto.

— O que houve? — digo cobrindo o nariz, o cheiro está muito forte.

— O perfume que comprei para você na última viagem, acabou de quebrar — ela diz mostrando onde foi e eu agradeço a Deus por essa proeza, que cheiro doce e forte.

— Aí que pena, vovó — digo em um surto de dissimulação — você pode pegar outro depois.

— Mas eu realmente gostava desse — ela diz olhando com drama

para o vidro quebrado.

Analizando o quarto percebo que suas malas estão desfeitas e logo fico nervosa. Ajeito a postura, não posso perguntar que dia ela vai, preciso ser sucinta.

— Hoje pedirei jantar para nós duas — digo me afastando do quarto e já adentrando no meu.

— Tudo bem, querida — ela diz gritando do dela

Fecho a porta me livrando do cheiro e tentando organizar tudo na mente. Meu celular vibra em meu bolso e eu pego o aparelho me jogando de costas na cama.

“ Oi, amor, vamos jantar

juntos?”

Sinto um calafrio quando vejo que a mensagem é de Chris, ele não entendeu, respiro fundo e resolvo responder o mais gentil que posso.

“ Chris, acho que devemos dar um tempo em nos ver também, espero que você possa me entender. Hoje, precisamente, tenho planos com minha avó”

Bloqueio o celular e deixo os braços caírem na altura da cabeça, mas antes que eu possa relaxar, outra mensagem chega.

“ Eu não vou desistir de você, Callie. Eu amo muito você meu amor.”

Tento me manter calma e

resolvo não responder. É tanta coisa para absorver de uma única vez.

Quando já me sinto tranquila resolvo pegar a bendita caixa e coloco em cima da cama, mas não abro. A deixo lá. Sei que já é noite e logo teremos que jantar. Falei com minha avó antes de abri-la, ela precisa saber e entender meus motivos. Eu preciso me abrir para esse passado esquecido.

Coloco o último prato na mesa e me sento. Minha avó não curte muito pizza, ela acha que são muitos sabores juntos, mas quando eu sugeri ela acatou sem reclamar. Sirvo um pouco de refrigerante para ela, que coloca o copo

mais à frente do prato. Dou uma mordida no pedaço de pizza de calabresa em meu prato e mastigo calmamente. Respiro nervosa, mas resolvo trazer logo para a superfície.

— Vovó — digo e ela me olha arqueando apenas uma sobrancelha — eu resolvi abri aquela caixa, de verdade.

Ela continua me olhando severamente como se eu acabasse de traí-la.

— Eu entendo tudo que você sacrificou — digo segurando sua mão que estava sobre a mesa — mas eu resolvi dá um rumo certo a minha vida e isso significa não estar presa ao meu passado esquecido — digo e ela ainda

mantém o olhar firme — eu quero ser completa e se isso significa ter que lembrar da dor, eu lembrarei e aprenderei a lidar com isso. Mas eu preciso parar de fugir.

Ela tira sua mão da minha e uma lágrima desce o meu rosto. Ela está magoada e eu não entendo porque.

— Callie — ela diz com a voz falha — quando você acordou foi como no dia que você nasceu, você estava de volta para mim, eu tinha perdido sua mãe, sua família foi despedaçada por um bêbado ridículo. E eu odeio tudo isso. Eu tentei proteger você de lembrar, aquilo foi horrível. Quando eu vi o carro no noticiário, eu prometi a mim mesma

não deixar você ver aquela imagem.
Mas agora eu não posso mais proteger
você.

Solto o ar que estava preso.

— Eu entendo — digo. Ela
realmente se importa, mas eu preciso
apertar o play da minha vida — e eu
agradeço vovó. Mas eu preciso começar
a me empurrar a essas memórias, eu
preciso me forçar.

— Eu só quero que me perdoe
— ela diz encarando o copo de
refrigerante na frente dela — eu fiz tudo
de bom coração.

— Não precisa pedir perdão,
vovó — digo mais leve — obrigada por
cuidar de mim assim. Eu tenho sorte em

ter você.

Dou um beijo em seu rosto e ela continua lá, sem me encarar. Eu volto a comer minha pizza e ela fica em pé saindo da mesa.

— Eu vou para meu quarto — ela diz e eu fico em pé junto com ela — estou com uma dor nas costas que estão me matando.

— Quer que eu pegue um remédio para a senhora? — pergunto e ela sai andando

— Não — ela diz de forma dramática — eu tenho.

Ela sai andando e logo some, a porta do seu quarto é batida e eu empurro o resto da pizza abaixo. Eu

odeio fazer ela se sentir assim, mas eu queria saber porque ela apenas não me deixa seguir em frente? Resolver isso que se tornou um problema para mim.

Retiro as coisas da mesa e coloco na pia. Guardo a pizza que sobrou e resolvo projetar o que farei, me sento na frente da TV e um programa sobre culinária está passando. Me deixo envolver pelas receitas que nunca vou executar e fico imaginando o cheiro daquilo tudo.

Sinto meus olhos pesarem e sei que é hora de ir para a cama, mas a maldita caixa está lá e não sei o que vou encontrar. Desligo a TV e sigo para meu quarto soltando um longo suspiro de

nervosismo. Sento na cama e puxo a caixa até minhas pernas. Quando a abro sou surpreendida com uma foto minha e de Brenna. Estamos com nossos braços em volta dos nossos pescoços em um sorriso espontâneo. Meu coração fica tranquilo e leio a legenda atrás da foto.

“ Amor nos odeia... anotando isso para que nossos netos possam ver ”

Fico agitada ao ler aquilo, é minha letra. Ali é Brenna mas, quem é amor? Vejo a pilha de foto dentro e resolvo jogar todas na cama e espalho. Tem umas vinte fotos ali e meus olhos vão caindo cuidadosamente em cada uma. Mas uma em especial me chama a atenção.

Eu odeio ver isso... Eu devo estar confundindo... Não é possível. Como isso é real? Eu devo estar fantasiando... Eu devo estar enlouquecendo...

Rafael sorri para a foto e eu estou com meus braços em volta de seu pescoço por trás dele. Como isso é real? Se eu tivesse o conhecido antes, ele teria me dito.

Minha garganta dói e eu me sinto sufocada.

Ele teria me dito. Minha mente gira e já sinto as lágrimas descer por meu pescoço. Eu odeio isso. Eu preciso que alguém me diga que isso é mentira.

Levanto em um pulo súbito e

esmurro a porta da minha avó. Isso era a última coisa que eu esperava ver nessa caixa.

Minha avó está de pijama e me olha assustada.

— Quem é esse? — pergunto e ela me olha como se fosse um urso feroz em sua frente — me diga quem é ele.

Digo entre os choros altos que não consigo controlar. Ela continua me olhar sem reação.

— Me responda — eu berro com raiva.

— Acho que um namoradinho que você tinha — ela diz como se não fosse nada de mais — eu só o vi umas vezes, sempre bagunçado.

Fecho os olhos para manter o equilíbrio.

— Você tem que estar brincando — eu digo baixo — me diga que isso é uma montagem e que isso não é real.

Ela cruza os braços na frente do corpo e eu sinto a necessidade de gritar

— Eu não mereci isso — digo me dando conta — por isso você quer meu perdão — cuspo as palavras que saem em um tom de hostilidade — você sabe que ele significava alguma coisa.

— Minha querida — ela diz tentando tocar meu braço, mas eu levanto as mãos para ela não tocar — ele veio ver você algumas vezes — ela

assume — mas eu não poderia deixar ele entrar sempre, ele queria tocar música para você.

Eu fecho os olhos ao ouvir isso.

— Ele não parecia ser um bom rapaz — ela continua — seu irmão não conhecia ele, até onde sei, ele poderia ser um perseguidor.

Solto uma gargalhada da baboseira que sai da boca dela. Estou uma bagunça.

— Quem perseguiria alguém em coma? — digo rindo com sarcasmo.

— Eu não sei, Calliope — ela diz em defesa — mas eu fiz o que eu tinha que fazer.

— Você é louca — digo com muita raiva — eu não sei onde você quis

chegar, mas eu não sou sua boneca. Você não pode me manipular. Você jamais deveria ter afastado meus amigos. Um milagre você ter deixado Brenna se aproximar.

Ela revira os olhos e faz uma cara de desdém.

— Aquela logo começou se envolver com seu irmão — ela diz com desprezo — fez tudo até dá um golpe. Homens são estúpidos.

Olho outra vez para foto e começo a andar para a porta de saída.

— Onde você vai minha filha? — ela diz no corredor.

— Não me chame de filha — digo em virando — você não é minha

mãe. Minha mãe morreu e você me sufocou.

Bato a porta atrás de mim e começo a andar para o parque que fica perto da minha casa. Minhas passadas são fundas e minhas lágrimas secaram. Eu queria entender, eu queria entender como. Como ele me abandonou tão fácil. Porque ele desistiu de mim?

Sento-me na árvore onde está mais claro e tenho medo de encarar a foto. A única pessoa que pode me responder essas perguntas é ele. Resolvo mandar uma mensagem de texto pedindo para ele vir aqui.

“Pode me encontrar no parque próximo a minha casa? Preciso

te mostrar umas ideias, aqui está basicamente vazio”

Envio e espero resposta que vem logo imediata

“ Claro, te encontro em minutos, estou chegando no parque para uma corrida, onde você está?”

Me localizo e mando as direções.

Seco as lágrimas e logo avisto ele vindo correndo em minha direção, diminuindo a velocidade quando me encontra. Sorri para mim, mas eu não consigo retribuir. Ele senta ao meu lado e apoia os braços nos joelhos erguidos.

— Oi — ele diz e eu me mantenho séria, não consigo olhar em

seus olhos e nem responder ao cumprimento — algo errado?

Respiro fundo e ele me olha sério, me viro para ele e mostro a foto. Sua expressão agora é triste e abalada. Ele não diz nada de imediato, mas quando seus olhos desgrudam da foto e me olham, ele resolve falar.

— Callie — ele diz e já sinto as lágrimas arderem — como você descobriu?

— Não importa — digo com a voz rouca — você achou que poderia me confundir, me beijar e ir embora sem me dizer quem você foi na minha vida?

Ele joga os cabelos para cima e eu odeio os cabelos dele nesse

momento.

— Não, Callie — ele diz tão sereno e encantador, eu me sinto traída e esse sentimento não some — eu estava esperando saber até onde você sabia.

— Como, Rafael? — digo alterando a voz — Me diga. Porque eu não sei. Eu não sei como lidar com isso — ele tenta tocar meu braço, mas eu desvio — eu me senti sacudida quando você me beijou. Eu me senti encontrada. Eu me senti... eu me senti... diferente.

Minhas lágrimas descem descontroladas.

— Eu me senti como eu nunca tinha me sentido com o Chris — digo e ele olha para as mãos dele — meu corpo

reconheceu você, desde o primeiro instante. Desde que seu corpo esbarrou em mim em um gesto simples — ele me olha sem reação. Parece não respirar, provavelmente achou que esse dia estava longe de chegar.

— Me diga, Rafael — digo já mole e desistindo daquela briga — me diga porque você me deixou. Me diga porque eu passei três anos achando que você era apenas um ídolo inalcançável?

— Eu quero dizer, Callie — ele diz com a voz falha — sua avó — ele fecha os olhos como se lembrasse de alguma coisa — ela pediu para eu não voltar e eu não voltei. Eu respeitei sua família, Callie. É isso que fazemos.

Eu olho para ele, eu preciso de mais

— Você desistiu da menina em coma assim tão fácil? — eu digo provocando — a menina quebrada não lhe servia mais?

Ele me olha machucado e sua expressão muda. Parece que algo acordou e ele respira para falar.

— Jamais, Callie — ele diz olhando distante — eu não desisti de você em momento algum.

Olho para meus pés e me sinto imóvel, presa a uma confusão desproporcionada.

— E porque você não estava lá segurando minha mão? — digo

machucada — porque ouviu minha avó? Ela é apenas uma pessoa. Você me deixou — continuo empurrando as palavras nele até que ele decida me dizer o que aconteceu naqueles dias.

— Eu não a deixei, Calliope — ele diz zangado — sua avó enlouqueceu quando ela me viu lá contra a vontade dela. Ela procurou um juiz e me forçou a ficar longe.

Meu queixo cai e eu não sei mais onde estou.

— Eu fui lá — ele diz respirando com dificuldade e sua serenidade está longe nesse momento — diversas vezes, as enfermeiras me deixavam entrar quando sua avó não

estava lá. Mas aí você acordou e eu não podia fazer mais nada, Callie. Eu era proibido perante a lei em estar perto de você.

Meus ombros caem e eu me sinto um lixo.

— Como assim? — pergunto tentando entender o que tinha a ver com a lei.

— Uma medida protetiva não me deixava estar perto — ele diz como se lembrasse exatamente o que aconteceu.

— Meu Deus — digo pensando no absurdo — mas e agora?

— Eu fiquei sabendo que ela desistiu quando Derek me contou, no dia do show — ele diz encarando a grama

— Acho que com a história de você querendo nos produzir, o Derek deve ter feito ela desistir.

Respiro ainda com a mente girando. É como se eu não conhecesse mais ninguém.

— Isso está confuso — digo sem saber o que pensar, estou uma bagunça, não sei a quem direcionar minha raiva — eu vou para casa — digo levantando — eu vou pensar, respirar, absorver. Vocês me traíram. Me deixaram no escuro.

Ele fica em pé e uma expressão de desespero se forma em seu rosto.

— Callie — ele diz tentando me encontrar — eu preciso que você me

entenda. Eu fiz tudo possível.

Afasto-me andando de costas e ele me alcança.

— Não, Rafael — digo fechando os olhos. Eu não posso olhar para ele. — Você poderia ter me dito no momento que pisou os pés aqui. Você teve várias oportunidades de me dizer, mas não, você preferiu esconder. Você preferiu que eu acreditasse nessa mentira.

Continuo andando e umas pessoas nos olha. Ele está ao meu lado, tentando acompanhar minhas passadas.

— Não vá embora, Callie — ele diz em um suplício.

— Eu não posso olhar para

você agora — digo com a voz dura e rouca. Já não desce mais lágrimas e já sinto o frio da madrugada me encontrar.

— Deixe-me lhe acompanhar até sua casa — ele diz de forma autoritária — está tarde.

— Eu não preciso da sua escolta — digo olhando para ele — Eu não preciso de você. Eu não preciso da sua covardia, eu não preciso da falta de atitude do meu irmão. E nem do carinho sufocador da minha avó.

Quando me dou conta já estamos na rua da minha casa e meu pulmão implora por ar, parece denso demais e a sensação de sufocamento me atinge. Não tem ninguém na rua.

Eu quero.... Eu quero sumir. Eu não quero ver minha avó. Eu odeio minha vida nesse momento.

Sento-me na calçada e abraço minhas pernas. Ele está parado me olhando e seus olhos estão vermelhos. Eu já não sei mais de quem é a culpa. Ele senta ao meu lado e se mantém em silêncio, não sei qual será o fim disso tudo.

Rafael

Acabamos a apresentação. A Callie estava muito nervosa, mas tudo deu certo no final. Seus pais estavam na primeira fileira ao lado da minha mãe. Quando tiro o violão do corpo ela pula em mim e joga seus braços em volta do meu pescoço me abraçando. Àquela altura, eu já estava muito além de “a fim” daquela garota. Olho para sua boca levemente avermelhada e não consigo não fazer isso. A beijo. Eu não consegui pensar em um motivo para não fazer isso. Eu apenas não pensei.

Ela reage melhor do que esperei, e me beija de volta.

Brenna chega falando e nos afastamos rindo. Seus olhos especulam

os meus e sei que rimos um para o outro. Brenna não nos viu beijar, mas sei que ela dirá o que aconteceu.

— Porque vocês dois riem como dois psicopatas arquitetando o próximo crime? — ela diz olhando para o aparelho minúsculo em sua mão. Ficamos sérios depois do comentário e ela nos olha.

— Vamos comemorar mais tarde? — Callie diz diretamente para mim. Brenna, já nos ignora de novo.

— Não posso — ela diz jogando as mãos no ar — meus pais vão sair para uma noite romântica e eu vou ficar com o pirralho do meu irmão. Mas vão vocês dois e façam disso um

encontro romântico épico.

— Hãn? — Callie fala ficando vermelha.

— Eu vi vocês se beijando, querinha – ela diz e não seguramos o riso — a tensão que rola entre vocês é palpável, consigo cortar com uma faca.

Callie revira os olhos e ficamos ali por mais uns instantes até ir encontrarmos nossos pais.

Estamos há uma hora sentados no meio-fio sem falar nada. Suspiros pesados é a única que ouço. Eu não sei como reiniciar a conversa, porque eu não sei o que passa na cabeça dela nesse momento e nem posso imaginar.

— Você deveria ir embora —
ela diz ainda com o olhar fixo no poste
de iluminação.

— Eu não vou deixar você aqui
sozinha, assim Callie — digo me
virando para ela.

— Você já me deixou uma vez
— ela diz e isso me corta por dentro,
não sei o que fazer para ela entender —
da segunda vez é mais fácil. Faça como
você fez da primeira vez, vire as costas
e saia andando.

Tento manter a calma e me
aproximo dela.

— Não faça isso comigo —
digo procurando as palavras certas,
porque parece que cada coisa que falo

ela interpreta errado — eu não fui embora porque eu quis, eu fui forçado. Eu tive que viver com todas as lembranças que você esqueceu.

Ela se vira para mim com os olhos triste, ela está sofrendo, eu queria abraçá-la agora e fazer tudo sumir.

— Você sabe esse sentimento de perda? — digo baixo. Eu não queria ficar assim, vulnerável — eu senti ele quando soube do acidente — digo e seus olhos estão sem brilho — eu senti quando você não acordou, eu senti quando soube que você não lembrava de mim, Callie.

Seus ombros caem e ela parece que vai chorar mais uma vez.

— Eu perdi a menina que eu amava várias vezes — digo me lembrando do tormento — eu perdi minha melhor amiga, eu perdi a pessoa que me ajudava a compor. Eu sofri. Eu sangrei por dentro. E pedi a Deus que apagasse minha memória. Eu pedi porque, não suportava mais viver sem você.

Ela segura minha mão e eu já me sinto perdido novamente.

— Eu não sei o que dizer — ela diz baixo.

— Eu apenas perdi você demais para apenas uma vida, Callie — digo me sentindo menos pesado — eu não posso mais perder você. Então não

me peça para ir embora. Não me peça para dizer adeus novamente porque eu não sou capaz de fazer isso tudo de novo.

A foto na sua mão está amassada, ela segura com tanta força que parece que vai rasgá-la. Ela solta minha mão e arruma a postura.

— Eu preciso pensar — ela diz menos nervosa e agora consegue me encarar — eu não esperei por nada disso. Eu preciso resolver essa bagunça em mim primeiro.

Ela fica em pé e encara os próprios pés. — Leve o tempo que precisar — digo com as mãos no bolso, porque tenho a necessidade de tocá-la, de segurá-la até

que essa dor dos olhos dela desapareça – eu estarei aqui quando você estiver pronta. Não importa se é daqui a meia hora ou um mês. Até anos, Callie. Eu não vou me afastar de você novamente.

– Obrigada por isso – ela diz sem muita reação.

Ela esboça um sorriso e abre a porta entrando e me deixando lá sozinho.

Callie
Hoje

Abro a porta da sala e minha
avó e Derek estão sentados lá. Ele se

levanta do sofá e vem em minha direção, apenas levanto a mão o fazendo parar e sigo para meu quarto. Eu não posso lidar com esses dois agora, é muita coisa para digerir, é muita coisa para absorver. Eu precisarei de dias para conseguir falar com eles.

Fecho a porta me sentindo pesada e me deito na cama.

Isso é vida real? Ou é apenas fantasia?

Lembro da primeira frase da minha música favorita do Queen.

Puxo minhas pernas e as abraço. A dor. Essa dor que eu temia. Fecho meus olhos, não posso mais ver a realidade.

— *Sua capacidade de me fazer rir deveria ir para seu currículo — eu digo sentada em uma banquetta e com os cotovelos apoiados no balcão — uma habilidade única.*

— *Então eu conseguiria um emprego fácil? — Rafael diz segurando um escorredor cheio de macarrão recém - cozido — tipo em um circo?*

Reviro os olhos e ele para em minha frente sorrindo divinamente.

— *Está me chamando de palhaço? — ele diz parando em minha frente de mãos vazias.*

— *Não — pego sua mão e sorrio — eu apenas amo o fato de sorri*

toda hora.

Ele vem em minha direção para me beijar e eu logo fico ansiosa para receber o gesto. Mas somos interrompidos por um pré-adolescente chato.

— Vocês me dão nojo — ele faz cara de quem está enjoado.

— Você vai chegar lá — digo me dirigindo a Lucas o irmão mais novo de Rafael — e eu estarei aqui para ver.

— Não sei dessa não — ele diz andando de costas saindo da cozinha — isso é vergonhoso — ele some e depois grita — Ridículo.

Sorrimos e Rafael coloca três

tomates em minha frente para eu cortar. Começo a cortar e logo dona Jéssica entra na cozinha.

— Obrigada, meus amores — ela diz parando ao meu lado, passando a mão em minhas costas — eu realmente queria ter chegado mais cedo, mas estava um caos o shopping.

Jéssica trabalha como gerente de Marketing do shopping e sempre tem muito trabalho para fazer. Muito por sinal, mas adoramos ajudar sempre que possível.

— Já estamos cozinhando, tia — digo sorrindo e ela me olha nos olhos. Seus cabelos na altura dos ombros caem quando ela olha para

baixo – sempre que precisar posso cortar tomates.

Dou de ombros e ele sorri tirando o salto alto e sentando na banquetta ao meu lado.

— Filho adorável – ela diz deixando o queixo cair sobre as mãos, apoiando os cotovelos no balcão de mármore – me sirva uma taça de vinho branco.

Ele a olha sério e depois olha para mim.

— Isso é exploração – sua voz grave fala e eu sinto um arrepio. Na verdade, eu sempre sinto quando ele fala.

— Vocês dois são os melhores

– ela diz depois de beber um gole do vinho e roubar um cubo de queijo que estava ao lado, para ser colocado na macarronada.

Sento na cama com a voz estranha em minha mente. O sol está em minha cama e eu já sinto o calor. Será apenas um sonho? Ou uma memória?

Repasso a conversa da semana passada em minha mente e ainda não sei o que fazer. Vou direto para a cozinha e como em um dia de velório minha avó, Derek e Brenna estão sentados ao redor da mesa. Ignoro o fato deles estarem lá e passo para a geladeira pegando água.

Quando me dou conta Derek está em minha frente.

— Callie, já se passaram vários dias... — ele diz baixo — podemos conversar agora?

Viro o copo d'água e olho para ele, ainda mantendo a postura firme, ainda não quero desmoronar, quero mostrar que estou muito magoada com tudo isso, minha vida era praticamente perfeita há uma semana atrás, agora não muito por causa da falta de respeito de minha própria família.

— Não — digo seca e sem ânimo — Quer dizer. Qual mentira você encomendou para hoje?

Ele abaixa o olhar e depois me olha com mais coragem, seu rosto mostra que os últimos dias o castigou,

ele parece pior do que eu.

— Eu só posso pedir perdão —
ele diz abatido — e eu só posso
responder tudo que você precisa saber.

— Como saberei que você não
vai mentir? — digo alto e minha avó e
Brenna me olham — como posso confiar
em você depois de tudo isso? Me diga.
Derek. Porque eu não sei.

Minha avó se levanta e vem em
nossa direção com autoridade, mas eu
lanço um olhar para ela que desarma a
postura antes dela chegar até mim.

— Callie — ela diz tentando me
acalmar — vamos conversar, minha filha.

— Pare de me chamar de filha
— eu grito e já estou chorando — Você

afastou meu namorado, porque você achou que ele era um perigo. Mas você é o perigo. A mulher em roupas de grife, é o perigo.

Suas lágrimas descem e eu não me importo, eu dei uma semana para tudo dentro de mim se desfazer, mas parece impossível.

— Eu não aprovei isso — Derek diz aliviando a culpa.

— Mas permitiu — digo olhando para ele — você deixou ela me privar de minha vida. Você não deveria ter deixado.

Minha avó respira fundo algumas vezes e eu começo a sair, mas eles continuam a falar.

— Nós podemos ligar para ele — ela diz como se fosse uma solução — podemos pedir desculpas.

— Você processou ele — ela me olha com espanto e abre a boca — que tipo de pessoa faz isso?

Começo a sair e ela fala outra vez. Meu rosto está encharcado do meu próprio sentimentos de dor, porque é a única coisa que sinto agora.

— Eu não podia perder você — ela fala e eu fecho os olhos — eu perdi minha filha e eu a queria por perto. Se você tivesse para quem voltar aqui, você ia me deixar.

Saio de lá levando suas palavras, eu não consigo ainda. Não

agora. Não sem ver ele. Eu estou machucada, estou dolorida. Eu estou despedaçada.

Ouçõ uma leve batida na porta e logo ela se abre revelando quem resolveu me ser importuno.

— Posso entrar? — Brenna me olha pálida. Apenas assinto e ela fecha a porta atrás de si.

Sentando de frente para mim em minha cama, ela me puxa para seus braços. Eu aceito. Naquele momento era a única pessoa que eu ainda queria ver.

— Eu não pude proteger você — ela diz e uma lágrima desce — eu falhei, Callie.

— Não, amiga — digo

enxugando a lágrima do seu rosto pálido – obrigada por ter ido atrás de mim.

— Eu não tive outra opção – ela diz e sua expressão muda como se houvesse alívio naquelas palavras – Rafael me forçou. Ele fez eu transferir a faculdade. Ele me forçou a fazer o curso com você.

Ela sorri e eu começo a tentar entender.

— Ele ligou para meu pai pedindo isso – me conserto na cama e espero ela terminar, essa informação é nova e começo a sentir meu peito desinflar – eles podiam afastar você dele, mas não de mim.

Uma claridade se acende em

minha mente e, eu nunca esperei por essas palavras, mas com certeza em algum lugar dentro de mim elas significam algo a mais.

— Mas — digo tentando achar as palavras, mas na minha mente que acabou de entrar em pane, não dá para elaborar mais do que um... — por quê?

— Eu te visitei algumas vezes — ela diz lembrando — mas sua avó não gostava, sempre me mandando ir embora. Então eu me aproximei do Derek e meu curso começou. Nós falávamos sobre você e eu dizia para o Rafa.

— Ele perguntava sobre mim? — consigo dizer no final.

— Todos os dias – ela diz sorrindo – até quando você conheceu o Chris.

— O que aconteceu quando eu conheci o Chris? – pergunto curiosa.

— Ele tatuou a mesma frase que você tem hoje – ela diz fazendo meu queixo cair – ele disse que era o lembrete que ele precisava para se manter firme.

A sensação de sufocamento me atinge e eu sinto vontade de gritar, eu nunca estive tão confusa em minha vida, nem mesmo com o fato de acordar sem memória, porque descobrir que alguém faria tudo isso com você é de fato, maravilhosamente estranho.

— Mas Brenna — digo me localizando nessa bagunça — você aceitou assim? Mudar sua vida? Mudar de cidade?

Ela olha para baixo e depois me olha já diferente. Divertida.

— Era mais perto Derek — ela diz e eu sorrio, ela me ajudaria e ainda ganharia algo mais — e vocês eram meus amigos, Callie — ela diz meio angustiada — eu queria ficar perto de você. Eu queria estar lá por você.

— E então você fez dois cursos — digo e sinto a necessidade de saber mais e mais — por mim.

— Era seu sonho amiga — ela diz baixinho — eu me mudaria para

Nova Zelândia por você.

Arrumo-me na cama e sinto uma dor leve na cabeça.

— É muita coisa em pouco tempo — digo respirando — Eu terminei com o Chris e vem tudo isso. Muita coisa de uma vez só.

Ela fica em pé e vai para a porta.

— Eu vou deixar você sozinha — ela diz, seus cabelos estão presos em um coque bagunçado.

— Não vá — digo segurando sua mão — você é a única pessoa que eu quero ver nesse momento.

Ela sorri e senta novamente cruzando as pernas

— Podemos conversar sobre isso? — digo dando de ombros tentando parecer relaxada.

— Sim — ela responde ansiosa, parece que esperou toda a sua vida por isso.

— Como nós éramos? — pergunto e ela olha para cima, como se no teto estivesse todas as respostas.

— Um trabalho de artes — ela diz mordendo o lábio. Ela faz isso quando pensa — o ano tinha acabado de começar e nós não nos conhecia e o professor empurrou esse trabalho a nós três. Música era nosso tema. Eu lembro que Rafael não resistiu, mas no início, ele era muito calado.

Olho para eles tentando puxar assunto, mas parece difícil. A menina ruiva de óculos me encara de tempos em tempos. Mas logo desvia o olhar. O garoto é tranquilo e espera que tomamos atitude.

— Certo — a menina diz — vocês podem não ter percebido, mas eu sou Brenna. Não, vocês não me conhecem. Eu sou nova aqui e no bairro.

Sorrio para o garoto. A Brenna parecia ser uma figura e tanto.

— Eu sou Callie — digo apontando para mim mesma — e eu já estava aqui mesmo, por isso o professor sabe quem sou.

— *Eu sou Rafael — ele diz com a voz grave de mais para um menino de quinze anos, que é o que acho que ele tem — eu acabei de me mudar para cá, de novo.*

— *De novo? — Brenna diz olhando para ele com uma grande interrogação na cara — tipo, para a cidade?*

— *Sim — ele diz calmamente — minha família foi embora daqui quando eu tinha uns cinco anos e voltamos agora.*

Ele diz e depois me olha com um sorriso tímido e um pouco mais encantador do que eu esperava.

— *Muito legal — Brenna diz e*

logo se vira para ele — mas porque vocês voltaram mesmo?

— Minha mãe conseguiu um emprego de gerente de Marketing do shopping — ele diz e eu ouço atentamente — e conseqüentemente, meu pai pediu transferência do banco que ele trabalha. E hoje estamos aqui.

— Muito bom — ela diz e eu me mantenho sorrindo.

O sinal que indica que encerrou a aula toca nos fazendo sair das cadeiras e sair da sala.

A memória agora é nítida e eu posso ver claramente como esse dia foi. O sentimento confuso e a sensação de dever cumprido me atingem.

— Eu consegui lembrar desse dia — digo e ela me olha de queixo caído

— Sêrio? — ela diz incrédula

— Você usava óculos de armações pretas — ela bota a mão na boca — e Rafael tinha os cabelos curtos.

Ela me puxa em um abraço de urso sufocador e eu a aperto de volta.

— Sem palavras, amiga — ela diz e sai correndo para o banheiro.

A sigo instintivamente e a olho da porta do banheiro. Ela está vomitando tudo que deve ter comido hoje. Ela me olha um pouco amarela e eu vou ao seu encontro. Ela para na pia

e lava o rosto.

— Desculpa — ela diz ainda com a cara na pia — mas esses enjoos do primeiro trimestre têm que passar. Não posso mais viver assim.

Nos sentamos novamente na cama e eu a olho ansiosa.

— Me conte mais sobre esse dia — digo e ela respira fundo.

— Na saída a gente ficou tipo, primeiro beijo — a olho estranha sem saber de nada — sem saber o que dizer — entendi a referência depois e sorrio — ou fazer claro.

Ela me conta como aquele dia terminou. Nós três brigando porque ninguém queria cantar e como logo

começamos a testar. Eu a ouço e uns flash fragmentados me atinge. Sorrio. Mas uma coisa me vem em mente, Chris. Onde ele cabe em tudo isso? A sensação me ocorre tão inesperada que não sei o que fazer.

Pego o celular e Brenna ainda conta sobre os dias seguintes. E para meu espanto tem uma mensagem dele lá.

“A saudade é infinita. O tempo não passa quando não estou com você”

Sinto um bolo na garganta. Porque ele não pode me dá um pouco de espaço? É tão difícil assim? Resolvo não responder e deixo o aparelho lá.

O mal-estar começa a me

visitar e sinto uma vontade desmedida de deitar. Minha cabeça pesa de tanta informação e eu reluto em pedir para Brenna parar de falar.

— Acho que falei demais — ela diz e eu respiro liberando o ar mais lentamente — você parece cansada.

— Eu estou, amiga — eu digo sentindo as pernas pesarem — não dormi bem. Você se importa se eu for dormir um pouco?

Ela me abraça uma última vez e levanta.

— Jamais — ela diz chegando na porta mais uma vez — tente entender tudo que conversamos — ela roda a maçaneta, mas não abre — tudo foi feito

pensando no seu melhor. Sua avó pode ter agido errado, mas, mesmo assim, foi para te proteger. Rafael pode até ter cedido as ameaças, mas quem não cederia? E seu irmão, pode ter ficado na dele, mas ele estava em luto. Nunca esqueça disso. Vocês estavam bagunçados.

— Eu sei — eu digo segurando as lágrimas.

— Você esqueceu aquele acidente — ela diz ainda me olhando — mas ele não. Ele viu os caixões descer enterrando os pais. Ele recebeu os pesares e ficou com a dor.

Olho para baixo tentando imaginar a cena, mas essa cena nunca se

igualará a original.

— Amanhã eu falo com ele —
eu digo pensando sobre a dor dele.
Como eu pensei sobre a do Rafael.

— Eu amo você, amiga — ela
diz esticando a mão e pegando a minha
— eu só não sabia por onde começar a
contar tudo isso.

Sorrio sem graça.

Eu também não saberia como
dizer isso tudo a uma pessoa, assim,
gratuitamente. Ninguém diz. Ela já não
está mais no quarto e eu me deito outra
vez. Eu não estou me sentindo bem,
essas mensagens de Chris indicam que,
claramente, ele não entendeu nada sobre
o terminar. Mas chamarei ele outra vez

para conversarmos mais um pouco.

Deixo minhas pálpebras fechar
e me permito cair em sono profundo,
mas dessa vez um pouco mais leve por
dentro.

Rafael

Hoje

Mais de uma semana passou
desde que Callie descobriu e ainda não
falei sobre o que aconteceu com os
caras. Magno provavelmente não
aprovará o que eu direi, mas não está em

meu poder fazer com que Callie volte a gravadora e nos produza, a energia já está praticamente funcionando sem cair, isso foi o que nos manteve fora do estúdio, agora tenho que contar o que nos fará ficar mais um tempo sem trabalhar.

Matt roda uma caneta no ar e de longe vejo Ramon e Magno se aproximar. Nós estamos na área externa do hotel, tem uma piscina a nossa frente cheia de garotas adolescentes, só acenando para nós de tempo em tempo.

Eles sentam e Magno ainda fala no telefone, depois de uns minutos ele encerra a ligação e me encara.

— Então — ele diz me

encarando, esperando a explicação — porque vocês não estão na gravadora?

— A Callie não poderá nos produzir por enquanto — digo e Matt logo se conserta na cadeira, ele provavelmente já sabe o que vem por aí.

— Preciso mais do que isso, cara — Magno diz mostrando impaciência — nós temos um contrato e nosso tempo está correndo.

— Eu sei — digo tentando manter a calma que não existe — há coisas que você não sabe Magno. Callie e eu éramos namorados, mas ela sofreu um acidente indo para aquele festival que nós nos conhecemos.

— O festival que você nunca

entrou? — ele diz sem exaltação e diferente das outras vezes que conversamos nos últimos dias.

— Sim — digo me lembrando — ela ficou em coma por um tempo e a lesão na cabeça criou um inchaço no cérebro, que comprometeu a área da memória, fazendo com que ela perdesse parte da memória de longo prazo.

Eu paro e respiro.

— Então ela não lembrava de você — ele diz concluindo meu pensamento — mas agora ela sabe sobre você?

Assinto.

— Como ela está? — Ramon diz em minha direção.

— Está uma bagunça — digo procurando a palavra certa — a pior parte não é essa e sim, o fato da família dela ter feito o que fez.

— Ela não poderia estar diferente — Matt diz e se levanta — Eu quero falar com ela.

— Ainda não, Matheus — digo sério — ela precisa de um tempo. Nós poderemos encontrá-la quando ela quiser nos ver.

Ele senta meio pensativo

— Esse era o motivo de você não querer assinar com eles? — Magno diz e eu apenas o olho.

— E porque você aceitou? — ele continua.

— Porque eu precisava vê-la — confesso. Depois de Callie, eu me tranquei dentro de mim.

Eles se calam e ficamos ali, por muito tempo, calados. Eu queria uma desculpa para pode vê-la, eu queria saber como ela estava, mas não posso ligar. Minha única saída é Brenna. Que sempre foi a única.

Magno recebe outra ligação e sai da mesa, voltando para dentro do hotel, fica Ramon e Matt ainda com o silêncio dominando.

— O que você vai fazer para reconectar com ela? — Matt quebra o silêncio. Ele parece arquitetar o plano perfeito.

— Eu não sei, Matt — digo analisando minhas oportunidades.

— Vocês podem refazer as coisas que vocês faziam antes — Ramon diz dando a perfeita solução — algo que significou.

— Não sei se ela vai querer me ver — digo pensando em alguns momentos que passamos juntos.

— Você precisa tentar, você já tentou falar com ela desde tudo? — Matt faz uma pergunta esperando uma resposta, mas eu me levanto da cadeira decidido a mudar isso.

— Não, Matt — digo saindo e deixando eles lá com as meninas que parecem assisti-los — mas é o que

planejo fazer agora.

Depois de tirar várias fotos com as meninas da piscina, elas pediram com carinho quando me viram sair de lá, disco o número de Brenna, eu preciso da ajuda dela nisso tudo, logo ela atende.

— Oi — ela diz assim que atende.

— Pode conversar? — pergunto lembrando que ela trabalha.

— Sim — ela diz se afastando do barulho — meu último dia aqui, estão fazendo uma festa para mim. Mas sei que você não ligou para isso. Então, vamos logo ao ponto.

Sorrio da forma despreocupada

dela.

— Como ela está? — pergunto sem cerimônias.

— Ela está melhor agora — ela diz me acalmando — eu conversei bastante com ela, contei como você me forçou a me mudar e como eu tinha que falar tudo sobre ela para você, mas essa semana foi tranquila para ela, a gente se afastou e deixou ela absorver tudo isso.

Isso me preocupa. Não era para ela ter dito, eu queria fazê-la entender.

— E o que falou? — pergunto.

— Ela ficou mais tranquila — ela diz e as vozes de crianças começam a abafar no fundo — não é fácil descobrir tanta coisa assim. Mas creio

que essa parte era o que ela queria ouvir, ela sabe que você não desistiu e é isso que importa.

Pensamentos começam a surgir em minha mente sobre as memórias dela.

— E o namorado dela? — eu pergunto antes de fazer qualquer coisa — o que ele achou de tudo isso?

— Eles terminaram — ela diz, ouço a risada dela — eu te falei que não duraria, ele era muito ciumento e muda de humor mais rápido do que mulher grávida e eu sei do que estou falando.

— Foi definitivo? — pergunto para ter certeza.

— Olha, Rafa — ela diz e já sei que brigará comigo — apenas vamos

agradecer dela ter tirado ele da vida dela. Como já tinha conversado com você. Ele era estranho.

— Mas você desconfiava dele por motivos errados — digo me lembrando as coisas que ela me falava, assim que esse relacionamento começou — não gostar de você não é motivo para uma pessoa ser estranha.

Ela solta um longo suspiro.

— Só há duas pessoas que não gostam de mim nesse mundo — ela diz impaciente — Chris e aquela velha avó deles — sorrio para que ela possa ouvir e já posso concordar com ela — então sim, querido. Tem algo errado neles. Todo mundo me ama.

Brenna foi a única pessoa que me deu suporte quando tudo isso aconteceu. Ela se mudou por mim, apesar dela e Callie serem muito amigas, mas ela tinha a família aqui. E mesmo assim se mudou. Ela e Derek ainda não tinham nada, acho que eles não se conheciam na verdade.

— Concordo com você — digo encarando meu violão e lendo o nome de Callie no braço dele — eu preciso que você consiga fazer ela me ver — ela começa a falar e eu interrompo — eu prometo que será o último pedido. Quero falar com ela e propor uma coisa, se ela não aceitar eu prometo sair da vida dela e cancelar o contrato.

— Eu vou falar com ela — ela diz e fala com outra pessoa do outro lado — eu preciso ir, mas ligarei para ela assim que der. Tome cuidado meu amigo.

— Você também — eu digo e ela sorri — parabéns pelo bebê.

— Obrigada, logo você será tio Rafa — ela diz e eu acho isso meio impossível, se eu não me resolver com Callie o pai dessa criança nunca vai permitir isso.

— Até mais, Brenna — digo.

— Até mais — ela desliga e eu pego o violão para ver mais de perto o nome escrito.

Ela faz um gesto com sua mão

pedindo para eu me apressar. Espero que não seja uma festa surpresa. Consigo chegar na sala da minha casa e lá está meus pais, meu irmão, Brenna — são todos que consigo ver direito — mas logo depois de adentrar a casa totalmente, me deparo com Matt e Ramon lá também.

— Meu presente primeiro — Callie diz e sai literalmente correndo e todos riem, minha mãe me abraça e Brenna faz o mesmo logo em seguida.

Ela vem trazendo o que me parece um violão e bota em minha frente. Apoio o objeto no sofá e abro a capa, um violão preto está lá dentro. É eletroacústico.

— Seu presente — ela diz sorrindo e ficando vermelha — só para ressaltar já conta como o de namoro também.

Ela sempre fica vermelha quando está ansiosa ou nervosa. Ou sorri de mais.

Fico em pé em sua frente e beijo seus lábios. Ela fica mais envergonhada ainda por ter tantas pessoas na cozinha.

— Obrigado — digo ao seu ouvido só para deixá-la mais desconfortável.

— Gravei meu nome nele — ela diz mostrando o braço do violão por trás — para sempre que você for

tocar, lembrar de mim. E quando você for famoso, espero que possa usá-lo em suas composições.

Passo meu dedo sobre o nome gravado sentindo a profundidade dos traços ali feito, seus olhos brilham genuinamente com orgulho de ter feito algo que ela sabe que me fará lembrar dela para o resto da vida.

— Parece mais do que certo ter seu nome aqui — digo em um sussurro para ela.

As pessoas já tinham se dispersado. Aquela era a forma delas fazerem uma festa surpresa para mim. Minha mãe já levou todos para a cozinha e ficamos só nós dois ali.

— *Parabéns* — *ela diz abraçando meu corpo — eu sei que você odeia festas surpresas, mas não é uma festa surpresa. É só uma festa. Certo?*

Tento entender a lógica que ela usou e sorrio.

— *Certo — digo pegando sua mão e puxando para onde estavam os outros — onde estão seus pais?*

Ela faz cara de quem está lembrando e depois responde.

— *Foi comprar umas coisas para a viagem — ela diz e me lembra a viagem que faremos para o mesmo lugar, porém separados — eles pediram que você fosse jantar conosco hoje.*

*Lembra a música que gravamos?
Aquela do festival da escola no
primeiro ano? — assinto e já estamos
na cozinha — meu pai deu uma mexida,
quer que você veja.*

*Sento ao lado de Ramon, Matt
e Brenna está a nossa frente.*

*— Sério? — pergunto
querendo ter certeza que entendi.*

*Desde que iniciamos a banda
eu pedi a Callie que não pedisse favor
aos seus pais de forma nenhuma.*

*— Sim, nada de mais — ela dá
de ombros — só que eu achei o arquivo
e comecei a mexer e ele veio e me
ajudou.*

— Eu ouvi — Brenna diz

comendo algo que não consigo identificar — ficou muito bom.

— Sério que Brenna já viu e eu não? — digo apontando para mim mesmo em uma forma de brincadeira.

— Ela me forçou — ela diz mordendo o mesmo doce que Brenna e fica na ponta do pé e me beija — mas não é só isso. Ele quer ouvir vocês tocarem quando voltar do festival.

Matt e Ramon se viram para ela como zumbis vendo humanos.

— É por isso que Callie é a melhor namorada do mundo — Matt diz e eu espero ele explicar aquela frase — sua, não é cara? Para mim ela é irmã Callie.

Sorrimos e minha mãe traz mais comida para nossa frente.

— Espero que eles gostem de vocês tanto quanto eu gosto — ela diz diretamente para Matt.

Ela fica ao lado de Brenna do outro lado do balcão e pisca o olho para mim. Não me deixo apegar a ideia dos pais dela e tento aproveitar a festa “não surpresa” com meus amigos.

Esse dia ainda vive em minha memória como se fosse a última coisa que vive. O sorriso de satisfação dela por me dar aquele presente, é algo que não vou esquecer.

Dou uma olhada no telefone para ver se já tem resposta de Brenna

mas não há nada lá. Pego o violão para trabalhar na música que eu fui mostrar a ela ontem, a música que toquei em todas as visitas que fiz no hospital enquanto ela estava lá. A segunda música que fiz depois do acidente dela.

Tocarei mais uma vez enquanto espero Brenna ligar.

Callie

Hoje

Os últimos dias foram pensando, horas me questionando. Eu me afastei de todos e fiquei com meus pensamentos. O espaço que Rafael me deu, no fundo doeu, eu achei que ele iria me procurar, mas não fez, só mostrando o quanto ele respeita o limite de cada um.

Fiquei dentro do quarto até ter

certeza que não havia mais vida em minha sala. Então, eu sai sorrateiramente para ter certeza que eles não estavam me enganando e quando me certifico que não há ninguém lá, eu bato palmas. Pego um copo de leite e uns biscoitos. A fome me visitou e eu precisava comer mesmo. Logo depois de eu finalizar minha não elaborada refeição, a campainha toca. Coloco o prato e o copo sujo na pia e vou me arrastando ver quem é.

E para minha surpresa Chris está lá. Cabelos devidamente penteados para cima em seu tom de loiro invejável, em uma calça jeans escura e uma camisa polo branca. Ele tira os óculos escuros e me olha com seus olhos verdes, tentando

jogar seu charme, que funcionou há um ano atrás.

— O que você faz aqui, Chris?
— pergunto e ele adentra sem ser convidado. A regra do convite para vampiro deveria valer para ex-namorado também.

— Você não responde minhas mensagens — ele diz e eu reviro os olhos — quero saber o que está havendo. Ou você acha que vai terminar comigo em uma praça de alimentação de um shopping e ficar tudo bem. Acho que mereço mais do que isso não?

— Certo, Chris — digo e ele já está sentando no sofá — o que podemos debater sobre nosso relacionamento

fracassado?

— Não fale assim, Callie — ele diz já irritado — é tudo culpa daquele roqueirinho, não é?

Porque ele continua a se referir a Rafael assim? O que e como o Chris pode saber de algo que não sei? Porque eu nunca mencionei Rafael a ele, eu não sabia da sua existência e Chris não é do meu passado, ele é do meu presente. Brenna não falou nada para ele. Como ele sabe?

— Porque você tem tanta raiva do Rafael? — pergunto e ele gargalha para cima

— Ele quer roubar você de mim — ele diz se aproximando de mim,

mas de onde ele tirou isso?

— Como assim, Chris? —
pergunto e ele para como se tivesse
organizando as ideias.

— Apenas volte para mim —
ele diz tocando minha perna o que me
faz afastar — não fuja de mim, Callie.
Eu amo você.

Eu fico em pé e ele me olha de
baixo para cima.

— Não vai ficar assim — ele
diz entre os dentes — se você não ficar
comigo. Você também não vai ficar com
ele.

— Do que você está falando?
— pergunto já tremendo de nervosismo
— Do fato que você me deixou

para ficar com ele — ele diz ficando em pé na minha frente — e eu mudei de cidade por você e mudei minha vida por você, para você me deixar por ele assim. Na primeira oportunidade.

Ele segura meu braço e aperta e eu fecho os olhos com a dor.

— Eu não aceito perder você — ele diz e eu encaro o braço do sofá — então se livre desse cara e volte para mim.

Ele solta meu braço e no mesmo momento Derek abre a porta. Ele nos olha assustado e Chris passa por ele sem dizer nada.

Sinto-me arrasada, confusa e perdida e a única reação que tenho, é

correr e abraçar meu irmão. Seus braços familiares me apertam forte e eu relaxo mais, mas ainda o músculo do braço dói. Consigo me separar dele que me olha preocupado, eu olho para seus olhos em cor de mel e ele parece mais arrasado do que eu.

— Oi — digo sentando, ainda me sentindo fraca, eu queria poder contar tudo para ele sobre o Chris, mas sei que ele faria uma loucura.

— O que foi isso? — ele diz pegando meu braço e eu fecho os olhos — ele fez isso com você?

Eu tiro a mão dele do meu braço e seguro o conduzindo a sentar no sofá comigo, onde eu e Chris estávamos.

— Esqueça isso, Derek — digo baixo e ele me analisa — eu e o Chris terminamos e ele não está aceitando isso bem.

— Como assim? — ele diz tentando entender — quando isso aconteceu?

Eu me sinto cansada e penso em desistir dessa conversa.

— Ontem — digo mostrando impaciência — mas já tem um tempo que nós brigamos. Mas algumas noites atrás, foi a última vez que ele se referia ao meu acidente como nada. Como uma coisa costumeira. Ele não respeita essa parte de mim, então eu terminei com ele. Mas ele acha que foi por conta do

Rafael.

— Mas foi por causa do Rafael? — ele pergunta. SIM! Claro que foi! Deu a louca e eu queria o estranho.

— Não, Derek — digo me lembrando o real motivo — ele estava impossível, bebendo todos os dias e eu não suportava isso. Eu terminei muito antes de saber do Rafael.

Ele se ajeita no sofá e fica mais de frente para mim.

— Callie — ele começa a dizer. Eu resolvo abafar toda a verdade que acho absoluta e ouvir o que meu irmão tem a dizer — eu perdi dois pais naquele acidente.

Ele diz e eu estremeço. Minhas

mãos suam e eu queria encerrar aquela conversa.

— E eu tinha uma irmã deitada em uma cama — ele diz e vejo umas lágrimas descenderem seu rosto — e quando você acordou a única coisa que eu queria era que nada de ruim lhe acontecesse. Eu não poderia ver você sofrer mais do que aquilo. Callie, eu estava desligado por dentro.

— Desculpa — eu digo e deixo ele terminar.

— Eu não soube da medida protetiva contra o Rafael até a Brenna me contar — ele menos nervoso — ela me disse que era amiga dele e que confiava a vida dela a ele e a última

coisa que ele faria era machucar você.

Eu encaro meus pés descalços e aguardo ele falar.

— Mas já estava feito — ele diz tentando me olhar nos olhos — eu comecei a tenta fazer ela desistir, mas ela resistiu até uns quatro meses atrás, quando você decidiu voltar para cá.

— Onde ela está agora? — pergunto olhando ele nos olhos — para onde ela foi?

— Ela saiu para ir ao shopping — ele diz e vejo que outro carro estacionou na frente da minha casa, deve ser Brenna.

— Eu quero que ela vá embora — digo e levanto para ir na cozinha. O

furacão acalmou e a fome bateu — eu quero que ela vá embora da minha casa hoje.

— Mas, Callie — Derek diz e Brenna abre a porta.

— Sem, mas — digo pegando um copo de suco de maracujá pronto — eu a quero longe daqui. Apenas a mande embora.

Brenna entra e cumprimenta Derek com um beijo nos lábios e logo depois vem até a mim e rouba meu copo de suco.

— Precisamos conversar — ela diz em um sussurro em pé ao meu lado.

— Sobre? — pergunto no mesmo tom de voz.

— Rafael quer conversar com você — ela diz e dá um gole no suco e termina — ele quer propor algo.

Não evito ficar animada por dentro e tenho certeza que mostro em meu rosto que mudei quando o nome dele foi mencionado.

— O que seria? — pergunto e sei que estou sorrindo.

Ontem eu estava machucada de mais, mas cada palavra que ela falou fez eu me sentir tão amada. Cada olhar. O cuidado dele. Eu preciso saber o que é.

— Não sei, amiga — ela diz me entregando o copo vazio — você terá que ligar para ele.

— Não sei se posso — digo

indo para a sala com ela onde está Derek — é melhor esperar minha avó ir embora. Não quero que ele tenha que olhar para ela. Isso pode machucar ele ou deixa-lo desconfortável. Mas na verdade, minhas verdadeiras palavras seriam: Chris nos ameaçou, vamos deixar para lá.

— Ao menos vai pensar? — ela diz assim que sentamos ao lado de Derek, que está mexendo no celular.

— Sim — digo escondendo o riso que quero soltar.

— Vou dizer a ele — ela diz e Derek nos olha tentando descobrir sobre o que estamos falando.

Apenas assinto. Eu sei que tem

muitas coisas a serem resolvidas entre Rafael e eu, há mais do que um relacionamento esquecido por amnesia. Há também um contrato que diz que irei produzir o álbum da banda dele, mas não sei se serei capaz de fazer isso agora. Não enquanto eu não entender tudo.

— Derek — digo me virando para ele — Eu quero dar uma pausa na gravação do álbum.

Ele me olha atentamente.

— Eu não posso fazer isso agora — digo e minha cabeça ainda gira. Parece que para um momento feliz, dez devastadores virão — ao menos agora. Eu preciso me resolver primeiro.

— Com o Rafael? — ele diz e eu desvio para o nada.

— E principalmente comigo — digo olhando para ele — vocês vão casar logo e eu fiquei de ajudar Brenna.

— Não tem problema, Callie — Derek diz e antes que eu rebata ele termina — ninguém vai julgar você por querer conhecer o Rafael novamente. Ninguém vai impedir. Você pode sim trazer seu passado para o presente, eu incentivei você a trazer a banda para a gravadora para ver se isso se resolve, Callie. Eu quero minha irmã de volta, a menina que fez grande coisa de tudo. Você tinha tanta grandeza com você e nesse acidente, isso desapareceu. Eu não

o conhecia antes de tudo isso, mas só em ele estar em sua vida, tudo mudou.

Eu fico séria. São coisas a considerar e eu não quero pular de vez nisso, eu quero calma. Eu quero poder absorver isso tudo e tentar ver tudo pelo lado positivo.

— Obrigada por vocês me apoiarem nisso — digo mais leve e já disposta a ver o Rafael — apenas se livre de nossa avó.

Eles sorriem. Mas por dentro o medo do Chris cresce, mas eu não posso ficar sem tentar lembrar porque o Chris me ameaçou. Ele não seria capaz de fazer nada, ele só está machucado. Quando estamos assim, logo fazemos

ameaças vazias.

O assunto se encerra e logo Brenna e eu engatamos no assunto casamento, o que acaba expulsando Derek da sala. Um casamento simples como diz Brenna, até lá ela estará com a barriga grande, mas nada muito grande, ela é muito magra e comida parece não ter efeito nela.

Terminamos de ver umas cores de vestido para mim e logo eles foram para casa deles. Minha avó não apareceu e eu resolvo me trancar em meu quarto novamente. Eu não quero ter que olhar para ela ou ouvir qualquer mentira que ela tenha para contar. Eu não quero suas desculpas, se ela estava

machucada, eu estava o dobro disso.
Mas ela só pensou nela, o que só faz ela
parecer pior do que é.

A luz do meu celular se acende
e logo direciono minha atenção para ele.
Tem uma mensagem de Derek no visor.

*“ Eu me resolvi com a vovó.
Mas eu disse que você não está em
casa, fique no quarto que eu estou indo
buscar as coisas dela aí. Ela também
vai. ”*

Resolvo responder logo, não
acredito que ele vai levar ela para a
casa dele

*“ Você vai levar ela para sua
casa? ”*

A resposta vem logo em seguida.

“ Ela é nossa avó, Callie. Apenas esteja fora do alcance dela. Ela voltara depois, quando você estiver melhor ”

Quando ouço a porta se abrir, desligo a luz do quarto e pauso o filme que eu estou vendo em meu notebook. Ela entra reclamando e ouço a voz abafada pela porta.

— Eu devo estar pagando meus pecados — ela diz gritando — ser expulsa da casa da própria família. Os pais de vocês devem estar morrendo de vergonha disso.

— Sem drama vó — Derek diz

e quase não ouço o que ele diz em seguida, me abaixo para mais perto da fenda, perto do chão para o som passar menos abafado — você tem culpa nisso. Ela precisa de tempo. Ela não precisa ficar se irritando toda hora porque você acha que tem razão.

— Mas eu tenho — ela diz cheia de audácia — aquele rapazinho, parece um delinquente, com aqueles cabelos que precisa de corte. Seus pais deveriam não saber sobre aquilo.

Não suporto a forma que ela se refere a Rafael e abro a porta assim que eles estão saindo do quarto que ela estava, que fica de frente para o meu.

— Eu preciso dizer isso em sua

cara — digo e ela me olha com as sobrancelhas arqueadas — aquele delinquente está na cidade — ela olha para o Derek mais assustada ainda — Aquele delinquente é um dos músicos mais populares da atualidade, sua arrogância não deixa você saber disso.

Ela engole em seco e ajusta a postura.

— E não há nada no mundo que vá me distanciar dele — digo e logo respiro, sentindo o meu corpo sentir o que vou dizer em seguida — sabe porquê? — me sinto sufocada e feliz ao mesmo tempo. Eu queria saber como posso me sentir assim com alguém que não conheço — Por que desde que o

ouvi cantando pela primeira vez no rádio em sua casa, parecia que a música era para mim, diretamente para mim. Eu posso não lembrar de muita coisa sobre “aquele rapazinho que parece delinquente”, mas eu sei que em alguma parte eu lembro dele. Porque quando ele me beijou tudo parecia certo, parecia a peça que faltava. Apenas parecia ferro se juntando a um ímã. Isso que você fez, não tem perdão.

Ela olha para o chão e Derek parece assustado com tudo que ouviu. Eu não consegui me controlar.

— E seu namorado? — ela diz sem me olhar nos olhos — O Chris? Onde ele está?

Dou de ombros. Me admira ela lembrar do nome do Chris, já que ela sempre pareceu muito indiferente em relação a ele.

— Nós terminamos — digo e parece que ela está vendo fantasma atrás de mim.

— Como assim? — ela diz em um gaguejo baixo.

— Chris não era bom para mim — eu digo e ela respira fundo.

Ela tenta pegar em meu braço, mas eu dou um passo para trás. Não me importa se ela gostava do Chris, nós não temos chance de voltar ainda nessa vida.

Derek começa a sair com as malas, mas ela continua lá, parada me

olhando como se eu tivesse acabado de ameaçar a vida dela. Ela respira para falar e eu abaixo o olhar, eu não tenho mais nada para falar com ela e quero que ela respeite isso.

— Estarei na casa do seu irmão — ela diz tentando me tocar e eu me afasto mais ainda — Não faça isso comigo, Callie. Eu perdi uma filha.

Eu continuo encarando o chão. Não vamos falar sobre perdas, isso está me enchendo

— Pare com isso — digo baixo e olho para ela — eu perdi dois pais e a memória, então eu perdi mais do que qualquer pessoa nesse acidente. E perdi mais, por causa de você. Perdi um

namorado também, então assim, não há competição. Perdas são perdas, nós não mediremos nossas dores. Apenas vá embora da minha casa.

Entro para meu quarto antes mesmo dela sair dali. Eu fecho a porta e me deixo sentir o que acabei de dizer sobre o Rafael. Sento-me na cama e cruzo as pernas, olho a hora e vejo que já é um pouco tarde, fico com a dúvida se mando mensagem para Rafael ou não. Mas minha curiosidade não me deixa não fazer isso. Eu preciso fazer isso.

Eu vou ligar, eu preciso ouvir a voz dele outra vez. A chamada é atendida imediatamente e eu respiro antes de falar.

— Oi — eu digo com medo, ansiosa e sem saber o que dizer depois.

— Oi — ele diz baixo, sinto meu estômago revirar e eu tento lembrar como respira.

— Brenna disse que você queria me propor algo? — fico pensando nas possibilidades da proposta.

— Sim — ele diz com a voz leve — eu quero poder te ajudar a lembrar. Eu quero poder levar você a uns lugares onde costumávamos ir e fazer coisas que eram nossa rotina. Se você quiser é claro.

Eu fico em pé instantaneamente e quase pulo de tanta empolgação, mas

tento não demonstrar tanto na voz.

— Boa ideia — digo tentando deixar a respiração calma, mas, na verdade, estou dançando. — o que você tem em mente?

Sento-me de volta e não desfaço o sorriso.

— Eu queria levar você a cachoeira — ele diz e eu tento lembrar da cachoeira, não me lembro de ter ido lá — a gente costumava ir lá com os caras da banda e Brenna. E era tipo nosso lugar mesmo.

Penso no quão branca estou, um sol será bom e topo logo.

— Pode ser — eu digo já sabendo que terei dificuldade para

dormi — vamos levar os caras?

Digo usando a mesma
entonação de voz dele.

— Não — ele diz sorrindo da
imitação — só nós dois. Agora, é bem
cedinho mesmo. Lá costuma ir muita
gente e não quero que você seja exposta
agora. Tem uns paparazzis loucos atrás
de uma foto.

Fico pensando como é viver
assim, cheio de gente querendo saber o
que você está fazendo.

— Certo — digo mais relaxada
e confiante — eu passo aí e te pego —
digo tentando ter controle de algo —
umas cinco da manhã?

— Por mim pode ser — ele diz

e alguém o chama — Os caras estão jogando videogame e insistem que eu vá me juntar a eles — ele diz e eu sinto a naturalidade dele falando comigo, como parece íntimo — eu estou falando ao telefone — ele diz mais distante para alguém, a pessoa fala algo que não entendo, mas ouço a resposta do Rafael — sim é ela.

— Eu vou te deixar ir — digo relutando em desligar — vá jogar com eles, nos vemos amanhã.

— Você ficará bem? — ele diz e eu me faço a mesma pergunta.

— Pode ter certeza — respondo confiante — até amanhã cedinho.

— Até amanhã — ele diz se despedindo.

Jogo-me na cama de braços abertos e sorrio para meu teto branco. Eu estou me sentindo tão bem com essa proposta e a ansiedade bate, mas eu puxo meu notebook novamente, preciso finalizar esse filme e correr para ir dormir, estou um poço de energia, a excitação é louca e eu estou quase pulando, que amanhã chegue logo.

Callie

Hoje

Acordo meia hora antes do despertador, o que significa que acordei uma hora antes do combinado. Sento na cama tentando enxergar através da escuridão, mas sem sucesso. Resolvo ver o que irei vestir. É muito cedo para colocar uma roupa muito curta, apesar que aqui faz muito calor, se não fosse o ar-condicionado estaria derretendo

dentro do meu quarto.

Olho para meus jeans alinhados no armário e fico em dúvida, mas resolvo colocar um short mesmo, afinal, lá tem água, não deve ser agradável ir para um lugar onde eu vou ter que caminhar bastante para chegar, de calça jeans. Tiro o short e logo penso na camiseta, uma camiseta preta regata larga que ganhei de Derek no meu último aniversário, parece a combinação perfeita, vou colocar um biquíni também, não sei o que esperar. Apenas não sei.

A rua está sem trânsito e logo estaciono na porta do hotel e o que me

pega de surpresa é o fato dele já está lá esperando. Suas mãos estão dentro dos bolsos de uma bermuda jeans, algo que nunca imaginei ver ele vestido e uma camisa regata que deixa seus braços amostra a altura do ombro. Ele parece uma pessoa totalmente diferente do que consigo imaginar vestido assim e para minha surpresa, a tatuagem que eu achei que não existia, por nunca ter visto nem em fotos — ele sempre está com camisas de botão abaixo dos cotovelos — estava lá. Ele acena para mim e eu estaciono. Tento deixar o nervosismo de lado e agir natural.

— Bom dia — ele diz ao sentar a meu lado — posso dirigir? É mais

fácil para irmos.

Eu tiro o cinto e logo ele está ao meu lado, ele abre a porta para que eu desça e eu agradeço.

— Bom dia — digo frente a frente ele — sem problemas.

Nos acomodamos no carro e como um ritual eu coloco o cinto de segurança. Eu fico com receio de puxar assunto, mas logo sufoco isso.

— É longe daqui? — pergunto e ele me olha enquanto para em um sinal.

— Não muito — ele diz paciente — mais uns quinze minutos e estaremos lá.

Eu volto a olhar para frente

pensando o que podemos conversar mais.

— Como foi o jogo ontem? —
ele me olha com confusão e eu continuo
— com os caras.

Ele sorri majestosamente e eu sorrio de volta.

— Era só um jogo — ele diz e eu olho esperando ele continuar.

— Você perdeu! — afirmo e ele sorri. Não era só um jogo, se ele tivesse ganhado ele teria dito mais alguma coisa.

— Um pouco — ele assume e percebo que não estamos mais na cidade — Ramon tinha acabado de comprar e a gente estava tentando jogar. Foi uma

perda coletiva.

Ele estaciona o carro e logo descemos. Parece um lugar tranquilo e logo esse lugar me vem à mente. Eu não cheguei a vir aqui, mas eu sabia que aqui era um tipo de lugar legal para sair com a galera, inalo o ar limpo e logo começamos a andar mata a dentro.

Ele vai na frente me guiando e livrando os galhos que obstruía a passagem. Uns dez minutos andando e vejo a queda d'água divinamente linda a minha frente, ele para ao meu lado e descansa as mãos nos quadris.

— A caminhada acaba deixando a gente com calor — ele diz olhando diretamente para água — por

mais que seja cedo, aqui na cidade já está quente.

— Isso é uma verdade — tenho que concordar. Eu teria me arrependido se tivesse colocado outra roupa — então, o que fazíamos aqui?

Ele estende sua mão e eu pauso um pouco para entender o gesto. Olho para seus olhos e logo depois pego sua mão.

— Você precisa confiar em mim, Callie — ele diz virado para frente o que faz eu quase não entender o que ele disse — eu preciso que você confie e queira fazer isso.

— E eu quero — digo mais alto, a queda d'água faz barulho — eu só

preciso aprender como. É difícil depois de tudo confiar nas pessoas.

Ele para em uma rocha alta e me ajuda a sentar. Ficamos de lado da queda d'água e sinto os respingos da água em mim uma vez ou outra.

— De início — ele diz apoiando os braços nos joelhos e eu encaro a tatuagem que ele tem abaixo do cotovelo ao redor do braço — apenas confie em mim.

Eu começo a ler a frase em inglês e logo uma memória me vem. A primeira reunião com a banda, quando eu disse que tinha uma tatuagem, ele saiu da sala como se eu tivesse o acusado de algo sério, mas não, nós temos a mesma

tatuagem, de alguma forma incomoda ele, a dele foi por um motivo e a minha por outro, a dele se resumia a não esquecer de mim e a minha dos meus pais, nós queríamos lembretes e conseguimos um para sempre.

Eu tiro minha camiseta e fico só com a parte de cima do biquíni.

— Quando nós nos abraçarmos — eu digo e ele me olha atentamente — nossas tatuagens podem se encontrar.

Ele me olha sem entender e eu sorrio meio sem graça da revelação, minha boca me traiu.

— Nós temos a mesma frase tatuada — digo e é como se ele tivesse se dado conta que havia uma tatuagem

— isso é engraçado. Não estou dizendo que você vai me abraçar.

Ele começa a sorrir da minha confusão e eu tento falar, mas ele interrompe.

— Mas nós iremos, Callie — ele diz agora encarando a água — e elas irão se encontrar como você planejou.

Fico sem jeito e ele olha para as letras escritas em letras cursivas, uns três dedos abaixo de onde termina meu biquíni e depois, olha para dele.

— Eu nunca vi essa tatuagem — digo e vou com a mão em direção ao braço dele, passo meu dedo indicador sobre a pele onde as palavras estão escritas de forma permanente. Seus

olhos seguem os movimentos do dedo e eu o encaro esperando ele dizer o motivo de eu nunca ter visto.

— Ela é apenas um aviso — ele diz me olhando — ela é muito particular e íntima. Quando eu a deixo amostra parece que todos conhecem minha história, parece que todos podem saber sobre você.

Um tsunami se forma em meu estômago e parece que tudo por dentro está solto. Eu estou aqui e parece mais certo do que qualquer coisa nesse mundo.

— Eu não sei o que dizer — digo bagunçada. Revirada.

— Não precisa dizer nada —

ele diz voltando a olhar para a natureza a nossa frente — eu nunca achei que esse dia fosse acontecer, mas aqui estamos. Sentados em nosso lugar — eu não evito arregalar os olhos em espanto — Nosso lugar? — pergunto já ansiosa, parece ter uma boa história por trás.

— Foi aqui que pedi para namorar com você — ele diz e um sorriso quase imperceptível aparece em seus lábios — isso foi quase dois anos depois de estarmos juntos — agora eu sorrio — você sempre dizia para Brenna que nós estávamos juntos, mas não namorando porque eu nunca havia pedido.

Coloco a mão na boca para evitar a crise de riso. Isso parece definitivamente algo que eu falaria.

— Aí eu fiz uma música e toquei aqui para você em forma de pedido — ele diz mais relaxado — e todos os nossos amigos estavam aqui, eu fui zoadado por isso por tanto tempo. Eles disseram que foi ridículo.

— Claro que não — digo tentando lembrar, mas sem sucesso — Se você ama uma garota, claro que você tem que escrever uma música para ela.

Assim que as palavras saem da minha boca percebo que acabei de afirmar para ele que havia amor entre nós.

— Desculpa — digo ficando impaciente, mas eu não sei como fazer isso — eu não quis dizer que você me amava, eu só achei que eu devo ter adorado a música.

— Callie, você não precisa se desculpar por isso — ele diz tocando meu ombro — você pode ter certeza que toda música que fiz em minha vida foi para você e isso nunca vai mudar. Não importa o que aconteça em nossas vidas, você pode até não me querer depois daqui e eu prometo não voltar mais em sua vida. Mas eu nunca vou deixar de amar você.

E lá vou eu em uma onda de sentimentos desconhecidos e

desconcertantes e a loucura de querer pular sobre ele e beijá-lo até que toda essa dor tenha sumido do seu sistema. Meu Deus! Como não superei algo que não sabia que existia?

Depois daquilo eu não podia mais falar nada, não tinha o que dizer. Começo admirar a paisagem tão viva e tão verde. É tão perto de toda a bagunça da cidade, mas é tão silencioso e calmo. Não me admira saber que eu gostava daqui. Sinto a vontade louca de entrar na água. O sol já está saindo e eu não sinto mais o vento gelado da madrugada. A água brilha tanto e é tão transparente. Porque não? Eu preciso disso.

Fico em pé em um pulo e olho

para ele.

— Eu vou entrar — eu digo apontando e ele me olha com confusão.

— Tem certeza? — ele diz ficando em pé ao meu lado — não acha que vai fazer frio? É muito cedo ainda.

Nego com a cabeça e começo a descer com cuidado as pedras que estão em meu caminho. Ele fica atrás observando minha descida ao encontro da água tentadora. Antes de eu pular ele fala novamente.

— Callie, essa água está fria — ele diz e eu olho para ele e depois para água.

— Se eu pular de vez não irei perceber — digo tentada a não sentir a

temperatura da água com o pé — é apenas um pulo e tudo ficara bem.

Tiro o short que vestia e fico só de biquíni, não me sinto tão exposta como achei que fosse me sentir, mas não estou confortável. Tomo o impulso na pedra e me jogo água a dentro. Meu Deus! A água está muito fria! Sinto meu corpo reagir a temperatura da água ficando todo arrepiado. Quando volto a olhar para a pedra Rafael não está mais lá. Tento encontrá-lo, mas sem sucesso. Como ele sumiu em segundos?

Quando giro em volta do meu próprio corpo, ele está lá, de cabelos molhados, sem camisa e meu folego some. Eu nunca tinha o visto assim. O

máximo que o vi exposto foi com a camisa regata que ele usava hoje. Ele é mais forte do que imaginei que seria debaixo daquele pano todo. Tento desviar os olhos do seu tórax, mas é difícil.

— Eu disse que estava fria — ele diz e eu balanço a cabeça tentando olhar diretamente para os olhos. Mas é impossível. — está tudo bem?

Eu mergulho e volto. A água gelada pode me dar uma razão, que é o que falta em minha mente agora.

— Está sim — digo sentindo as gotas d'água entrando em meus olhos e os deixando a sensação de seco — só que você disse que estava frio e

resolveu entrar.

— Se eu perguntasse a você se estava frio você não assumiria — ele diz como se fosse uma regra e eu sorrio. Seria exatamente o que eu diria.

— E não está — digo jogando água em sua direção, ele passa a mão no rosto na intenção de “limpar”, mas é impossível — só não está em uma temperatura que estamos acostumados a tomar banho.

— Justamente — ele diz devolvendo o golpe — porque está fria.

Faço uma careta ridícula, mas não me importo. Ele apenas sorri, a água fica calma e meu corpo já está acostumado com a temperatura. Observo

a queda d'água atrás dele e logo desvio meu olhar para ele novamente.

— Eu queria poder lembrar de tudo — assumo. Ele se aproxima mais de mim, deixando um espaço pequeno entre nós dois.

— Você irá — ele diz baixo — nós conseguiremos.

Sorrio da determinação dele e resolvo falar sobre o álbum.

— Eu não estou pronta para voltar ao estúdio — digo e isso não parece surpresa para ele — eu não posso fazer isso agora. Eu não me sinto como eu mesma. É como se eu precisasse me redescobrir para isso.

— Eu já falei com os caras —

Rafael diz antes que eu possa terminar meu pensamento — todos nós só queremos te ajudar, não importa o tempo que precisaremos fazer isso.

Fico séria. Isso seria mais fácil se ele, não fosse ele. A confusão seria menor se eu não me sentisse tão perturbada diante dele, se ele fosse apenas o cara que me abandonou. Mas não, ele é o cara que foi afastado de mim, que prometeu fazer do Chris uma sombra. Porra! Eu tinha esquecido do Chris e sua ameaça vazia.

— Eu quero poder conversar com eles depois — digo e sinto a água me balançar e vejo que estou mais perto do Rafael.

— Eles estão esperando por isso — ele diz e nossos joelhos se tocam fazendo eu me afastar um pouco — está com medo de mim? — ele diz e avança um pouco em minha direção, eu sorrio porque até dentro d'água eu senti um choque exclusivo nosso.

— Não estou com medo — digo e ele está mais perto ainda — eu só não quero incomodar, tocando você.

Ele se aproxima mais ainda e sorrio sem graça. Ele está tão perto que a água está mais quente pela temperatura do seu corpo. Seus olhos estão encarando minha boca e isso me faz salivar. Sua mão toca minha cintura dentro d'água.

— Mas eu quero tocar você —
ele diz em um baixo sussurro — eu
preciso tocar você sempre que te vejo,
Callie. Então você tem passe livre para
esbarrar em mim sempre que quiser.

Eu não tenho resposta. Uma
pessoa nesse universo me deixa sem
palavra? Essa pessoa existe? Eu não
posso acreditar nisso. Meus braços
estão soltos na água e me sinto
enfraquecer, ele parece que vai me
beijar, mas não faz. E eu começo a me
sentir ridícula de esperar isso dele. Seus
olhos ainda me derretem como se
tivessem lasers saindo deles. PARA
COM ISSO! Eu grito em minha mente. O
motivo da tortura não é claro.

— Eu só quero que você saiba... — ele começa a dizer. Mas quer saber? Não me interessa.

Eu já estou em sua boca e ele me segura com força para que haja equilíbrio dentro d'água. Sua boca é quente, o que me aquece por dentro. Seu beijo é melhor que o primeiro. Dessa vez eu vejo a razão por eu ter estado com ele. Suas mãos me apertam e eu mordo seu lábio inferior. Grudo meu corpo no seu com mais força e já me sinto sem ar, eu tento afasta minha boca da sua, mas não tenho força. Então eu continuo, mesmo com ar faltando aos meus pulmões.

Realizo o meu sonho recorrente

de passar as mãos por seus cabelos e sorrio entre o beijo apressado. Eu adoro essa paixão que ele consegue transmitir em tudo que faz. Meus pulmões ardem e eu separo nossas bocas e tento falar.

— Desculpa — digo.

Desculpa? Como assim? Eu não estou pensando direito.

— Sem desculpas, Callie — ele diz meu nome de uma forma tão casual, como se fosse a palavra preferida dele — isso não é errado. E você sabe disso.

Eu sei... mas parece errado. Chris aparece novamente em meus pensamentos. Será que a ameaça é tão vazia quanto eu acho que é?

Já me sinto afogada no medo e resolvo encerrar o passeio antes que ele saiba que tem algo errado. Porque no momento que ele perguntar eu vou dizer. Ele tem uma força estranha que me faz contar as coisas que eu não contei para Sr. Lins, meu terapeuta.

— Eu sei disso — digo atrapalhada e já saindo da água — Rafa — digo com intimidade e acabo pegando ele de surpresa. Hoje eu estou com tudo — É melhor nós irmos, já isso aqui ficará cheio.

Ele pega minha mão e segura, me fazendo parar.

— Não tem problema — ele diz me puxando para seu corpo e só não

me afoguei porque ele está me segurando — vem cá.

Ele passa a mão em meus cabelos na tentativa frustrada de arrumar. Eu já estou rendida e disposta a beijá-lo. Só mais uma vez não tem problema.

Seus lábios tocam os meus levemente e sinto a sensação de formigamento se formar. Dessa vez ele afundou sua mão em meus cabelos e eu me sinto como se não estivesse mais ali. De algum modo tudo isso parece tão certo, tão real e tudo que vivi até hoje era apenas um pesadelo sem graça. A forma que ele me toca parece preencher qualquer vazio e consertar qualquer

arranhão interno. Eu amo me sentir dessa forma. Sem dores ou machucados. Gostaria de ter me sentindo assim do momento que acordei. Eu odiei me sentir incompleta por tanto tempo.

Ele me afasta assim que ouvimos passos e risos. Não adianta. É final de semana e pelas garrafas de bebidas espalhadas pelo caminho aqui é “o lugar” para a turma, como foi para minha, segundo Rafael.

— Agora vamos — digo puxando ele para fora da água — não precisamos disso agora.

Sem dizer mais nada, vestimos nossas roupas e com cuidado vamos andando sobre as rochas gigantes.

Quando já estamos em terra firme dou uma última olhada para ver se algo me vem a memória, alguma coisa sobre aquele lugar que me parece tão especial, mas nada me atinge, não me deixo abater por esse fato. Terei que trabalhar mais do que isso para me lembrar.

Quando alcançamos o carro percebo que há vários carros estacionados, nós viemos por um caminho diferente do que fomos, esse foi mais longo, porém deu para desviar das pessoas.

— Eu dirijo outra vez — ele mostra a chave que ainda estava com ele — Vá descansando.

Agradeço mentalmente, eu

realmente estou exausta e isso provavelmente está estampada em minha cara. O revestimento do banco do meu carro é de couro e eu agradeço por isso. Não seria bacana estarmos todo molhados sem proteção.

Sáímos o mais rápido possível e já estamos na estrada. O sol já está lá em cima e eu vejo a hora, são oito e trinta. Não parece que se passaram três horas, mas está lá.

— Como está sua avó? — ouço sua voz fazer aquela pergunta e não consigo entender de primeira. Porque ele quer saber? Ele não deveria querer saber dela.

— Ela.... Ela está com o Derek

— digo segundo atrasados, eu não deveria ter hesitado. Mas o sentimento de raiva ainda está aceso dentro de mim. Se esse sentimento fosse uma cor, provavelmente ele seria vermelho, dos mais sangrentos. — É melhor assim. Ao menos por enquanto.

— E seu namorado? — ele faz outra pergunta que não quero responder. Esse é o jogo?

— Está em algum lugar por aí — respondo olhando a paisagem que passa rápido por mim.

— Não é isso que quero saber, Callie — ele diz me olhando e depois volta a atenção para pista — Como ele reagiu quando você contou sobre tudo?

Isso mesmo. Era isso que eu queria evitar. Me sinto agitada.

— Eu não contei a ele — digo dispersa — ele não sabe de nada, afinal terminamos, o que eu faço da minha vida não interessa a ele.

— Certo — ele diz e me sinto mal, eu não deveria ter falado assim com ele.

— Desculpa, Rafa — e eu uso o tom íntimo de novo — é que eu não quero mais ter contato com o Chris, eu acho que não terminamos em bons termos e ele pode fazer grande coisa de tudo, uma coisa que não cabe mais a ele.

— Eu entendo, Callie — ele diz sem desviar os olhos — só você

sabe com quem está lidando, se você acha melhor ficar assim, eu acredito em você. Mas seria bom que ele soubesse por você. Você terminar com ele tem a ver com o que nós estamos fazendo?

— Não tem — digo me lembrando da noite que foi o estopim de tudo — terminei com ele antes de abrir a caixa de pandora.

Ele me olha assim que ouve o apelido da minha caixa e eu sorrio.

— Caixa de pandora? — ele repete.

— Sim — digo me lembrando do dia que encontrei aquela caixa — um dia estava com uma azia e fui ao quarto da minha avó e lá tinha várias caixas,

entre caixas de metal, papel, tinha essa de madeira escura e por um triz eu quase abri, mas como ela se deu conta que eu não estava por perto foi me procurar, chegou quando eu segurava a caixa e me interrompeu de abrir, eu sabia sobre ela, mas eu nunca me permiti procurá-la.

Ele parece mais do que interessado, como se eu contasse a melhor história da vida dele. Ele para ao lado do hotel, na frente da garagem.

— E então você abriu — ele completa e me olha — você se arrependeu?

— Nem por um segundo — respondo como se eu esperasse aquela resposta o tempo todo — eu posso até

não ter toda as memórias, eu posso ter passado por sessões de caos nos últimos dias, mas definitivamente, foi a melhor coisa que aconteceu, eu não sei como não me dei conta antes. E isso faz eu me sentir ridícula.

— Não sinta — ele pegando minha mão e eu sinto uma pequena onda de calor me visitar — é normal termos medo. Eu temia esse dia também.

— Temia? — digo, seus cabelos já estão secos e caem sobre seus olhos.

— Sim, Callie — ele diz com uma certa impaciência — nos melhores dos cenários, a última vez que eu conversava com você era quando você

me confrontava. Eu não esperava que você aceitasse esse pedido de sair comigo hoje.

Coloco minha outra mão sobre a dele e faço ele me olhar.

— Nós ainda resolveremos isso — digo, eu não tenho certeza de nada, mas isso parece certo. Mas até ele e eu, nos tornamos nós. Ainda terá uma estrada a frente — pode não ser nas próximas 24 horas. Nós sofremos Rafael. Eu sofri e o que eu mais quero, é poder me sentir normal, completa. Eu me refiz no ano que tirei para descansar e me recuperar. Eu nunca esperei que, abrir aquela caixa, fosse fazer minha vida mudar tanto, coisas que não me

pareciam erradas agora parecem atrocidades. Eu preciso digerir isso.

— Mas agora eu estou aqui — ele diz tocando meu rosto — nós vamos descobrir tudo isso juntos. Não precisamos resolver nada entre nós dois agora. Vamos resolver o que está lhe deixando assim.

Sinto a vontade de revirar os olhos, mas não é apropriado. Como ele vai me ajudar? Como vou dizer que meu ex está forçando a barra? E que eu odeio minha avó a ponto de ter mandado ela ir embora.

— E eu agradeço muito por isso — digo, sua mão não está mais em meu rosto, mas eu sinto seu toque que

faz minha pele ferver.

Meu celular vibra e é uma mensagem de texto.

“Muffin para um? Café com creme? Sim, amor. Seu pedido está chegando”

Meus olhos querem escapar do meu globo ocular. Eu preciso dar um basta nisso. Conserto-me no banco e uma tosse falsa sai.

— Agora eu preciso ir — digo sorrindo docemente ou debilmente, ainda não decidi — eu quero trocar a roupa molhada para não adoecer e você também deveria fazer isso.

Ele se inclina até a mim e sela seus lábios aos meus, um beijo simples,

aquele que ao invés de encerrar o encontro, dá uma vontade louca de beijar mais ainda, mas não faço. É como se Chris estivesse com os olhos sobre mim.

— Ansiosa pela próxima vez
— digo quando ele volta até o lugar dele
— não que vá haver outra vez. Não precisa ter outra vez.

Ele sorri de verdade e é como se eu pudesse tocar seu sorriso.

— Haverá. Callie — ele diz me olhando e em seus olhos vejo um brilho que nunca vi, parece que o menino magoado saiu um pouco — se depender de mim, haverá tantas outras vezes que não seremos capazes de contar.

Eu escondo o sorriso com a mão. Seria mais fácil se ele não falasse assim o tempo todo. Ele tira minha mão da boca e me olha.

— Deixe-me ver que te fiz sorrir — ele diz e meu sorriso aumenta — era isso que eu esperava.

Ele desce do carro e dá a volta, abrindo a porta para mim. Pega minha mão e me ajuda a descer, dessa vez sou eu quem o beija. Eu meio que vicio nisso e ele terá que lidar com isso. Mas é um beijo rápido, estamos em lugar público, não vamos trazer nossa loucura ao mundo.

Ele diz um adeus sussurrado e eu enfraqueço. Eu adoro sua voz

sussurrada.

Depois de me despedir com um adeus, saio e vou direto para casa. Gostaria muito de saber o motivo de Chris me enviar mensagens e em específico, esse tipo de mensagem.

Estaciono na frente de casa e logo pego a chave da entrada. Quando abro porta dou de cara com Chris, em seus shorts de ficar em casa e sem camisa. Que horas rebobinaram a fita que eu não vi? Uma onda de medo me atinge e eu não sei bem o que fazer.

— O que está acontecendo? — pergunto quando ele me vê.

— Ué — ele diz com um copo de café — trouxe café da manhã como

você adora. Você deveria me agradecer, não ficar cheia de julgamento.

Ele vem em minha direção e segura minha nuca imprensando seus lábios aos meus. A vontade de gritar e vomitar me atinge. Quando foi que ele se transformou nessa pessoa?

— Chris, você não pode fazer isso — digo me afastando, a visão que já foi tentadora não me atrai mais — você não pode estar aqui, nós terminamos.

Ele já se joga no sofá e assiste TV.

— Não, Callie — ele diz apontando para mim — você terminou comigo, eu não aceitei isso. Você acha

que vou deixar você assim, livre? Para ficar com quem quiser?

Sinto a pressão aumentar no meu peito e não sei como jogar esse jogo.

— Chris — digo calma — nós terminamos para nosso bem. Nada além disso. Apenas vá embora. Eu agradeço pelo café, mas não fique aqui. Tenho que trabalhar em umas coisas.

Ele sorri com sarcasmo e me olha.

— Você não tem nada agendado para você — ele diz como se fosse óbvio.

— Você está invadindo minha privacidade, Chris? — pergunto

chocada.

— Eu não estou invadindo nada, apenas sei suas senhas — ele diz como se não fosse nada e me sinto cozinhando por dentro.

— Meus Deus, Chris! — grito com raiva — como você se transformou nesse homem? Nesse canalha? Me diga, porque eu me perdi no processo.

Ele gargalha para o ar e me olha sério.

— No dia que percebi que você era essa vadiazinha que você é hoje — ele diz e me sinto congelar. Ele só pode estar brincando — você beijou aquele roqueirinho. Isso me irritou muito.

— Como você sabe disso? —

pergunto gritando e já sem sentir nada.
Eu não posso crer nisso — você está me
seguindo?

Minha voz já sai trêmula e ele
se levanta do sofá, pega uma camisa que
estava sobre a poltrona e cobre seu
corpo que pode ser desejado por
qualquer uma, menos por mim.

— Eu vou embora agora, amor
— ele diz passando os dedos em minhas
lágrimas — deixar você refletir sobre
suas atitudes. Ele não é bom para você.
Eu sou bom para você. Foi o que sua
avó me disse.

Ouçõ a porta bater e um grito
gutural sai da minha garganta. Eu odeio
tudo isso. Mas ouvir que minha avó

pode ter envolvimento com isso me mata por dentro. Certifico-me que a porta está fechada, eu preciso trocar a fechadura urgentemente.

Rafael

Hoje

Magno está andando de um lado para o outro como se a pretensão fosse afundar o lugar onde está.

— O que há de errado em dar um tempo? — pergunto tentando entender — Magno nós precisamos disso, eu preciso disso e creio que você também. Vá ver sua família.

Ele me olha sério como se eu estivesse mandando ele fazer uma coisa horrível.

— Eu não quero tempo, Rafael — ele diz apontando o dedo em minha cara — eu quero trabalhar. Se não vamos gravar agora, acho melhor voltar para a estrada.

— Nós não vamos voltar para

estrada nenhuma — digo a fim de finalizar aquilo — eu não vou sair daqui. Aceite isso. Eu não vou deixar a Callie aqui.

— Leve ela com a gente — ele diz e eu me pergunto se ele está se ouvindo — Rafa, essa cidade não tem nada para nos oferecer, nós só iríamos ficar aqui para gravar. Mas se ela quer dar essa pausa...

— Ela não quer dar uma pausa — digo ficando em pé já saindo dali — ela precisa de uma pausa.

— Você precisa pensar na sua banda — ele diz impaciente — não na garota.

— Magno, espero que você não

esteja sugerindo que eu escolha — digo mantendo a paciência intacta — porque você não quer uma banda sem cantor.

Ele não fala mais nada e eu volto para meu quarto. Ele só pode estar ficando louco. Encontro Matt pelo caminho e ele me acompanha entrando no quarto.

— O que ele queria? — ele diz se jogando no sofá e eu pego o violão lendo o nome dela.

— Ele quer que voltamos a gravar — digo tocando e ele logo começa a batucar a perna — ele praticamente pediu para escolher entre ela e vocês.

— Ele enlouqueceu? — Ramon

diz entrando de vez — Rafa, eu e Matt estávamos conversando. Ela precisa disso mais do que ninguém, ela precisa de você. Esqueça a gente.

Não respondo nada e começo a tocar. Essa foi a música que fiz para ela no coma, por muito tempo só tinha a melodia, mas quando cheguei aqui e encarei as letras que tinha, percebi que precisava trabalhar em umas novas. Então foi surgindo e a única pessoa a qual eu tinha mostrado, era ela, mas agora preciso mostrar para eles.

— Nova? — Matt diz quando termino e eu assinto.

— Faltam vocês — digo e vejo eles passando a música mentalmente.

Jogo o gravador que temos para esses momentos, eles começam a ouvir.

Meu celular toca e vejo que é a Callie, me surpreendo com a ligação, já se passou boa parte do dia desde a hora que nos encontramos.

— Viu fantasma, cara? — Matt diz me olhando com os fones nos ouvidos.

— Não, preciso atender isso — digo saindo para a varanda, há umas pessoas lá fora e acenam para mim, devolvo o gesto e sorrio — Oi, algum problema?

A única coisa que me vem à mente é que ela está com problemas.

— Não, desculpa ligar assim

— ela diz em meio a um sorriso e isso me tranquiliza — eu estava lembrando de um sonho, mas me ocorreu se era sonho ou realidade, acho que você pode me ajudar nessa.

— Claro — digo esperando ela me contar.

— Era tecnicamente sua casa, não posso afirmar porque não sei — ela diz, deve ter sonhado enquanto dormia — e estávamos cozinhando, seu irmão falava que nós éramos ridículos juntos e logo depois sua mãe chegava.

O dia me vem à mente no momento que ela começou a falar.

— Sim — respondo convicto — é uma memória, Callie. Nesse dia eu

estava cozinhando, minha mãe sempre pedia nossa ajuda quando ela ia chegar tarde.

— Oh, Meus Deus, Rafa — ela dá um grito — eu lembrei de algo. Eu não posso acreditar nisso. Eu estou feliz. Eu estou feliz.

Ela repete as últimas frases cantando sem ritmo e não posso não sorrir, queria ver sua expressão agora. Seu sorriso deve ser único nesse momento.

— Obrigada, Rafael — ela diz como se fosse mérito meu — eu não sei o que eu faria — ela pausa e se acalma mais — sem você.

— É tudo mérito seu, Callie —

digo sendo sincero — mas sobre a macarronada que você lembrou, eu ainda posso reproduzi-la.

— Sêrio? — ela diz sem fé.

— É claro, eu fiz tantas vezes que é algo automático — digo me justificando — eu posso provar para você que eu posso fazer sozinho.

— Eu quero ver isso — ela diz me desafiando.

— Me aguarde — digo tentando lembrar da porra da receita — eu chegarei aí munido de tudo que precisarei, você tem as panelas, não é?

Ela solta uma gargalhada alta.

— Eu não acredito que você vai cozinhar para mim — ela diz se

controlando.

— Você pode ter certeza — eu digo já voltando para dentro do quarto — apenas me espere aí.

— Tudo certo — ela diz aceitando — até mais tarde.

— Até — me despeço e fico tentando lembrar o que comprar.

Depois de comprar tudo que acho que precisarei no mercado de Sr. Rener, sigo direto para a casa de Callie que não é tão longe dali. Seu George se tornou meu taxista particular. Seu carro tem os vidros escuros e isso facilita muito. Desço do taxi e pago a corrida. Toco a campainha da casa de Callie e

quando ela abre parece mais surpresa do que deveria.

— Nossa, você foi ao supermercado? — ela diz me ajudando com as sacolas — Eu queria transmitir isso ao vivo, suas fãs iriam a loucura. Porque eu estou quase indo a loucura.

Ela fala sem pausa para respirar e me lembra um desenho animado em seus momentos de loucura.

— Não sei se seria interessante — digo já chegando na cozinha e colocando as sacolas sobre a pia — Só você pode me ver fazendo isso.

— Não parece justo — ela diz fazendo cara de desapontamento — Mas você vai ter que usar avental.

Não entendo o pedido.

— Na minha memória você estava de avental — ela diz fazendo meu cérebro correr atrás dessa memória adormecida — eu quero ver você como naquele dia.

Parando em minha frente com o avental, ela joga a parte de cima sobre o meu pescoço e dá a volta em torno do meu corpo, amarrando as pontas soltas do objeto de pano.

— Perfeito — ela diz voltando para frente — é quase como se eu pudesse sentir aquele cheiro outra vez.

— E você vai — digo separando as coisas — deixe-me começar.

Viro de costas para ela, mas posso ouvir seu sorriso enquanto senta para me observar. Esse era um dia comum em nossas vidas e hoje é mais do que especial.

— Eu não como nada desceite há dias — ela diz com a boca cheia e vejo que já está comendo alguma coisa que não consigo especificar.

— Então guarde sua fome — digo pegando um pedaço de pão de sua mão — a fome é o melhor ingrediente, você não pode estragar a receita.

Ela sorri como a menina que eu me apaixonei há tantos anos e a única resposta sobre aquela ação, é beijá-la. Pego-a de surpresa e ela passa a mão em

meus cabelos. Toco seu braço sentindo sua pele, é como se o tempo não tivesse passado e isso me assusta, eu não sabia o quanto eu sentia falta dela até eu vê-la com aquele cara, a vontade de que tive foi de tirá-la de lá. Ela encerra o beijo e me olha.

— Não sei se tinha isso na memória — ela diz se sentando no banco novamente — mas adorei a nova forma de fazer outra.

Volto para a pia e começo a preparar a água para o macarrão.

— Vou colocar música — ela continua e logo já está em pé ao lado do som de sua sala, coloca um pen drive e logo a música já ecoa pela casa inteira.

— Você gosta dessa banda? —
pergunto enquanto a música Overjoyed
de Matchbox Twenty.

— Muito — ela diz tomando a
faca da minha mão e cortando os
tomates, ela lembra exatamente o que
fazia — como ela é no mesmo estilo da
sua banda, eu meio que me vicie nesse
estilo e as letras são muito boas.

A observo fazer a atividade, ela
não leva tanto jeito para lidar com uma
faca amolada.

— Deixe eu terminar — digo
pedindo a faca, tentando evitar uma
futura catástrofe.

— Claro que não — ela diz
passando a faca no dedo e fazendo uma

cara de dor.

— Callie, você acabou de cortar o dedo — digo tentando pegar a faca — me deixe ver.

— É só um arranhão, Rafa — ela diz dando de ombros — eu sou forte, eu aguento um corte.

— Eu sei — digo depois de pensar melhor — eu só não quero que você se machuque por minha causa, eu decidi fazer a comida, eu deveria fazer tudo.

Depois que termina ela leva para a pia colocando os tomates cortados ao lado dos outros ingredientes. Ficando na ponta do pé, me beija rápido, como se fosse recompensa.

Observo ela voltar para onde estava sentada e me mantenho focado em terminar a comida.

— Estou com fome — ela diz batendo os dedos na mesa.

— Você pode comer uma fatia de pão — digo apontando para o pão — nada além disso.

Me volto para terminar a comida e ela fica falando sobre o casamento de Brenna e Derek. A normalidade dessa cena assistida de fora, diria apenas que somos um casal junto há muito tempo. Ela sentada enquanto espera que eu faça algo para alimentá-la.

Callie

Hoje

Eu tive que repetir, eu comia como se não tivesse comido outra coisa nos últimos dias, mas ficou muito bom. Tudo no ponto certo de cozimento. Se eu tivesse cozinhado o macarrão provavelmente ele estaria duro, mas não

fui eu. Graças a deus!

— Seu talento para cozinha é inquestionável — digo depois de me sentir satisfeita, eu estava muito focada em comer primeiro — sinta-se à vontade para cozinhar quando tiver vontade. Não que você precise cozinhar para mim outra vez — digo confusa, eu estou sempre insinuando coisas que não deveria.

— Sempre que você ordenar — ele diz decidido com um sorriso em seus lábios — eu cozinharei para você.

— Posso me acostumar com isso — digo e ele pega minha mão que estava sobre a mesa.

— E deveria — ele diz sério

— Callie, eu quero que você saiba que eu não pretendo ir a lugar nenhum sem você.

Eu sei que devo parecer como se não tivesse mais vida em meu corpo. Como é possível? Uma atrás da outra. Eu jamais poderia deixar ele ir. Ele fez eu me viciar nele em dias e não lembro como era minha vida antes disso. E não sei se eu quero.

— E eu não quero que vá — digo me virando para ele, estamos sentado lado a lado a mesa, com um conjunto de quatro velas que deixa o ar mais íntimo. A música agora é baixa e eu não reconheço o que poderia tocar — Mas eu ainda tenho muita coisa para

resolver internamente e, posso levar um tempo. E sei que você tem a banda, talvez vocês queiram voltar aos palcos por esse tempo.

Agora ele se vira para mim.

— Não, Callie — ele diz e beija minha mão — eu não vou deixar você outra vez. Eu não vou conseguir dormir sem estar perto de você. Não me peça isso. Eu já conversei com os caras, eles concordaram comigo. Callie nós precisamos resolver isso juntos, desta vez não haverá mentiras para nos separar.

Suspiro e aceito.

— Eu posso não lembrar de tudo — digo e ele me interrompe.

— Eu quero você, Callie — ele diz como se isso doesse — eu não quero as lembranças que temos juntos, nós faremos outras tão significativas quanto. Ele se inclina e toca meus lábios gentilmente com os seus. Seus beijos, mesmo sendo rápidos, me fazem suspirar. Outra coisa que me viciou. Ele volta para seu lugar e eu apoio o queixo na mão.

— Eu sei — digo ainda indagando — mas eu quero estar cem por cento para você.

— E você irá — ele diz como se fosse obvio — só precisa deixar tudo para trás. Esqueça sua avó, perdoe ou não perdoe ela. Quando estamos

machucados fazemos coisas
inimagináveis, Callie. No fundo eu
entendia o medo dela, apesar de nunca
ter concordado, as intenções dela foram
as melhores, mas o ato foi errado. Mas
ela é sua avó, sua família.

A esse ponto minha atenção
está na chama que sai da vela. O fogo é
hipnotizante e eu sinto o calor de onde
estou.

— Você poderá perdoar ela? —
digo sem desviar meus olhos do fogo.

— Só por você — eu olho para
ele — O que ela fez causou muitos
transtornos em minha vida, Callie. Eu
estava sendo processado como seu
agressor e perseguidor.

— Como assim? — digo sem acreditar no que acabei de ouvir, quando soube da medida protetiva não me veio a ideia de pesquisar, eu estava tão fora de mim e machucada.

— Callie, é um tipo de proteção cedida pela justiça para proteger a vítima — ele diz sério e eu estou no chão com isso. Isso não é certo.

— E como ela conseguiu isso? — digo me questionando também.

— Eu não sei — ele diz se explicando — é algo que você teria que fazer, eu e minha mãe procuramos um advogado para saber mais e ele disse que era legítimo e não havia nada que poderíamos fazer até que você

desistisse.

Meu celular vibra em cima da mesa e eu pego. Uma mensagem do Chris está lá.

“ A solidão só cresce, espero que você tire essa ideia louca de me deixar, eu não posso esperar para sempre, amorzinho. Não posso viver sem meu benzinho ”

Uma onda de mal-estar me atinge. Eu quero fazer o Chris entender logo sobre esse término, está ficando insuportável de se viver.

— Algo errado? — Rafael me olha preocupado.

— Não — digo nervosa, não quero que ele saiba sobre isso — só

estou cansada mesmo, eu costumo ficar cansada facilmente, é minha vida super saudável — sorrio para convencer, mas parece que ele não compra.

— Hoje cedo você também ficou assim quando recebeu uma mensagem — ele diz e eu me sinto pega no flagra.

Ele acaricia meu rosto com suas mãos e eu cedo um pouquinho sobre elas. Mas uma conversação entre gritos é rompida na porta e eu fico em pé em um pulo.

Minha avó está com a mala e Derek logo atrás dela.

— O que está acontecendo? — eu pergunto indo até eles.

— Eu não aguento a mulher do seu irmão — ela diz colocando as mãos nos quadris — eu odeio aquela menina desde que ela apareceu atrás de você pela primeira vez.

Ela diz me encarando e sou dominada pela a raiva.

— Como você pode odiar alguém que não conhece? — grito para ela — você precisa parar com a obsessão de odiar a quem não conhece, você não quer se dar ao trabalho de conhecer quem está em nossas vidas, então porque fazer parte dela?

Ela desvia o corpo para o lado e encontra Rafael ainda sentando no canto mais escuro da sala de jantar,

iluminada apenas pela luz fraca das velas.

— O que ele faz aqui? — ela pergunta indo em direção a ele, desviando de mim. Rafael fica em pé.

— Ele é um convidado em minha casa — digo cruzando os braços e entrando em sua frente outra vez — ao contrário da sua visita não solicitada. Apenas vá embora. Aqui você não vai ofendê-lo.

— Vocês só fazem péssimas escolhas — ela diz apontando para mim e para Derek — eu penso como sua mãe deve estar sabendo que vocês só erram.

— Não fique presumindo o que minha mãe acha ou não — digo gritando

e já não seguro mais as lágrimas —
minha mãe sempre adorou todos os meus
amigos, ela provavelmente amava o
Rafael. E Brenna não fez nada para você
odiar ela.

Derek e Rafael ficam calados e
eu aceito isso. A conversa é entre nós
duas, isso tudo é culpa dela.

— Esses dois — ela diz como
se falar os nomes deles, pegariam fogo
— eles querem roubar minha família.
Aquele ali — ela aponta para o Rafael
— quando o acidente aconteceu, ele
ficava visitando você, tocando música,
como se fosse adiantar. Eu proibi ele de
ir, mas, mesmo assim, ele continuava a
voltar.

Eu respiro fundo e tento me lembrar que ela é minha avó.

— Ele só queria que eu melhorasse — eu digo olhando para Rafael, a dor exposta em seu olhar, aquilo me mata e eu sinto vontade de fugir com ele dali. Ele não merece reviver nada disso — eu era sua namorada e ele tocava para mim.

Digo chorando e ele vem em minha direção. Eu soluço encostada em seu peito e ele beija o topo da minha cabeça.

— Deixe isso para lá, Callie — ele diz me afastando e olhando em meus olhos — vamos seguir em frente.

— Não posso — eu digo

olhando para ele — ela não pode ofender você, ela não pode fazer isso com você.

Viro-me para ela novamente, menos nervosa.

— Por ele, eu vou deixar tudo lá — eu digo e olho para Derek que assente — mas você vai pedir perdão para ele, você deve isso a ele.

Ela gargalha para cima e volta a me olhar.

— Nunca, Callie — ela diz friamente — Eu nunca vou pedir perdão por ter feito o que eu achei que fosse certo, isso ele não vai ouvir da minha boca. Ele pode ter a fama que for, mas para mim ele nunca vai passar de um

delinquente que perturbava você enquanto estava doente.

— Eu não preciso que você me peça perdão — Rafael diz tão calmamente que eu fico me perguntando, como ele consegue manter a calma perante tudo isso? — Eu apenas preciso do amor da sua neta de volta. Para mim ela é a única coisa que importa e se você não consegue aceitar isso é um problema apenas seu. Eu não vou guardar rancor do que você fez, por ela. Eu quero um futuro depois daqui. Eu não vi aqui apenas para reconquistá-la, eu vim aqui para fazer ela me amar novamente e eu não pretendo ir a lugar nenhum, a não ser que ela me peça para ir.

Me sinto apaixonada, amada e acolhida como nunca me senti antes. Meu irmão parece mais tranquilo e Rafael falou aquilo como em um transe. Esses sentimentos que parecem novos, mas não são. Eles estavam em latência e ele acordou e está ativo. Eu jamais me apaixonaria tão rápido.

— Você não é bem-vinda aqui até que mude de ideia — digo mais tranquila — acho melhor você voltar para sua casa, vovó.

Eu me sinto mais leve depois de tudo que ouvi, eu não esperava isso de minha avó, alguém que confiei cegamente minha vida. Eu não queria que isso acontecesse assim, mas

aconteceu. O que eu sinto por ele é algo que eu não posso explicar e também, não quero que seja explicado, eu não preciso que tudo faça sentido, eu apenas quero ser feliz e pronto.

— Você não me quer mais aqui — ela diz como se não acreditasse no que disse — você vai se arrepender disso. Você vai ver que não se troca família por ninguém, Callie. Seu outro namorado era melhor para você. Melhor que esse rapaz de vida incerta. Você não deveria fazer essa troca assim, sem pensar.

Eu não evito revirar os olhos e coloco as mãos na cintura.

— Chris não é melhor porque

ele tem uma formação — digo sentindo um arrepio só em mencionar seu nome — você não pode julgar ninguém.

Derek se afasta da porta e me olha.

— Apenas vá — eu digo apontando para a porta.

Ela ajeita a postura e limpa a garganta, respira fundo, seus cabelos loiros cinzas acima do ombro se movimentam quando ela gira em volta do próprio eixo.

— Calliope, você vai se arrepender disso tanto quanto o Derek — ela sai batendo os pés e eu respiro aliviada — Eu chamo um táxi — ela diz passando por Derek — não se preocupe

comigo.

Quando ela passa pela porta, é como se uma tempestade tivesse ido embora e agora o calor sol vem nos visitar.

— Rafael — Derek diz se aproximando e eu saio da frente para dar espaço a eles — eu não sei como deixei tudo isso acontecer, é como se eu não lembrasse como tudo chegou a esse ponto.

Rafael assente e passa a mão por seus cabelos e eu sempre me deleito com esse gesto.

— Cara, você fez o que tinha que fazer por sua família — ele diz se aproximando mais e eles ficam frente a

frente — não culpo sua avó por nada, ela estava em luto, perdeu uma filha e sua neta estava em coma com um traumatismo, ela apenas fez o que achou que era certo no momento.

— Eu espero que vocês possam se acertar — Derek diz sorrindo para mim.

— Nós vamos — eu digo passando o braço pela cintura de Rafael e ele me abraça beijando meus cabelos.

Meu celular toca em cima da mesa e eu vou até lá para atender. Quando vejo na tela do celular, o nome de Brenna está lá.

— Oi, amiga — digo atendendo por nossa saudação usual.

— Eu estou na emergência —
ela diz como se estivesse sem ar — o
médico já me atendeu, eu não consigo
falar com Derek.

— Me diz o que aconteceu? —
digo e olho para Derek que me olha
assustado.

— Eu estou com um
sangramento forte — ela diz e para
respirando fundo — eu estou com medo,
amiga. Eu preciso de vocês aqui.

— Já estamos indo — digo
tentando não surtar — É no hospital ao
lado da sua casa?

— Sim — ela diz entre as
dores — não demorem.

— Não vamos, apenas faça o

que o médico mandar — digo e Derek parece se tocar com quem estou falando. Desligo a ligação e olho para ele — Brenna está no hospital está com um sangramento, já foi atendida, mas ainda não está melhor.

Ele leva as mãos à cabeça e sai pela porta.

— Derek, espere — eu grito para ele e me viro para Rafael — Pegue minha bolsa em meu quarto por favor, é segundo a direita, precisamos ir.

Saio atrás de Derek que já está em seu carro e para ao seu lado.

— Vocês discutiram? — pergunto enquanto Rafael sai com minha bolsa e chave.

— Ela estava com um pequeno problema em algo chamado placenta prévia — ele diz como se tivesse lembrando — nas discussões de hoje ela se estressou e ficou muito nervosa.

— Como assim? — digo tentando saber o que eles me esconderam — por que você não me falou sobre isso?

— Você tinha coisa de mais acontecendo, o médico só pediu repouso — ele diz já ligando o carro — nos encontramos lá.

Ele sai e eu encontro Rafael ao lado do meu carro. Pego as chaves e ele me sorri.

— Será uma boa você ir ao

hospital? — pergunto entrando no carro e ele faz o mesmo.

— É Brenna — ele diz como se fosse obvio — eu não me importo em tirar fotos no processo, mas eu quero vê-la. Me certificar que ela está bem.

Depois de dar a partida e seguir para o hospital penso um pouco sobre tudo.

— Eu quero agradecer o fato de você ter feito ela ir estudar perto de mim — digo e eu olho para ele, sério, preocupado com minha amiga.

— Só dessa forma eu poderia dormir à noite — ele diz e eu sorrio, tão lindo tudo isso.

Estaciono ao lado de Derek e

descemos juntos, ainda no estacionamento decido falar com ele.

— Não fique nervoso na frente dela — digo advertindo ele — ela não pode se estressar mais ainda, você consegue fazer isso?

Ele passa as mãos nos cabelos claros e eu desejo que nada disso estivesse acontecendo. Eu odeio o fato que estamos vivendo em um caos, algo fora do nosso controle.

— Eu vou tentar — ele diz nervoso — mas nada pode acontecer com eles, Callie. Eu não posso perder nenhum dos dois.

— E você não vai, me recuso perder mais alguém — digo e logo

depois o abraço.

Meu irmão é basicamente minha única família de sangue, meus pais não tinham irmãos e meu pai, não tinha mais pais desde que nascemos. Fazendo disso nossa família muito pequena, mas nós temos Brenna e quando ela nos disse que estava grávida, parecia que tínhamos ganhado na loteria, mas esse medo de perder o que ainda não ganhamos, nos dificulta manter a paciência.

Caminhamos relutando até a entrada com medo do cenário que possamos encontrar. O lugar está vazio e conseguimos passar até a recepção sem fotos. Chegamos ao quarto de Brenna,

ela está pálida e com os olhos vermelhos.

— Oi, amor — ela diz quando vê Derek — eu estou bem.

Ela para por um momento e chora novamente.

— Eu achei que ia perdê-lo — Derek a abraça e ela me olha e depois para Rafael — vocês estão aqui, como assim?

Suas lágrimas já estão enxutas e eu sorrio daquilo, ela sempre se levanta mesmo antes de tocar o chão, essa é a grandeza de Brenna.

— Estamos, querida — digo segurando sua mão — como vocês estão?

Rafael também se aproxima e ela funga e sorri.

— Eu o vi — ela diz olhando para mão onde tem um soro ligado — eu o vi.

— Ele quem, Brenna? — Derek diz tentando entender.

— Nosso filho — ela diz, sorri e chora ao mesmo tempo — é menino, Derek. Eu o vi, o médico me mostrou. É um menino.

Derek beija sua namorada e não sabe bem o que fazer com a notícia, ele dá a volta na cama e me abraça.

— Nós teremos um menino — ele diz sobre meus cabelos, ele me afasta por meus ombros — eu não

acredito.

— Nós teremos um menino —
repito nervosa, como amar uma criança
que não é minha e muito menos nasceu.

— Parabéns pelo garoto! —
Rafael diz para Brenna que parece
melhor do que quando chegamos aqui.

— Melhor coisa é poder dar a
notícia para todos de uma vez só — ela
diz olhando um de cada vez — eu
esperei muito por esse momento.

— Nós estamos aqui e não
vamos a lugar nenhum — digo pegando
sua mão — Você pode ter certeza. Agora
descanse, vamos falar com o médico.

Beijo seus cabelos e Derek se
despede também, indo atrás do médico

para saber o que houve.

Quando encontramos o médico que a atendeu, ele nos explica que, como ela já havia apresentado uma condição previa, a situação de estresse piorou quando ela resolveu arrumar tudo. Ele disse que os próximos meses terão que ser de repouso absoluto e os remédios ajudarão ela a manter o bebe o máximo possível na barriga.

Descobrimos que Derek não pode dormir lá e resolvemos ir logo para casa. Na saída minha avó liga para Derek. E ele nos deixa esperando enquanto ela fala.

— Você está bem? — Rafael

pergunta entrelaçando seus dedos aos meus.

— Levando em conta tudo? —
pergunto fazendo uma lista imaginaria de tudo, é muito coisa para uma única pessoa — não poderia estar melhor.

Derek vem com cara que vai dar uma péssima notícia.

— Nossa avó precisa ficar em sua casa — ele e eu reviramos os olhos. Porque merda ela precisa disso?

— Não, Derek — digo me recusando a acreditar naquele inferno — porque ela precisa disso?

— Só por essa noite — ele diz com suplicio em seu rosto — o voo dela é amanhã a tarde, Brenna vai ter alta

amanhã cedo, não posso leva-la para casa com ela lá.

Invoco minha paciência e sorrio.

— Apenas até o voo dela — digo sem saber o que dizer — não me peça mais do que isso.

— Não irei — ele diz e me abraça, beija minha testa e me solta — ela já está lá em sua casa.

— Puta merda, Derek — digo levantando os braços e indo para meu carro — eu não posso crer.

Ele já não está mais ali, olho para Rafael ao meu lado, tão compreensivo e me sinto mais aliviada.

— Desculpa por hoje — digo e ele me olha com um leve sorriso nos

lábios e isso alivia um pouco meu coração — parece que sempre trago caos para você.

— Não pense assim — ele diz e eu suspiro, toda essa confusão, não poder ter nem uma refeição em paz com ele — você precisa desse tempo com sua avó. Converse com ela, Callie. Você não vai querer que ela entre naquele avião e vá para casa sabendo que aquelas palavras, foram as últimas para ela.

Fico séria instantaneamente, eu não sou assim. Mas eu fui chacoalhada e não sabia como reagir.

— Mas, Rafa... — tento pensar em um motivo para não voltar a

conversar com minha avó.

— Você não precisa perdoar ela agora — ele fala como se tentasse me fazer enxergar a razão — mas ao menos diga como você se sente, gritar nunca vai resolver nada, isso só aumenta a raiva. Por mim, eu esqueci tudo que ela fez no momento em que lhe beijei na gravadora, não importa o que ela fez, o resulta foi o mesmo. Nós estamos aqui, Callie. Ela não pode mais nos separar.

Sinto meus olhos arderem, mas resisto para as lágrimas não descerem. Se ele pode deixar tudo para lá, acho que em breve poderei também.

— Eu vou conversar com ela — digo ligando o carro — mas não

hoje, amanhã quando eu estiver melhor.

Seguimos em um silêncio confortável, aquele momento que você não precisa conversar para estar ligado a uma pessoa.

Ver essa versão da minha avó não foi fácil, eu não esperava nada disso de quem eu confie, ela me manipulou como uma boneca sem vida, sem razões ou motivos aparentes. Algo que só existia em seu ponto de vista sobre o mundo, algo distorcido. Essa projeção jamais seriam a dos meus pais, mas ela sempre achou que podia comandar tudo.

— Você pode me deixar em casa? — pergunto para Rafael e ele me olha como se não tivesse entendido a

pergunta — você fica com meu carro, eu não vou precisar dele e terei desculpas para não deixar minha avó no aeroporto.

— Se você prefere assim — ele diz e logo para em frente à minha casa outra vez.

Nós descemos do carro para podermos trocar de lugar, quer dizer, ele trocar, eu vou apenas entrar.

— Se eu estivesse sozinha, eu convidaria para entrar — digo apontando para minha casa, apesar de achar que não estou pronta para nada além de beijos.

— Sem problemas, apenas me deixe saber quando devo vir aqui — ele diz e me prensa entre o seu corpo e o

carro. Seu beijo me tranquiliza, sinto a pressão do seu corpo contra o meu e quase repenso todos os pensamentos acima, eu quero ter certeza de tudo, até de coisas que não tenho controle, como essa parte de reagir a ele como se estivesse em meio a chamas, parece que ele está sempre quente e eu sempre precisando ser aquecida, mas ele faz isso sem esforços. Às vezes me aqueço sem ao menos encostar nele. Sinto a pressão se desfazer sobre o meu corpo e percebo que ele já me olha, sua boca não sorri, mas seus olhos fazem todo trabalho — Boa noite, Callie.

Estou sem folego, tento ficar em pé como uma pessoa normal na calçada

de casa, mas parece mais difícil do que deveria ser.

— Boa noite, Rafa — minha voz sai fraca e eu aceno antes de entrar em casa, não que eu quisesse deixá-lo ir, mas as vezes, é necessário ir devagar. Ouço o carro partir e sorrio meio boba para mim mesma. A bondade nele é palpável, mas minha avó estava tão cega que não conseguiu ver isso.

Agradeço a luz apagada e passo direto para meu quarto. Só consigo pensar em dormir um pouco, tudo que necessito. Começo a me despir e meu celular vibra, corro para ver se é o Rafa mandando mensagem, mas me deparo com uma mensagem do Chris.

“ Não sei se gosto de você beijando outros caras por aí, amorzinho. ”

Meu corpo estreme em medo e eu resolvo estupidamente responder à mensagem.

“ Você precisa parar de me seguir, ou seja, lá o que você anda fazendo ”

A resposta chega em segundos.

“ Não, amor. Eu amo você, Callie. Não vou deixar nenhum babaca metido a estrela roubar você de mim. ”

Reluto em responder, mas não posso deixar para lá.

“ Apenas pare, Chris. Ninguém está roubando nada, ele só está me

ajudando a recuperar minha memória, nada mais”

Jogo o celular na cama e ele vibra novamente. A essa altura já tirei a roupa e coloquei o pijama, deito na cama e cubro minhas pernas.

“ Se beijar está incluso no pacote, me deixe ajudar você. Eu poderia beijar você todos os segundos do dia, Callie. Eu poderia beijar você para sempre. Eu vou lhe dar espaço e você vai ver o quanto me ama. Esse cara não quer você, eu quero você de verdade. Não pense que vai ficar assim. Você tem um mês para se livrar desse cara, um mês, Callie. Apenas trinta dias. Boa noite, amorzinho”

Bloqueio o celular e não dou mais a ousadia de responder.

Conhecendo o Chris como conheço, sei que as mensagens não parariam até que eu pare de responder.

Ligo a TV e me entrego a um filme que passa, me sinto triste e atingida de verdade por essas mensagens. Mas não vou falar sobre elas para ninguém.

Callie

Hoje

Quando acordei fui logo direto
a cafeteria pegar o café da manhã, não
quero ouvir os questionamentos da
minha avó sobre não ter a cafeteira e

que café se faz em casa. Já estando lá evito tanta conversa e questionamentos.

Enquanto estava indo pegar o café liguei para Derek, para saber de Brenna e ele disse logo que ela teria alta. Vou deixar para ir vê-la quando minha avó não estiver mais aqui.

— Bom dia — minha avó diz surgindo do corredor, eu ainda encaro meu celular lendo as notícias do dia — como dormiu?

— Bem — digo lendo a reportagem sobre um novo aplicativo de edição de fotos. Quantos desses negócios precisamos mesmo?

Ela senta à minha frente na mesa e bebe um gole de seu café.

— Essa noite eu pude pensar — ela começa a dizer e eu resolvo apenas ouvir — Por que você terminou com o Chris? — ela diz e desta vez eu desvio o olhar para ela — querida, não quero que você tenha se precipitado. Você e o Chris namoram há muito tempo, ele até mudou de cidade por você.

Conserto-me na cadeira e me preparo psicologicamente para essa conversa.

— Vovó — digo e ela me encara com seus olhos castanhos e seus cabelos amarrados, parece um grande feito amarrar algo daquele tamanho — o Chris não é quem você pensa que é. Eu não tenho onde fazer café por que ele

quebrou a cafeteira.

Seus olhos parecem que vão saltar da orbita e eu continuo.

— O Chris não é esse santo que você acha que conhece — digo e começo a repensar sobre tudo isso com o Chris — eu não fiz ele mudar de cidade, ele quis me acompanhar, é diferente.

— Mas ele não tem família aqui — ela diz como se eu tivesse a obrigação de cuidar dele.

— Eu sei, vovó — digo já me alterando — eu não vou poder cuidar dele. Nós terminamos, o Chris não é esse anjo que presumi que ele seja. Eu tenho bons motivos para não continuar

com ele, você poderia acreditar em mim nessa, não é?

Sua cara de quem não acredita está explícita e eu vejo o quanto vai ser difícil.

— Então você vai ficar com aquele outro rapaz? — ela diz como se tivesse medo de falar o nome de Rafael — e o que? Vai viver dentro de um ônibus o acompanhando para cima e para baixo? Ele não vai largar essa banda por você. Só acho que isso não é o que sua mãe queria para você.

Conto até dez mentalmente, uma vez me disseram que isso funciona, mas ainda não encontrei onde isso se aplica.

— Não importa onde eu terei

que viver, eu estarei ao lado dele — digo e sua expressão fica mais agressiva — eu não quero que você entenda, só quero que você respeite minha decisão. Nós estamos tendo essa conversa porque ele me pediu, se não fosse por ele, eu não ia ter essa conversa agora.

Um muro invisível parece ser destruído com aquelas palavras.

— Vovó, vamos viver um dia de cada vez — digo me sentindo um pouco melhor — pense sobre isso na sua viagem. Ele quer deixar tudo para lá e com o tempo e mais um pouco de terapia, eu também deixarei. Lembre-se, de uma certa forma você o magoou, ele deveria simplesmente odiar você, eu no

lugar dele jamais pisaria no mesmo chão que você, mas ele sabe que você é minha única família e jamais vai pedir que eu me afaste ou ignore a senhora por ele. Tire essa ideia da sua mente, além de tudo, ele sabe que tenho um trabalho aqui, eu não vou abandonar nada disso aqui, a empresa é meu legado, meu nome está lá naquela fachada. Vamos primeiro resolver essa loucura aqui e no futuro, ainda teremos que resolver outras questões.

Sua expressão mais relaxada me diz que conseguimos chegar ao um consenso.

— Eu tenho medo, Callie —
ela diz com os olhos marejados e não

parece a pessoa que fez algo que considero perverso — esse menino vai levar você de mim. Não sei, eu não posso ficar sem você.

— E não vai, vovó — digo pegando sua mão — Eu e Derek somos sua família, jamais a deixaremos para trás. Mas não peça para escolhermos, nós precisamos de nossas vidas e precisamos vivê-las como queremos, isso foi o que nossa mãe ensinou, lutar por tudo que queremos e mais um pouco. Eu quero ele, vovó. Isso parece tão certo. Eu me olho no espelho e me reconheço. Parece que estou inteira, ele me compreende só com o olhar e o mesmo olhar faz eu me derreter por

dentro. Minha mãe iria querer isso para mim, ela iria querer que eu encontrasse o amor genuíno e, eu consegui.

Uma lágrima traça seu rosto e eu me surpreendo de tudo que falei, eu não tinha noção de como me sentia até agora.

— Como você sabe que sente tudo isso por ele? — ela diz de forma desconfiada e eu tento lembrar de quando cheguei a essa conclusão — não acha muito cedo?

— Eu não sabia até agora — digo analisando bem o que falei, meu coração está praticamente rodopiando e um alerta vermelho pisca em meu cérebro, eu não sei se é permitido me

sentir assim tão rápido, ou será que eu nunca deixei de me sentir assim? Será que foi por isso que eu nunca consegui ir muito além com Chris, porque eu nunca disse que amava ele? E por esse motivo eu nunca o amei mesmo, será que em algum lugar eu sabia que amava outra pessoa?

— Isso que eu temo, minha neta — ela diz, mas sua voz soa baixa em minha mente. Eu estava desligada — eu tenho medo que ele não corresponda a isso.

— Ninguém precisa amar o outro de volta, vovó — digo, me senti machucada por aquilo — e ele não precisa saber que me sinto assim, é algo

que pensei em voz alta.

— Tem uma coisa que quero conversar com você e seu irmão desde que cheguei — ela diz e sorri com vergonha — eu encontrei um namorado no cruzeiro e ele mora aqui. Eu estava considerando me mudar para cá e ficar mais perto de vocês.

Coloco a mão na boca para esconder o sorriso e deixo ela terminar, só aquilo para me fazer rir naquele momento.

— Eu sinto falta de você lá em casa — ela diz dando de ombros tentando mostrar um tom casual — e eu acho que me mudar para mais perto seria o ideal.

— Você vai conseguir manter sua opinião só para você? — digo séria, morar aqui é outra conversa — porque Brenna e Rafael não vão a lugar nenhum e se você entender isso, acho que não tem problema você vir para cá.

— Eu vou comprar um apartamento no mesmo condomínio que meus amigos de viagens, a maioria lá tem minha idade e lá é mais um clube do que algo residencial — ela diz como se não fosse nada demais.

Não evito sorrir, esse não era o rumo da conversa que eu me preparei.

— Já que você aceitou — ela diz ficando em pé — eu vou desfazer a mala, eu já vendi minha outra casa e

essa do condomínio só estará livre em três semanas.

Ela sai antes que eu possa dar qualquer resposta e eu reviro os olhos. Não poderia esperar nada diferente dela, suas vontades primeiro. Mas o que são três semanas? Já sobrevivi até aqui.

Enquanto termino meu café chega uma mensagem de Derek.

“ Já estamos em casa, como está aí? ”

Seguro o celular com firmeza e digito a resposta.

“ Normal, mas tenho novidades, chego aí a qualquer momento ”

Respiro fundo e vou me trocar

para ir à casa de Derek.

Sento-me ao lado de Brenna na cama que me olha entediada. Sorrio e pego um copo de água para ela que estava no criado-mudo.

— Esse negócio vai fazer eu criar raiz — ela diz me devolvendo o copo e com o olhar mais murcho que ela pode expressar — mas como está o Rafa? Derek me contou o que aconteceu ontem.

— Creio que bem — digo me lembrando que ainda não falei com ele hoje — mas a conversa com minha avó foi difícil e eu tenho notícias que podem não agradar a vocês.

Derek está em minha frente com os braços cruzados na frente do corpo, que fica rígido quando eu termino a frase, então eu resolvo contar logo e acabar com isso.

— A vovó está se mudando para cá — digo e Brenna me olha assustada como se eu dissesse que arrancaria a cabeça dela — mas calma, é para um condomínio onde mora pessoas da idade dela, tipo um clube. Mas até concordar, me certifiquei que ela iria compreender que não pode desrespeitar nem você — pego na mão de Brenna — e nem o Rafa. Vamos deixar ela vir Derek, ela já tem bastante idade e nós não temos outra família além

dela.

— Se ela consegue entender isso para mim tudo bem — ele diz olha para Brenna — eu penso em você, depois de tudo. Tem certeza mesmo? Você poderia usar um pouco de espaço de quem lhe colocou nessa bagunça.

— Tenho, Derek — digo sentindo exatamente o diz meu coração e ele apenas está em paz com essa decisão — eu não vou poder ficar com raiva dela para sempre por causa de um erro — digo e respiro fundo — foi um grande erro e eu sei disso. Mas Derek, será que no final vai valer a pena toda essa raiva? Ou ela merece isso mesmo? Apesar de tudo, ela é mãe de nossa mãe

e lá no fundo, sabemos que ela fez isso como um ato de desespero. Se o Rafa que não tem a necessidade de viver em paz com ela decidiu fazer, porque nós que somos netos não podemos fazer o mesmo?

— Ele falou isso? — Derek parece desacreditado do que falei, eu assinto e ele continua — Se vocês dois que foram os mais afetados resolveram deixar isso para lá, acho que também posso. Mas não se sacrifique mais por ela, Callie.

Olho para Brenna que ainda segura meus dedos, os deixando vermelhos.

— Por mim também — Brenna diz em resposta ao olhar do noivo — eu

só não quero aquele drama desnecessário, já não basta ficar nessa cama.

Meu celular vibra e sou surpreendida por uma mensagem de Chris, sinto meu sangue se esvaír das veias

“ Tic-toc, vi que a vovozinha não partiu. Ela me ama, não é? Volta para mim, pequena Callie. A vovó apoia nós dois ”

Excluo a mensagem e Derek me olha estranho.

— Viu fantasma? — ele diz sorrindo, mas eu não consigo sorrir de volta.

— Não — digo em suspiro — só essas

operadoras chatas.

Brenna liga a TV e está iniciando o filme *guerra é guerra* com a *Resee Winterspoon*, eu já vi umas cinco vezes, mas, mesmo assim, me aninho ao seu lado e cedo em ver um filme que eu posso até dizer as falas.

— Enquanto as duas princesas veem filmes — ele diz pegando uma mochila preta que ele sempre leva para o trabalho — eu vou trabalhar, cuide bem de minha noiva — ele diz em tom de provocação e eu reviro os olhos, nós acenamos e ele me olha antes de passar pela porta — já tem ideia de quando vai voltar a gravar?

— Espero que logo — digo

com um sorriso, eu só quero pensar em umas coisas antes — prometo não demorar.

— Só se você estiver pronta — ele diz fechando a porta.

Meia hora de filme depois, vejo Brenna elevar o controle e apontar para TV, fazendo os atores ficarem parados. Ela se senta devagar e me olha, eu espero ela falar, mas ela apenas sorri e bate uma mão na outra.

— Meu Deus, amiga — ela diz em um entusiasmo e seus olhos brilham, seu sorriso é largo e nem de longe você diria que ela estava hospitalizada ontem mesmo — você e Rafa estão juntos!

Sento-me tentando manter a

postura ereta, as palavras dela chocam como a mensagem de Chris e eu, não fico tão entusiasmada quanto ela. Eu apenas sorrio sem saber muito o que dizer.

— Ainda não, Brenna — digo me sentindo triste, eu percebi que sinto algo por ele, algo de verdade, algo que não lembro de ter sentido na minha vida, porque provavelmente eu esqueci — Tem muita coisa a ser resolvida, eu sei que gosto dele e eu sei como me sinto quando eu estou perto dele. Eu sei o que ele disse para minha avó, mas ele não disse para mim. Minha avó falou umas coisas hoje e eu refleti sobre.

— O que aquela velha veio

meter na tua cabeça? — ela diz de forma despojada sem observar o linguajar.

— Realidade, Brê — digo desistindo da postura e assumindo que não posso sustentar meus ombros por tanto tempo — E como faremos isso funcionar? A vida dele é cantar e eu jamais pediria para ele parar. E minha vida é aqui, com vocês, eu quero ver meu sobrinho crescer, eu quero ter minha família por perto. Independente de qualquer coisa, temos vidas diferentes, nós não somos mais aqueles meninos da escola, eu sou Callie, adulta que tem uma profissão que quer exercer.

As palavras foram saindo por minha boca e não pude controlar.

— Mas amiga — ela diz e meus olhos ardem — ao menos tente. Aquele homem sofreu por você, de uma forma que não sei explicar, uma pessoa que amou você, pelos últimos seis anos, provavelmente ele não lembra da vida dele sem você nela. Você deve ter sido a única coisa que ele pensou antes de dormir e assim que acordou.

— Porque você acha isso? — a pergunta sai como uma estupidez, mas, mesmo assim, eu faço.

— Eu não acho, Callie — ela diz sorrindo levemente como se soubesse mais do que eu, na verdade creio que isso é verdade, ela deve ter sido confidente tanto minha quanto dele

— Ele me disse, Callie. Ele é meu amigo, esqueceu?

— Você acha que ele me ama assim? — pergunto tentando prender o sorriso bobo que surge em meus lábios.

— Se todo homem amasse uma mulher da forma que ele te ama — ela diz e olha para teto, como um desenho animado apaixonado e finaliza — não haveriam mulheres má amadas no mundo.

Dessa vez não seguro e sorrio. Ah, mas eu sorrio. Meu peito se enche e me sinto transbordar de sentimentos bons.

— Obrigada, amiga — digo sentindo meu rosto queimar — eu

prometo tentar, vamos ver se dará certo como planejamos.

— Ou vamos deixar acontecer — ela finaliza arqueando a sobrancelha.

— Veremos — digo voltando a me deitar na cama.

Mas o que eu realmente queria fazer? Ir atrás dele. Eu queria ouvir ele me dizer tudo isso. Sua voz grave e baixa me contando o quanto me ama e porque me esperou por tanto tempo. Eu queria sentir ele me tocar com suas mãos aquecida e esperar ele me beijar. Eu adoro não saber que hora ele vai me surpreender. Eu não adoro, na verdade eu amo. Eu fico ansiosa, esperando ele arranjar uma desculpa para nossos

braços se esbarrarem. Eu quero isso para mim, eu sei que faz semanas, mas eu não consigo controlar o que sinto por ele, eu não consigo.

A partir de hoje, irei ignorar qualquer coisa de Chris, as mensagens sem fundamentos, eu pedirei para ele me encontrar e vou resolver isso. Isso está ficando tóxico e não quero mais isso em minha vida.

Brenna me lança um último olhar antes de soltar o filme e me pego repetindo as falas.

Callie

Hoje

Eu peguei e soltei meu celular
umas três vezes nos últimos trinta

segundos. Ele parecia queimar sempre que eu tentava alcançar a tecla de desbloqueio. Eu queria muito ligar para ele, mas não parece certo, ele pode estar ocupado e eu posso parecer uma pessoa bastante inconveniente ligando essa hora.

Encaro minhas pernas que estão praticamente toda amostra, eu vesti um short de algodão, que tanto amo, não consigo lembrar de quanto tempo tenho, mas sei que adoro vesti-lo. Sua estampa é de uma história em quadrinhos qualquer, nada que consegui identificar.

Ouçó a campainha tocar e não faço ideia de quem pode ser. Minha avó saiu tem uns trinta minutos para o jogo

de pôquer com os amigos do clube. Olho para minha camiseta, que também está velha comparada a outras roupas que tenho, meu cabelo amarrado em um coque alto, devo estar um desastre, mas como já é noite e deve ser engano, a pessoa não vai perceber minha aparência.

Mas quando encaro aquela figura em minha frente, coberto de pouca iluminação e uma mão no bolso frontal de seu jeans e passando uma mão em seus cabelos que se recusam a ficar para trás eu fico sem fôlego e completamente envergonhada, me escondo atrás da porta e não sei o que dizer.

— Algo errado? — Rafa diz de

forma engraçada e eu me sinto ridícula voltando para frente dele.

— Só que eu não estava esperando você aqui — digo colocando a mão na cintura e apertando meus dedos na barriga tentando me controlar.

— Você deve estar ocupada — ele diz tirando a mão do bolso elevando no ar como se pedisse desculpa — mas achei que você ia querer seu carro, como a semana já vai começar, imaginei que tem compromissos, então esperei anoitecer e sai.

Sinto-me tão ridícula!

— Sem problemas — digo e estendo a mão indicando para ele entrar — eu só não esperava ver você. Quer

dizer, eu esperava, mas não hoje. É que estou bagunçada, se soubesse que você estava vindo tinha colocado uma roupa descente, mas do que um pijama com certeza.

Aponto para mim mesma e ele sorri de minha forma desesperada.

— Espere aqui — digo como se eu falasse com um cachorrinho desobediente — vou trocar de roupa, você não merece me ver assim.

Viro as costas e sinto um puxão em meu braço que me faz parar.

— Não vá — ele diz com sua mão bem apoiada em meu braço — eu lhe dei esse pijama, eu quero ver você usando.

Sinto meu corpo tremer de fraqueza. *Como é?*

Meus braços ficam moles e ele solta com cuidado. Me viro para ele que me olha como se tivesse olhando para a imagem favorita dele.

— Você me deu? — digo meia lenta, eu amo esse pijama, entre todos ele é meu favorito.

— Você parece que não gostou de descobrir que eu lhe dei — ele diz em reação a minha expressão desatenta.

— Muito pelo contrário — digo ficando mais perto dele — eu amo esse pijama. Tipo, eu tenho até medo que ele se acabe.

Agora ele deve me achar louca

de pedra.

— Ele fica muito bem em você
— ele diz calmamente como se não
tivesse pressa de dizer aquelas palavras
— eu não tinha visto você vestida nele.

Uma onda de vergonha me
atinge e eu sei que fiz cara de inocente,
que se sentiu ofendida sem querer. Mas
mesmo assim um sorriso se instala em
meu rosto.

— Não? — digo querendo
saber nosso grau de intimidade.

— Pode ter certeza que não —
ele diz me olhando de cima a baixo
inúmeras vezes — ele ficou perfeito em
você.

Como é que respira mesmo?

— Obrigada — a palavra escapa antes que eu possa pensar em algo melhor — você quer sentar?

— Você não está ocupada? — ele diz em um tom mais casual do que estava usando antes.

— Não mesmo — digo e reviro os olhos em reflexo — eu estava com Brenna, cheguei no final da tarde, estava vendo série no quarto e quando você tocou a campainha... — dou uma pausa, *eu estava pensando em ligar para vocês, mas...* — eu estava aqui na cozinha bebendo água. Eu acabei comprando muita besteira no caminho de volta.

— Que tipo de besteira? — ele

diz parecendo interessado.

— Batata Frita, jujubas, amendoim, marshmallow... — estava listando e ele me interrompe.

— Ah sim — ele diz como se fosse obvio — seu kit “*quero ter um infarto antes dos trinta?*”

Apenas arqueio as sobrancelhas esperando por claras explicações.

— Sua mãe chamava assim — ele diz e esconde as mãos nos bolsos como se tivesse falado algo errado — todos nós adotamos essa expressão, porque parecia que queríamos, quando comíamos isso.

— E você parou? — pergunto

ignorando o fato que minha mãe inventou isso.

— Não — ele diz de forma displicente e aguardo ele continuar — ainda tem algo dessa lista?

Ele sorri e eu pego seu braço pelo pulso.

— Vamos — digo e ele me acompanha — venha ver *Grey's Anatomy* comigo.

Arrasto ele até meu quarto e seu olhar meio desconfortável confronta o meu. Mas eu ignoro. Eu fiz um lugar confortável no chão com travesseiros e almofadas e meu arsenal de comida estava do lado. Antes de alcançar meu tapete felpudo, se livrou do tênis e se

arrumou ao meu lado.

Dou o play sem falar nada e ele se serve de batata frita, o acompanho e me recosto ao seu lado, nossos ombros se chocam, como seu queria que acontecesse. Ele não fala e eu também não, deixo o silêncio confortável, enquanto vejo *Lexie Grey* se derreter por *Dr. Mark Sloan* e envolverem em um beijo apaixonado, me sinto sem graça torcendo para a cena acabar logo. Quando muda para os pacientes me sinto tão aliviada, mas Rafa parece não perceber o desconforto. Ele agora está comendo jujubas e eu imagino o sabor de seu beijo com todo esse doce que ele está consumindo.

— Você está bem? — ele diz e fico sem jeito, eu estava o encarando descaradamente.

— Só vendo você consumir meu *Kit infarto antes dos trinta* sem moderação — digo achando graça e tentando tirar a culpa de mim mesma. Ele não precisa saber o que estava pensando.

O episódio se encerra e eu me viro de frente para ele, as palavras de Brenna voltam a minha mente e parece mais do que ideal o momento de iniciarmos uma conversa. Sinto alguns fios despencar do meu coque, mas só coloco para trás da orelha. Preparo-me para iniciar, mas ele fala primeiro.

— Como foi com sua avó? —
ele diz me fazendo lembrar sobre minha
querida avó.

— Nós nos resolvemos — digo
e nós começamos por aqui, respiro
fundo para levar isso adiante — ela
respeitará você e a Brenna, eu resolvi
deixar tudo para lá, como você disse,
não vale a pena toda essa briga. Ela
prometeu não ultrapassar o limite.

Seu corpo relaxa e eu me sinto
melhor.

— Eu nunca pediria para você
se afastar de sua família — ele diz
baixo, de uma forma que só eu pudesse
ouvir — mas sua avó não me conhecia
como seus pais, eu teria me mudado

para lá se fosse isso que ela queria.

Meu coração rodopia e eu me derreto, alcanço sua mão e seguro com força.

— Você faria isso? — pergunto e sei que ele só ouviu porque está tão próximo, que posso ouvir sua respiração.

— Eu faço qualquer coisa, Callie — ele diz olhando para nossas mãos unidas — você já deveria ter entendido isso.

— Eu entendo agora — digo me aproximando mais dele.

Fico de joelho e fico praticamente da mesma altura que ele, ainda sentado. Quando me dou conta já

estou com minhas mãos em seus ombros, um lugar firme. Eu abro bem as mãos para que possa sentir seu corpo, ele fica me olhando, esperando para ver o que farei e me pergunto se ele quer que eu o beije. Meus pensamentos desconsertados e minhas atitudes impulsivas, resolvem trabalhar na melhor hora, claro.

— Eu quero descontroladamente beijar você — digo com a boca seca e respiração ofegante, seu olhar se intensifica, é como se ele pudesse ler meus pensamentos. Um sorriso, aquele indescritível.

Não sei o exato momento que nossos lábios se tocaram, mas

definitivamente, foi o ponto alto do dia. Seu beijo é como aquele abraço que nos aquece quando estamos morrendo de frio, é uma coisa difícil de você não suplicar por mais. Sinto sua mão explorar meu corpo por cima da roupa e eu imagino qual seria a sensação se todo aquele pano não estivesse ali. Mas não posso apressar nada, isso vai acontecer em algum momento, seus dedos apertam a lateral do meu corpo, exatamente onde fica minha tatuagem e eu sorrio daquilo. Um sorriso leve, não atrapalha o beijo ousado, que faz eu me sentir tão viva e satisfeita como nunca estive. Ele desacelera e eu solto um gemido em sua boca em sinal de relutância, eu não

queria acabar.

Sento-me sobre minhas pernas e olho para ele, que mantém sua mão sobre minha perna nua e minha imaginação se ativa novamente. Não consigo desviar o olhar e fico imaginando se eu poderia mexer a mão dele sobre minha pele com a força do pensamento.

— Está difícil manter o controle com você vestida dessa forma — ele diz de uma forma engraçada e eu coloco a mão na boca para esconder o riso.

— Eu quis trocar — digo em defesa — você não precisa se controlar — digo com tanta ousadia que quase não

reconheço minha própria voz — ou posso trocar de roupa.

Fico de joelho novamente para me levantar e trocar de roupa.

— Onde você vai? — ele pergunta me olhando sem entender.

— Trocar de roupa — digo como se não fosse obvio o que eu faria.

— Claro que não vai — ele diz me puxando para ele, caio sentando entre suas pernas, frente a frente com ele — nós vamos conversar agora.

— Sobre? — digo ansiosa pelo o tópico.

— Nós dois — ele diz de uma forma que sei que Brenna já foi abrir a boca para ele, porque se tem uma coisa

que ela não sabe fazer, é ficar calada.

— Você falou com Brenna —
digo em uma afirmação e ele assente —
difícil conversar com ela desse jeito.

Digo de uma forma
descontraída e agradecendo mentalmente
a intromissão de minha amiga nessa
jogada.

— Eu liguei para ela, queria
saber como ela estava — ele diz com a
mão outra vez sobre minha perna, mas
dessa vez ele passa a mão em
movimentos leves para cima e para
baixo, me deixando toda arrepiada —
não fique com raiva dela, nós tínhamos
que conversar sobre isso. Ela também
me contou sobre sua avó e é por isso

que temos que nos controlar, nós temos uma vida a nossa frente Callie, nós podemos esperar até que ela não esteja aqui. Não vamos complicar a situação.

Eu não sei o que pensar de primeira. O respeito dele sobre minha avó é algo mais do que admirável, eu jamais acharia que ele não iria em frente por outros motivos.

— Por um momento... — e eu pensei em voz alta. *Droga!*

— Por um momento o quê? — ele diz procurando meus olhos, mas a menina contida voltou.

— Eu achei que você não me quisesse e aquela era a forma de você dizer sutilmente — um sorriso discreto

aparece em seus lábios fazendo deles meu foco.

— Eu quis tirar toda sua roupa no momento em que você abriu a porta — ele diz como se fosse o segredo mais complexo que ele carrega consigo — Mas eu domino a arte do autocontrole.

Sua voz me hipnotiza e eu me sinto totalmente controlada por ele.

— Autocontrole? — digo debilmente, não sabia que homens conseguiam ter esse tipo de coisa.

— Sim — ele diz em um suspiro — eu já tive que me controlar tanto em relação a você, que tive que chamar isso de arte do autocontrole, então isso só acontece quando se trata

de você.

Ele sorri divertido e eu acompanho. Aquilo era engraçado, nunca foi algo que eu imaginei que ouviria partindo dele.

— Me dê um exemplo — digo e ele sabe que estou me divertindo com isso.

— Como não quebrar a cara de seu ex-namorado, desde o primeiro dia que eu descobri que vocês estavam juntos — ele diz como se tivesse vergonha daquele pensamento e lembro bem da minha conversa com Brenna.

— Então você tatuou em vez de quebrar a cara dele — digo e sua expressão de surpresa é impagável, ele

foi vítima de Brenna — Ela não consegue ficar calada.

— Achei que fosse um privilégio só meu — ele diz como se estivesse magoado.

— De forma nenhuma a fofoca de Brenna é uma via de mão dupla — ele concorda com a cabeça e eu continuo, mas dessa vez eu ajeito a postura e falo — Porque você não foi atrás? Você sabe que se eu soubesse disso antes, teria levado ao mesmo resultado.

Ele também assume uma postura séria e sei que nossa conversa passou de divertida para intensa.

— Quando tudo aconteceu —

ele pausa como se tentasse lembrar exatamente o que aconteceu — eu entrei em um inferno psicológico, eu me perdia de uma forma que minha mãe não confiava em nada do que eu pensava. Era como um relógio com uma pilha estragada, ele continua te dando a hora, mas você não pode confiar naquilo e por uns meses, eu não fiz nada, apenas tocava violão.

— Quando eu acordei? — pergunto e ele assente.

— Quando você acordou eu fiquei devastado — ele diz e dessa vez meu coração doe de uma forma ruim — Eu já era proibido de ir te ver e quando você acordou, eu jurava que aquilo

acabaria, porque eu esperava que você colocasse um ponto final naquilo.

Meu peito sobe e desce e eu fico agoniada por ar, isso me machuca tanto.

— Mas quando eu não lembrei — eu continuo — foi pior. Eu não posso imaginar a dor que lhe causei.

— Além de tudo, eu me sentia culpado — ele diz como se fosse algo vergonhoso, mas não sei no que ele tem culpa.

— Pelo quê? — digo procurando os olhos perdidos dele.

— Por ter deixado você ir aquele show — ele diz com a mandíbula tensionada — você nem gostava da

banda, você foi por mim, eu deveria ter recusado, mas você sempre consegue o que quer.

— Não sinta culpa — passo meus dedos por seus cabelos — a culpa é de quem bebeu e dirigiu, ele fez isso comigo, não você. Eu jamais culparia você. Éramos adolescentes, estávamos aproveitando a oportunidade de ouvir uma boa música e um cara bêbado atrapalhou isso.

— Mas se não fosse eu... — ele começa.

— Não termine essa frase — digo olhando para minhas mãos sobre minhas próprias pernas — nós não temos culpada em nada, acidentes

acontecem e nós fomos vítimas de um, não está em nosso poder controlar nada.

— Eu quero acreditar nisso — ele encerra.

— Mas, Rafa — digo querendo saber a opinião dele sobre o processo — como minha avó conseguiu processar você? Como ela conseguiu algo sem provas? Eu vi na internet que eu teria que ter solicitado.

— Essa é minha pergunta, Callie — ele diz tão perdido quanto eu — Meus pais decidiram que quando ela tomou essa medida, que era a hora de se afastar, minha mãe conversou comigo e decidimos que seria o melhor. E antes de seguir em frente, me certifiquei que

Brenna me ajudaria no futuro.

— E ela se mudou de cidade — completo e um sorriso de satisfação surge em seus lábios — ela foi uma das melhores coisas que me aconteceu, obrigada por devolver ela a minha vida.

— Você precisava de uma amiga e eu precisa de uma pessoa que me certificasse que estava tudo bem — quando ele se cala, eu grudo meus lábios no dele de uma forma rápida e me afasto encarando seus olhos negros de perto. Ele sorri do ato e eu sou tomada por um sentimento gostoso.

— Você definitivamente é a melhor coisa que aconteceu em minha vida — digo, não quero saber se é cedo,

não importa. *Me julgue*. Mas ninguém em sã consciência seria imune a tanto ato de amor de uma pessoa só.

— Sem exageros — ele diz como se não precisasse do elogio — mas você é definitivamente minha.

Ele não se move e eu também não, mas me pego imaginando ele vindo para cima de mim com todo seu peso e me prensando contra esse tapete.

— Callie — ele diz de uma forma engraçada pegando minha mão de um jeito formal — você aceita continuar a ser minha namorada?

Estou quase para ter um colapso de tanta felicidade, ele sela o pedido com um beijo em minha mão e eu

sinto formigar o local apresentado.

— Se eu disser sim — digo, ele me olha esperando eu estragar o prazer do pedido, mas essa pergunta tem que ser feita — como faremos isso funcionar? Como você faria com os shows?

— Você pode ter certeza, nada será um problema — ele diz sutilmente — nossos shows se resumem a três vezes por semana, quando você menos esperar estarei aqui batendo em sua porta.

A ideia parece melhor do que pensei.

— É que com Brenna, Derek e o bebê — digo me justificando — eu

quero me manter perto, o mais perto que eu puder. Eu quero ser muito presente na vida dele.

— E você vai — ele me puxando para mais perto ainda — e eu também irei, nós faremos parte da vida dele de forma integral. Só basta você dizer sim.

— Então — digo ficando tão perto, mas tão perto, dou um beijo no canto direito de sua boca, eu me sinto tão à vontade, tão desejada por ele, que minha ousadia alcança um nível novo — humildemente — dou outro beijo, só que do lado esquerdo — aceito com prazer seu pedido — ele me segura pela a nuca e me consome com seu beijo. Eu quase

não posso acreditar que eu estou oficialmente com ele. De verdade.

Seu beijo se torna algo confortável, algo que eu quero todos dias a partir de agora e não quero imaginar minha vida de outra forma, a não ser assim, com suas mãos me tocando, me apertando e me prensando junto a ele. Seu calor me aquecendo e podendo tocar seus cabelos que escorrem entre meus dedos. Sinto sua mão descer até a borda do short alcançando o limite e descendo seus dedos por minha coxa.

— Pelo que estamos nos segurando mesmo? — digo ainda em sua boca e ouço a porta bater com força e

ele me afasta instantaneamente.

— Por esse motivo — ele diz ofegante e consigo ver os xingamentos em seus pensamentos, porque eu estou fazendo o mesmo — por quanto tempo ela vai ficar aqui?

— Três semanas — digo e reviro os olhos, ele ri da ação e eu também não me seguro — poderíamos marcar um dia em seu hotel.

— Tenho planos muito melhor do que dormir em um hotel com você — ele diz e eu arqueio a sobancelhas — isso está matando muito mais a mim do que a você, pode ter certeza.

Suas mãos ainda seguram firme minhas costas e eu sento de volta sobre

minhas pernas.

— O que você tem em mente?

— pergunto morrendo de curiosidade.

— Algo memorável — ele diz com um certo mistério e me deixa tão ansiosa que eu estou para ir na sala e mandar minha avó ir embora.

— Vamos aguardar — digo me rendendo — se é como você prefere. Mas saiba que só em estar com você, qualquer coisa é memorável.

— Não é que eu prefira, Callie — ele diz me repreendendo — é o que você merece e eu não posso lhe dar menos do que você merece nunca, você não lembra disso?

Lembro da noite que ele me

beijou e ameaçou de fazer Chris um simples borrão e simplesmente foi o que aconteceu. Se não fosse suas mensagens perturbadoras, eu jamais lembraria que estive com ele num passado tão recente.

— Obrigada por isso — digo e ele fica em pé.

— É melhor eu ir — ele diz eu fico triste. É normal isso? — até amanhã.

Fico nas pontas dos pés e beijo seu rosto.

— Volte com meu carro — digo para ele de forma óbvia, já passa da meia-noite, não parece sábio andar de táxi.

— Você não vai precisar? —

ele pergunta mostrando as chaves.

— Eu pego amanhã — digo imaginando a mais perfeita desculpa — assim eu tenho desculpa para te ver.

— Você não precisa de desculpa para me ver — ele diz calçando de volta seus tênis — você é minha namorada.

Meu rosto parece em chamas.

— Sim, eu sou — digo incrivelmente feliz.

Seguimos pelo corredor de mãos dadas e me sinto uma menina com o primeiro namorado, o que não deixa de ser verdade. Abro a porta e reluto em dizer adeus, por mim ele ficaria aqui e dormiria tão junto a mim, desafiando as

leis da física. Ele me dá beijos curtos e parece que também não quer se despedir.

— Preciso ir — ele diz se afastando e seus dedos soltam os meus — eu também não queria, mas sua avó está em casa e você deve estar cansada.

— Certo — digo beijando ele novamente — você que inventou essa regra aí, eu estou apenas quebrando.

Ele sorri e sai andando em direção ao carro. Fico lá até que o carro desapareça.

Fecho a porta atrás de mim, a noite com mais acontecimentos inesperados que eu possa lembrar. Eu não vou conseguir dormir com essa

excitação toda dentro de mim, eu vou continuar vendo *Lexie e Sloan* se apaixonando, nunca vi casal mais lindo em uma série de TV como esses dois.

Pego o travesseiro que ele deitou e abraço, sentindo seu cheiro totalmente impregnado ali. Um dia eu sonhei com isso, eu sonhei que ficava com ele quando meu ídolo, mas o pedido vindo com “*você aceita continuar ser minha namorada*”, é muito melhor do que sonhei, porque continuar significa que já fui um dia e foi a única coisa que nunca imaginei quando ouvi sua voz no rádio, é que eu já tinha sido sua namorada.

Rafael
Hoje

O telefone do quarto toca e eu entrego o violão a Matt, ele pega e dedilha alguma coisa que não consigo identificar.

— Rafael — tudo que digo quando atendo o telefone.

— Senhor — uma voz feminina

fala ao telefone e tento recordar se tem alguma recepcionista mulher — temos um problema com seu carro.

— Mas eu não tenho carro aqui — digo, deve ter feito a ligação por engano.

— O senhor não é Rafael o músico? — ela diz de forma desconfortável.

— Sim, sou eu — respondo esperando resolver logo aquele problema.

— O carro que foi danificado, os funcionários identificaram como seu — ela diz ligeiramente nervosa.

— Danificado? — digo me lembrando que voltei com o carro de

Callie ontem.

— Senhor, você pode vir ao meu escritório? — ela diz e eu olho para Matt que me olha curioso — gostaria de explicar a situação do ocorrido.

— Estou indo — digo devolvendo o telefone ao suporte e encaro Matt — alguém danificou o meu carro.

— Você não tem um carro aqui — ele diz dando de ombros e voltando para o violão.

— Não, mas eu estou com o carro de Callie — digo e ele fica em pé.

— Que porra aconteceu? — ele diz eu o sigo, Matt está tão entediado que me segue atrás de uma ação.

Vamos em silêncio pelo corredor e o rapaz que trabalha no elevador, nos diz onde fica o escritório da gerente. Bato na porta e logo somos atendidos. Uma mulher de boa aparência abre a porta e Matta olha para ela como se ela fosse a próxima refeição. Ele tem um fetiche por mulheres mais velha.

— Sentem-se — ela diz apontando para as duas cadeiras a sua frente, Matt não faz questão de disfarçar que está a olhando.

— O que aconteceu afinal? — digo ignorando o fato de meu amigo estar babando mais do que um cachorro com raiva.

— Uma propriedade sua foi

danificada enquanto estava sob nossos cuidados — ela diz de forma gentil e nervosa — seu carro foi totalmente danificado, os vidros foram quebrados, ele foi amassado a marretadas, ao menos é o que suspeitamos. Nós temos uma deficiência nas câmeras do estacionamento e por isso, enquanto a gente consertava, contratamos uma pessoa que acabou atrasando na troca de turno ontem porque a filha passou mal. Eu quero que você saiba que pagaremos por todo dano.

— Outros carros foram atingidos? — pergunto tentando fazer aquela história ter sentido.

— Não, apenas o seu — ela diz

como um pedido de desculpa e eu fico procurando na mente quem gostaria de quebrar algo meu.

— Nós teremos que informar a proprietária, como eu disse, o carro não é meu — seus olhos parecem que vão saltar da órbita e eu continuo — é de uma amiga, então na questão de seguro essas coisas, você terá que ver com ela.

— Sua amiga pode nos processar — ela diz de forma desesperada — seria muito ruim para nossa imagem, o senhor é uma figura pública, se alguém sonhar que isso aconteceu aqui, ninguém mais pisará aqui — ela fala nervosa como se procurasse uma solução enquanto

conversa ali — nós corremos esse risco? Porque se correr, eu tenho que procurar um advogado, as hospedagens aumentaram com vocês aqui, se eu pudesse ter previsto isso.

— Calma... — Matt fala de uma forma que ela possa dizer seu nome.

— Suzana — ela diz olhando atentamente para ele.

— Calma, Suzana — ele diz como se fosse ao resgate dela — nossa amiga — ele fala de uma forma que faz ela soltar o ar — quer dizer, namorada do Rafael e minha amiga — eu olho para ele e sou ignorado — não processará vocês.

— Como você pode saber

disso? — ela fala diretamente para ele.

— Nós a conhecemos tempo suficiente para saber que isso não vai acontecer — ele diz e se inclina um pouco perto da mesa, assumindo a situação — mas você tem ideia do porquê só aconteceu com o carro que, supostamente é do Rafael?

Ela balança a cabeça de forma exagerada.

— Não — ela diz como se aquilo a perturbasse — isso é o que mais nos deixou intrigados, foi pouco tempo entre o segurança sair e o próximo entrar.

— Podemos ver o carro? — digo e ela fica em pé prontamente, ela

parece mais abalada do que qualquer pessoa. Matt se mantém ao seu lado, o que parece deixá-la mais tranquila.

Descemos até o estacionamento, que não tem muitos carros no momento, quando consigo visualizar o estado que se encontra o carro, parece muito pior do que ela descreveu. Matt me olha e eu não consigo imaginar porque alguém faria aquilo. O carro preto está totalmente destruído, os vidros esvaçados pelo chão, as portas estão amassadas como latas de cerveja descartadas e os pneus estão secos.

— Eu não sabia que Callie dirigia uma SUV — Matt diz mais

impressionado pelo fato dela dirigir uma SUV do que pelo carro totalmente destruído a nossa frente.

— A família dela tem meio que, uma tradição — digo me lembrando quando eles me contaram em um churrasco — todos eles têm SUV, é como se fosse algo deles.

— Eu sei que é um carro caro — a Suzana choraminga as palavras e eu já me sinto culpado por isso — Mas nós vamos corrigir isso. Você pode me dar o contato dela?

— Eu falo com ela — digo recusando a ajuda dela — acho que temos que chamar a polícia, isso foi um crime e precisa ser resolvido.

— Não! — ela grita e segura em meus braços balançando — Não faça isso, senhor! A gente paga outro carro para ela. Qualquer coisa para não chamar a atenção para isso.

Ela solta meus braços e olha para Matt como se pedisse ajuda.

— Cara — ele diz ficando ao lado dela — não precisa chamar a polícia, isso aqui foi um ato de vandalismo aleatório.

— E se não for? — digo colocando as mãos no bolso — E se essa pessoa quisesse machucar a Callie? E se ele reconheceu o carro ou seguiu o carro para fazer algum mal?

A mulher deixa os ombros cair

como se estivesse derrotada.

— Isso aqui demonstra ódio —
contínuo e a única coisa que posso
pensar é se essa pessoa tivesse
realmente encontrado ela o que poderia
ter feito — eu não posso deixar isso
assim.

Começo a sair e ouço os saltos
da mulher contra o chão em passos
apressados, ouço ela parar e Matt falar
alguma coisa. Já não estou mais no
estacionamento, vou direto para a saída
do hotel e não me importo em ser visto,
entro em um táxi que está estacionado no
ponto à frente e Matt entra em seguida.

— Cara — ele diz enquanto
dou as instruções ao taxista — vamos

resolver isso aqui mesmo.

— Você consegue ao menos uma vez, pensar com a porra da cabeça de cima, Matheus? — vocifero para meu amigo que parece assustado — eu não posso deixar nada de ruim acontecer com Callie, Matheus. Eu não posso perder aquela mulher novamente, será que você consegue ver a razão em tudo isso.

— Foi mal, cara — ele diz mais calmo — eu também não. A Callie não merece isso. Mas pense no trabalho daquela mulher. No momento que Callie, como produtora musical e seu irmão Derek, grande empresário da música dessa cidade, tomarem a mídia, todos

saberão sobre vocês e tudo vai virar uma bagunça. Não precisamos desse tipo de atenção, vamos levar isso como vandalismo mesmo.

— Não posso, Matheus — digo e vejo que já estamos chegando — eu não posso fazer isso, eu não vou dormir à noite sem saber o que está acontecendo com ela, algo pode acontecer na madrugada como aconteceu aqui.

Pago o táxi e descemos, ele me segue até a porta e espera ao meu lado, enquanto espero Callie atender o interfone.

— Quem é? — ela diz de forma

animada e eu respondo imediatamente.

— Rafael — digo sério, minha voz sai sem sinal de humor nenhum.

Ela abre a porta e seus cabelos estão soltos sobre os ombros alcançando a cintura, ela bate palmas e vejo Matt rindo.

— Matheus! — ela grita como não pudesse se conter.

— Eu também estou aqui — digo tentando amenizar a tensão em mim mesmo.

— Eu posso ver — ela diz passando seus braços em volta do meu tórax e me beija — Oi, Rafa. O que traz vocês aqui?

No momento que ela encerra

essa sentença, eu volto a ficar sério. Ela divide sua atenção entre Matt e eu. Seguimos para dentro da casa dela calados e nos sentamos no sofá.

— Você está sozinha? —
pergunto por precaução.

— Sim. Rafa o que aconteceu?
— ela diz sentando na mesa de centro cara a cara comigo — foi o Ramon?
Algo aconteceu com ele?

— Não, Callie — eu digo e ela leva a mão a boca — o Ramon está bem, ele viajou ontem para a casa dos pais, o problema é seu carro.

— Foi roubado? — ela diz segurando meus braços — você está bem? Agora me sinto culpada por deixar

você sair tão tarde.

— Seu carro foi destruído por alguém — ela me olha estranho sem entender o que acabei de dizer — no estacionamento do hotel, alguém destruiu ele totalmente, com o que julgamos ser uma marreta.

Matt tira o celular do bolso e entrega a ela com uma foto. Eu não vi a hora que ele fez isso.

— Esse é meu carro? — ela diz sem tirar os olhos do aparelho — só o meu ficou assim?

— Infelizmente — Matt diz e ela devolve o aparelho — Callie, o hotel vai arcar com tudo, mas eles preferiam que você não chamasse a

polícia.

Eu sinto a necessidade de socar a cara de Matheus naquele momento, mas apenas ignoro.

— Não é preferência, Matheus — digo e olho para Callie — Nós não sabemos a intenção dessa pessoa, Callie. Ele poderia querer machucar você.

— Ou apenas um vandalismo aleatório — Matt completa.

— Pare de bancar o advogado do diabo, Matheus — vocifero outra vez, que merda ele continua defendendo isso — Pode ser qualquer coisa, mas não vamos ter certeza se não investigar. Não importa quem nós somos, não

importa hotel ou reportes em nossas portas, é melhor dormir sabendo o que houve e não ficar com dúvidas dessa merda toda.

— Você desconfia que alguém queria fazer isso comigo? — ela fala olhando em meus olhos.

— Eu não sei o que pensar — digo mais tranquilo — eu só quero proteger você, Callie.

— Eu sei, Rafa — ela diz pegando minha mão — mas vamos pensar nisso direito. Nós não queremos essa atenção toda, não agora. O que o hotel tem a dizer?

— Falhas técnicas — Matheus diz.

— Vou ligar para Derek — ela diz se levantando — ele pensará melhor nisso — Ela nos deixa sentando sozinhos e eu juro que se Matheus abrir essa boca novamente, eu vou quebrar a cara dele.

Callie

Hoje

— Vamos contratar um detetive particular — Derek diz com a mão apoiada nos quadris — concordo com todos, não pode deixar sem investigar e também não podemos trazer tanta atenção, Rafael.

— Mas, Derek — Rafael diz cara a cara com Derek, eles assumiram a situação e ignora eu e Matt completamente — será eficaz? Eu não vejo problema em chamar a polícia.

— Foi um pandemônio quando

o acidente aconteceu — Derek diz como se não visse outra solução — é melhor evitar polícia.

— Se você prefere assim — Rafael diz como se não tivesse pensado em algo melhor — só acho que ela não deve ficar sozinha aqui, você deveria ficar com ela e sua avó, até termos ideia do que foi isso.

— Isso é puro exagero — digo ficando entre os dois — não precisa isso, Rafa. Nós vamos ficar bem, aqui é seguro.

— Ele está certo — Derek diz me ignorando completamente — mas eu não posso ficar aqui. Brenna acamada, eu não posso abandonar ela lá e ela aqui

com minha avó pode ser pior.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa Matt se pronuncia.

— Rafael pode ficar — ele diz se juntando a gente — ele como namorado da Callie, tem o dever de proteger — ele sibila namorado tão sarcasticamente e eu não entendo que horas entrei na guerra entre ele e Rafael.

— Vamos quer ir no jornal anunciar isso? — Rafael diz, mas soa de uma forma tão engraçada que eu não posso me conter.

Nem Matheus conseguiu se segurar, Rafael parece o mais tenso nessa situação, o que me faz lembrar de ontem, ele falando sobre o inferno

psicológico que encarou e eu não consigo se quer pensar o que ele passou, mas ver ele aqui, todo protetor, com algo que na verdade poderia ter acontecido com ele e não comigo. Derek apenas nos olha sem saber muito o que está acontecendo. Eu passo meus braços pelo corpo de Rafael e sinto ele ficar totalmente tensionado.

— Sim, Derek — digo e Rafael parece com medo de me tocar, seus braços ainda estão no ar — nós estamos juntos, eu teria contando antes se tivesse tido a oportunidade.

— Eu estou muito feliz por vocês — Derek diz soltando uma respiração pesada, passando as mãos no

cabelo — infelizmente tudo isso acaba de colidir e é uma confusão que vocês não podem aproveitar tudo isso.

— Nós temos uma vida pela frente — digo sorrindo mais do que satisfeita e é verdade.

Sinto os braços de Rafael abraçar meu corpo em resposta. Eu amo saber que ele se sente assim ainda, depois de tudo.

— Então, eu vou atrás de um cara que conheço — Derek diz pegando o celular — vamos tentar não ficar nervosos. Temos que manter a sanidade com algo lamentável, Rafael você pode ficar com ela e minha avó?

— Claro — Rafa diz em

resposta imediata — eu fico, mas nos informe. Vamos ficar aqui mesmo.

Antes mesmo de Rafael se calar minha avó abre a porta e encara aquele aglomerado em plena a sala de estar.

— Sua mulher está bem, filho?
— a primeira coisa que ela fala quando passa pela porta, fácil para ela pensar isso, já que estamos todos aqui menos Brenna.

— Sim, é que o carro de Callie foi totalmente destruído — Derek diz sem poupá-la da informação — então Rafael vai ficar aqui, enquanto vou resolver umas coisas. Mas logo eu volto.

Ele finaliza e passa direto por

ela saindo pela porta, ficamos lá nos encarando e por um segundo não sei o que dizer. Minha avó nos olha como se eu tivesse aprontado de novo, não fala nada e vai para o quarto dela.

— Ela é assim mesmo — digo em defesa dela e Rafael apenas não diz nada.

— É melhor vocês ficarem aqui, eu vou voltar para o hotel para ver se encontro alguma informação, ligo assim que eu tiver algo novo — Matt diz saindo pela porta, sem esperar resposta.

Arrasto Rafael até o sofá e me sento ao lado dele.

— Você acha que pode ter sido para você? — digo e ele não desvia o

foco da foto que estou com Brenna, que está junto a TV a nossa frente.

— Eu tirei aquela foto — ele diz e eu acabei de esquecer o que eu acabei de dizer. *Putá merda* — vocês não paravam, eu tive que briga. Brenna insistiu que era para eu tirar essa foto, mas você teve uma crise de riso e não se controlava.

— Como você fez para eu parar de rir? — digo olhando para a foto, estou séria de uma forma bonita, como se eu precisasse ficar seria.

— Ameacei ir embora — ele diz e eu começo a rir — eu não aguentava vocês duas juntas, era complicado — Ele diz como se fosse

nosso pai — porque, você acha que foi para mim?

E ele retoma o assunto assim, do nada.

— Eu não sei, Rafa. — digo pensando no motivo da pergunta, na hora parecia certo — porque alguém iria querer me machucar? — E assim que aquelas palavras saem por minha boca eu lembro de Chris e como eu preciso conversar com ele. Mas não acho que ele seja capaz daquilo, seria como ver um lado pior do que encarei nos últimos meses.

Tento controlar minha respiração, eu não posso dizer ao Rafael sobre isso, seria como o estopim de uma

guerra e não preciso disso. Deve ter sido algum lunático.

— Eu não sei, Callie — ele diz confuso, muito mais do que eu — apenas vamos esperar um pouco até Derek dar resposta.

Assumo uma postura derrotada e jogo minhas costas no sofá. Ele se encosta com cuidado e apoia minha cabeça em seu ombro. Sinto seus olhos em mim e olho para cima.

— Bom dia — ele diz baixo e rouco e eu pareço um picolé encarando um calor de quarenta graus.

— Bom dia — digo e seus lábios encontra o meu, sempre que ele me beija eu sinto a necessidade louca de

pula nele e não desgrudar, mas não posso. Não evito revirar os olhos com esse pensamento e ele para o beijo.

— Eu vi isso — ele diz de forma descontraída, bem diferente do seu tom mais cedo.

— O que? — digo sem saber exatamente o que ele viu.

— Você revirou os olhos enquanto me beijava — ele diz e eu fico vermelha — estou lhe entediando, Calliope?

— Quer saber a verdade? — digo me entregando a uma conversa provocante — eu revirei os olhos para os pensamentos impuros que passa em minha mente sempre que você me toca.

Eu revirei os olhos, na verdade, por não podê-los executar por motivos que você selecionou e eu apenas concordei.

Ele fica totalmente de frente para mim.

— Você não vai se arrepender — ele diz e eu reviro os olhos. *Preciso desesperadamente parar com isso.*

— Revirar os olhos é um reflexo de desaprovação por essa regra aí.

Ele cala minha boca com outro beijo e outra vez aperta onde fica minha tatuagem. Eu não sei exatamente o que ele sente com essas palavras de forma permanente aqui, as palavras dele, na verdade.

— Você parece gostar muito da minha tatuagem — digo ainda na boca dele, ele morde meu lábio inferior levemente e responde.

— Isso é mais do que uma marca para mim — a montanha-russa é ativada e eu sinto tudo estremecer — são minhas palavras para você — ele aperta novamente e eu seguro o braço dele exatamente onde está a dele.

— Essas são suas palavras sobre mim — digo passando o dedo explorando aquela parte da pele dele marcada para sempre — eu também sou fascinada por sua tatuagem.

Ele me devora em outro beijo, isso está complicado de segurar, mas

sabemos que é melhor o plano dele, estamos aqui, no sofá como dois adolescentes, esperando para sermos pegos por minha avó. Sinto meu corpo suar de tanto entusiasmo. Ouço a porta abrir e nos separamos ofegantes e bagunçados, até que minha avó vai para a cozinha, mesmo sem dizer nada, sei que ela não parece muito satisfeita.

— O que vocês pretendem comer? — me assusto com a pergunta dela e olho para Rafael.

— Eu posso cozinhar qualquer coisa que vocês quiserem — ele diz se virando para ela — só dizer o quer comer.

Ela sorri sem questionar e

coloca a mão na cintura.

— Eu poderia comer uma lasanha — ela diz de forma que não se incomoda que ele acabou de se oferecer para cozinhar — mas acho que aqui não tem nada.

— Eu vou ao mercado — Rafael diz se levantando — é aqui perto, eu vou andando, não devo demorar. Tranquem a porta e não abram para ninguém.

— Tudo bem, Rafa — digo acompanhando ele até a porta — nada vai acontecer. Eu prometo.

Ele se despede com um beijo e meu coração se contrai de uma forma ruim, sinto vento gelado bater em meu

rosto, o céu está nublado e me dou conta que desde ontem estava esfriando. Resolvo tomar logo um banho antes que ele volte, é melhor eu ficar mais arrumada, não custa nada eu ficar tão perfeitamente arrumada para meu namorado.

— Vou tomar um banho — digo para minha avó saindo para o quarto.

Chegando em meu quarto livro-me logo da minha roupa e corro para o banheiro. Rafael deve demorar uns quarenta minutos para voltar, é a média que levo quando vou ao mercadinho do senhor Rener.

Ouçó vozes abafadas vindo da sala e fico imaginando se é Derek

trazendo novidades. As vozes ficam mais alta e eu ouço a porta do quarto da minha avó bater. Fico sem entender exatamente o que aconteceu, pego a roupa que já tinha deixado no cabide do banheiro e me visto com pressa. Meu coração acelera e um pânico se instale em mim. Mas quando eu abro a porta, quando eu abro a maldita porta, eu vejo uma cena antiga, mas com um objeto novo.

Chris está sentado em uma poltrona que mantenho em meu quarto, tantas vezes eu o vi nessa mesma posição esperando eu sair do banho, em muitas delas eu corria e me jogava em seu colo, claro quando ele estava em

bons momentos. Chris carrega consigo, um misto nada gostoso de sentimentos, as vezes a gente brigava e horas depois ele fingia que nada tinha acontecido.

Ele está vestindo uma camisa de mangas compridas, que estão dobradas até os cotovelos e uma calça preta, seus braços estão caídos sobre suas pernas e uma arma está em sua mão, brilhante, algo que nunca vi antes, penso em voltar correndo para dentro do banheiro, mas não faço, espero ele dizer o que está acontecendo.

— Oi, amor — ele diz e no meu estômago se instala uma onda de enjoo — um saco sua vovozinha ainda estar aqui. E aquele cara? Sério, Callie? Olhe

para mim. Eu sou o que você merece.

Ando em passos lentos e paro no meio do quarto. Isso tem que ser um sonho. Me mantenho calada e ele continua.

— Sobre seu carro — ele diz e aponta a arma para mim como se fosse um objeto qualquer — eu realmente ia quebrar a cara dele, mas não deu. Aquilo que fiz foi só uma amostra do que quero fazer com o crânio dele.

Um sorriso perturbador aparece em seus lábios e eu quero soltar um grito.

— O que você faz aqui? — pergunto baixo.

— Amor, sério? — ele diz

ficando em pé e vindo em minha direção — eu não violei a lei e comprei um juiz para você ficar com aquele babaca, Callie. Você não consegue ver a razão aqui.

Sou surpreendida com aquela informação e espero ele terminar.

— Quando sua avó me procurou, eu sabia o que fazer, então fui lá e fiz — ele analisa o quarto e eu me mantenho firme por poderes sobrenaturais, porque eu quero cair — e quando eu vi de quem se tratava. Ah, Callie, quando eu a vi pela primeira vez, que menina linda, fiz de minha missão nessa terra fazer você ficar comigo. Te seguir era tão fácil, admirava você de

longe, mas eu queria mais — ele diz fazendo um cara irreconhecível e usando um tom sombrio — eu queria sentir seu cheiro que deveria ser de frutas e quando você me beijou naquela noite no bar.

Ele para na minha frente e toca meus lábios. Eu não acredito que já deixei ele me tocar.

— Parecia aquele pôr do sol perfeito — ele diz tão perto e fecho os olhos, uma ação da qual me arrependo, sinto sua boca na minha e sinto vontade de correr, as lágrimas já descem por meu rosto. — esses lábios, o lugar mais gostoso do mundo.

Meu corpo treme e ele segura

meu rosto com apenas uma mão.

— Fala comigo, amor — ele diz, ainda com a mão apoiada em meu rosto.

— Porque você está aqui? — minha voz sai frágil de uma maneira perturbadora — cadê minha avó? Como você entrou aqui?

— Muito descuidada você, amorzinho — ele diz girando o corpo e jogando seu peso contra a porta — nunca mudou a fechadura, chato para você, melhor para mim. Coloquei sua vovó para dormir um pouco.

— O Rafael está voltando, é melhor você ir — digo ainda parada no mesmo lugar, parece que tem correntes

de uma tonelada me aprisionando ao chão e eu não consigo me mover.

— Bem — ele diz jogando seus cabelos loiros e, agora maior, para trás com a mão que segura a arma, ele segura aquilo de uma forma tão desleixada e eu enfraqueço sempre que ele mira em mim — esse presentinho aqui é para ele — ele diz exibindo a arma — se você não quer ficar comigo, também não posso deixar você ficar com ele.

Eu acabei de ser moída viva, minhas feridas estão expostas. Porque aquelas palavras me matam, eu não posso acreditar no que ouvi.

— Chris — digo tão nervosa e destruída que parece que não há mais

alma em meu corpo — não faça nada para ele.

— Então o que? — ele diz como um adolescente que não se importa com o dever de casa — você vai ficar com ele? E nosso futuro, Callie? Eu não subornei a droga de um juiz para lhe afastar dele, para na primeira oportunidade você voltar para ele. Você acha que sou louco?

Sim!! Eu quero gritar, meu medo me cala.

— Chris — digo com cuidado e ousado dar um passo à frente — nós já não estávamos mais funcionando.

— Só você via isso — ele diz me *culpando* por ele agir assim, a

audácia dele é tão grande que ele não pode assumir que está errado — Callie, meu doce amor, eu não estou aqui para apontar dedos, eu estou aqui apenas para me livra daquele cara, eu não machucaria nem a você nem a sua avó. O que dei para ela não vai fazer mal — eu só posso estar em um pesadelo muito louco, me recuso acreditar que isso é a realidade — ela está dormindo ali no outro quarto, deve acordar em umas quatro horas.

— Chris você acha que depois de fazer — digo tropeçando nas palavras — o que você veio fazer, eu irei ficar com você?

— Onde você se engana — ele

diz como se fosse me explicar uma teoria — eu não quero mais você depois que ele te tocou, não mesmo. Eu estou aqui apenas para impedir que *ele* fique com você.

Tudo que sai de sua boca é incoerente. Seu tom calmo me assusta e não evito choramingar, era muita tortura psicológica para uma pessoa só.

— Ele está chegando aqui — digo desafiando, tentando encontrar forças.

— E eu estou esperando, minha amada — ele diz alongando o pescoço — e quando eu o encontrar, irei atirar nele, antes de qualquer coisa, claro. Não quero ouvir as lamurias dele, não me

importa Callie. Eu vim aqui *matar* o Rafael.

Ouço a porta abrir e em um reflexo ele me puxa para a sala. Ainda enquanto passamos pelo corredor, sou empurrada diversas vezes contra a parede e não evito soltar um gemido de dor. Rafael está na porta com as mãos no ar e me olha sério, ele faz menção de vir em minha frente e Chris aponta a arma fazendo ele para.

— Não venha pagar de cavalheiro aqui — ele diz apertando mais ainda meu braço e Rafael para, se sentindo incapaz de seguir em frente. Eu peço com um gesto ele fique e ele se mostra mais nervoso ainda — então —

Chris nos joga um olhar torturador e continua — estou aqui para matar você — as palavras me destrói por dentro e eu amoleço, não sei até quando vou aguentar — mas quero que você saiba, eu consegui a medida protetiva contra você, mas você não desiste, não? Eu sei, o sabor dela é inesquecível, a gente vicia mesmo.

Ele passa a mão por meu braço e uma vontade súbita de vomitar me ocorre.

— Não toque nela — Rafael grita para ele — a solte, se seu problema é comigo.

— Não — Chris diz gargalhando — eu não tenho problema

com você, eu só não quero você com ela, cara. Você consegue me entender?

Rafael dá um passo à frente e Chris levanta a arma de novo.

— A solte Chris — Rafael diz entre os dentes.

— Não — ele diz impaciente — ela vai ver eu atirar em você.

— Deixe a ir — Rafael ainda calmo — não faça nada na frente dela.

— Se eu não fizer na frente dela, como ela aprenderá a lição? — Chris diz e me olha como se fizesse sentindo o que ele acabou de falar.

Rafael dá mais um passo à frente, mas depois de escutar um som seco partindo do meu lado, eu saio fora

do ar. Eu tento gritar, mas a voz não sai. Eu me solto do braço dele e corro para onde Rafael está jogado, o sangue mostra que foi perto do coração, mas eu não sei dizer ao certo. Chris continua parado e vejo que está com as duas mãos na cabeça. Como se por um segundo ele parecesse arrependido, como se fosse possível para sua natureza destruidora sentir pena de outro ser humano.

— Está vendo, Callie? — ele nervoso — está vendo o que eu faço por você?

— Cala a boca, seu estúpido — berro para ele, nesse momento ele pode atirar em mim, nada mais importa, olhar

para Rafael com os olhos fechados, totalmente inerte me faz perder a cabeça — você matou ele. Como você pode fazer isso? Que espécie de ser humano faz isso? Eu te odeio Chris.

Eu grito em pleno os pulmões e olho para Rafa, ali deitado, seus lábios estão sem cor e minha mão está totalmente tomada por seu sangue. Tão vivo. Encosto meus lábios no dele para ver se a cor volta

— Não me deixe, meu amor — digo sem sentir. Agora que minha vida tinha sentido, um louco acaba com tudo — eu odeio você, Chris.

O sangue está espalhado por toda a camisa de Rafael, mas mesmo

assim eu encosto meu rosto em seu peito, a respiração é quase imperceptível e eu olho outra vez para Chris.

— Satisfeito? — digo dando a entender que Rafael se foi, eu não sei o que ele é capaz de fazer se achar que não finalizou o que veio fazer.

— Ele morreu? — ele fala de forma espantada e agora ele não parece mais o lunático que estava aqui, atirando em pessoas. Eu apenas fico calada e ele vai para minha frente — Callie, tudo que fiz foi por amor, mas você não merece nenhum de nós dois. Nem ele — ele aponta com a arma e posso ver lágrimas descendo por seu rosto — e nem eu.

Olho uma última vez para seus olhos verdes e não vejo nenhuma luz nele. Parece que nunca houve vida ali. Ele apoia o cano da arma abaixo de seu queixo e antes que eu possa falar, ou fechar os olhos, ele puxa o gatilho. A última coisa que consigo me lembrar é da pancada do seu corpo no chão e uma pessoa gritando meu nome lá fora.

Eu caio sobre o corpo do meu amado e sinto seu sangue ainda quente sobre meu rosto. Eu não sei se tenho consciência para ouvir seu coração, ou é apenas o que minha imaginação quer ouvir. Mas ele está aqui, batendo, lentamente. Se bate, ainda há vida, ainda tem esperança para nós dois. Eu ainda

vou ficar com meu amor verdadeiro.

Epilogo

Callie

A parte mais difícil de se amar alguém, é ter a certeza que vai perdê-lo. Quando essa possibilidade cruza seus pensamentos, você quer esquecer, você quer fingir que isso não é realidade, mas é a única coisa que sabemos que nos resta no final.

Quando eu encarei os olhos de Rafael, aqueles mesmos olhos que tinha me olhado com tanta intensidade e amor horas antes de tudo aquilo acontecer e eles não abriam, eles apenas permaneciam fechados, aquilo tirava minha esperança aos poucos.

— Ele vai acordar — Derek disse me apertando junto ao seu peito.

O tiro, além de ter fraturado uma costela, pegou no pulmão. A explicação complexa do médico não foi entendida por mim, eu não queria saber exatamente onde havia pegado, eu apenas gostaria de saber se ele ficaria bem.

Meu corpo estava dolorido do estresse e meu braço cheio de hematomas das pancadas na parede, mas não importa, não sairia do lado dele até que eu pudesse ver seu olhar vivo sobre mim, enquanto eu não pudesse sentir o calor dos seus olhos e toda a calma que ele transbordava. Eu apenas não podia relaxar sabendo que ele não poderia acordar.

— As próximas 24 horas são essências — o Dr. disse, eu lia o nome em seu jaleco, mas parecia impossível de entender — mas ele é novo. Ele ficará bem, só irá demorar um pouco.

— Demorar? — perguntei, mesmo sabendo que aquilo seria verdade, ninguém se recupera de um tiro tão rápido.

— Sim, ele irá precisar de fisioterapia para recuperar a capacidade do pulmão de respirar perfeitamente — ele se calou um pouco e eu vi Rafael mexer o braço — ele não poderá tocar, ele não poderá subir escadas, ou caminhar por muito meses, você é a namorada dele?

Assenti nervosa.

— Você terá que respeitar as limitações dele e não exigir nada — disse ele, de uma forma quase cômica e sei ao que ele se referiu.

— Sem problemas — eu disse tentando imitar seu tom, mas mesmo de longe, vi Rafael abrir os olhos e corri até onde estava ele.

E assim foram os dias. Dona Jessica chegou assim que soube da notícia, nós nos revezamos nos cuidados dele.

— Ele dormiu? — pergunto quando ela se junta a mim no sofá da minha nova sala.

— Sim. Os remédios funcionam

direitinho — ela diz e eu sirvo uma taça de vinho branco para ela, o mesmo que eu estava tomando.

— Eu quero que a senhora saiba que eu lamento tudo isso, de coração — digo encarando o líquido dentro da taça — eu nunca quis que nada disso acontecesse e eu não soube como evitar.

Ela pega minha mão com compaixão e fala.

— Ninguém culpa você, querida — ela diz docemente — foi uma tragédia, foi algo que, infelizmente, marcará vocês para sempre. Mas eu não a culpo, Callie. Você mudou toda sua vida para cuidar dele.

— Eu faço qualquer coisa por ele — digo, ele se parece tanto com ela, tem os mesmos cabelos lisos e escuros.

— Do mesmo jeito ele para você — ela diz dando um gole na bebida — O Lucas teve que ir hoje por causa da faculdade, mas disse que volta na próxima oportunidade com o pai.

— Obrigada por ser tão gentil comigo, por me tratar como uma filha — digo agradecendo.

— Você sempre foi como uma filha, eu tenho dois meninos e você é minha garota, você é tão doce, Callie. Eu senti tanta falta de você em nossas noites de filmes de terror, em nossas saídas para comer pizza, vocês sempre

foram tão responsáveis e seus pais confiavam em nossa família, tanto quanto eu confiava neles.

— Eu queria eles aqui — digo e solto um suspiro pesado.

— Eu sei que sim e ninguém vai substituir eles, mas eu estou aqui para quando você precisar de qualquer coisa, conversar ou quando quiser somente um abraço, me ligue de madrugada ou a hora que você precisar. Só quero que você saiba que pode contar comigo sempre — eu a abraço depois daquelas palavras, parecia a coisa mais certa a se fazer.

— Eu finalmente consegui fazer minha avó falar — digo depois que me

afasto — ela disse que ficou trancada no quarto, ele injetou alguma coisa nela e depois arrastou trancando-a.

— Desculpa, Callie — Jessica diz me olhando com serenidade — ela está bem para ficar sozinha?

— O namorado dela está fazendo a diferença em tudo — digo e não deixo de rir da estranheza que é dizer aquilo.

— Ela teve sorte, eu sei que ela não gosta do Rafa, que ela fez da vida dele um inferno, mas eu nunca deixei ele desrespeitar ela e disse também, que quando o dia do perdão chegasse ele teria que perdoá-la. Perder um filho não é fácil, ver sua neta perder os dois pais

é mais difícil ainda. — eu não sei quem é mais incrível, a mãe ou filho, ele é exemplo da educação e respeito que ela ensinou.

— Foi ele que me convenceu a esquecer tudo e eu agradeço profundamente tudo isso — digo lembrando da postura dele — seu filho é um dos melhores homens que conheci na vida.

— Significa muito saber que você pensa assim — ela diz em meio a um sorriso e eu me sinto confiante, eu sou grata por ter todos eles em minha vida.

Tem uns oito meses depois do

acontecido, hoje somos vizinhos de Brenna e Derek. Um apartamento no térreo, eu não podia sair arrastando ele por aí sempre que eu quisesse sair para ver Arthur, parecia a decisão mais coerente. Eu não vendi minha antiga casa, eu apenas não podia mais viver lá com tantas memórias. Parecia mais do que injusto com minha sanidade.

Se eu estou levando isso de boa? No começo não foi fácil, mas a terapia ajudou, eu não podia enfraquecer por Rafael, ele precisava de mim bem, então foi isso que eu fiz, eu fiquei bem, eu mereço isso afinal.

As únicas palavras que eu consegui dizer para ele quando acordou

foi um eu te amo, mas ele não pôde me responder, apenas uma lágrima caiu de seus olhos, eu não precisava que ele me dissesse de volta, estava tatuado em seu braço.

Bem, agora estou aqui, esperando ele encerrar a ligação com seu médico, eu o olho parado no meio da sala, apenas de short e sua cicatriz ali, nos lembrando do que aconteceu, mas não por muito tempo, nosso cérebro cicatriza até os mais distorcidos pensamentos e lembranças e logo mais, aquilo será algo que não existe.

Ele caminha em minha direção e joga o celular ao meu lado no sofá da sala, se ajoelhando a minha frente.

— Exames físicos perfeitos —
ele diz e respira fundo, tentando provar
seu ponto — estou pronto para voltar a
minha vida.

— Sem restrições? — eu
pergunto sentindo suas mãos subir por
minhas pernas lentamente e eu vou levar
aquilo como um sim.

— Só não fazer coisas
extremamente pesadas — ele diz como
se quisesse exemplificar — seja lá o
que isso signifique.

— Acho que, como correr uma
maratona — digo pensando se isso é
pesado ou leve, mas creio que seja
pesado, correr quinze quilômetros me
parece mais pesado que muitas coisas

por aí.

— Deve ser isso — seus lábios encostam nos meus de uma forma leve e eu sinto uma sensação de formigamento se instalar — eu quero pedir desculpas — ele diz me encarando tão próximo, que vejo os desenhos da sua íris — por ter feito você cuidar tanto de mim.

— Eu só fiz... — sou interrompida por outro beijo, que desce da boca até a parte lateral do meu pescoço. Uma energia colorida se instala em mim e sinto meus olhos fecharem em reflexo.

— Não me atrapalhe — ele diz voltando a me observar e eu tento mudar a expressão, mas está difícil agora que

ele apenas me olha — eu sobrevivi por um milagre, você sabe disso?

Seus olhos ficam marejados, a gente nunca falou sobre nada daquilo, tudo que aconteceu ficou lá. A única coisa que quero é poder arrancar qualquer pensamento ruim e me jogar nele.

— Eu não sabia — digo séria e sinto meus olhos arderem e sei que ali se forma um rio de lágrimas machucadas — quando você fala em milagre, parece algo divino.

— Mas foi o que me disseram, Callie — suas palavras se impregnam em mim, aquilo era surreal — eu sobrevivi por você — meu peito está

cheio de alegria e gratidão, eu não poderia lidar em perder ele.

— Eu sobrevivi por você — repito me lembrando do meu próprio acidente — você está aqui, para que eu possa estar aqui. Você foi a parte esquecida Rafael, mas no momento que aquela bala atravessou seu peito e foi tão perto do seu coração eu vi.

— Você viu o que, Callie? — ele me olha espantado, eu não quis dizer para ele que estava indo fazer terapia por que vi Chris morrer em minha frente, essa parte ele não sabe e nunca saberá.

— Eu vi cada lembrança que construímos juntos — digo me saboreando com tudo — eu vi o

momento do primeiro beijo, do primeiro eu te amo e da nossa primeira vez juntos.

— SÉRIO? — ele diz com um pequeno sorriso em seus lábios — você está completa.

— É assim que me sinto — digo com a voz baixa, eu estou tomada de sentimentos, eu toco seu peito em silêncio e ele me olha com firmeza — Depois de você é como se não houvesse pedaços faltando, é como se eu não precisasse de mais.

— Eu me sinto da mesma forma — ele diz mansamente e suas mãos voltam a minha coxa — era difícil viver com as lembranças do que vivemos

juntos e por muito tempo, eu tinha perdido a fé nisso, mas ao menos conseguimos tirar algo de uma tragédia que a meu ver, pareceu inevitável.

— Foi horrível — olho para sua cicatriz quando as palavras saem da minha boca.

— Mas quer dizer que você lembrou de tudo isso? — ele diz e eu assinto. Seu tom de voz mudou de repente e me sinto uma presa em frente ao meu caçador — você consegue lembrar da sensação que foi me beijar pela primeira vez?

Assinto em um sorriso tímido, foi complicado para mim ficar com ele por tanto tempo e não nos tocarmos, na

verdade, eu decidi que só deixaria algo acontecer quando o médico dissesse que poderíamos, eu não queria machucá-lo, uma respiração pesada poderia atrapalhar todo tratamento.

— E como foi, Callie? — ele diz me provocando e a imagem nítida aparece em minha frente, mas antes que eu possa começar a falar, ele se aproxima, deixando apenas o espaço para passar o ar — foi algo assim?

Sua mão apoia minha nuca e me sinto esvaecer. Seu beijo denunciava que não pararia por ali, ou apenas eu não deixaria ele parar por ali. Sua língua brinca intensamente com a minha e eu me sinto ligada.

Sua boca ainda domina a minha e eu me permito aquele prazer negado por quase oito meses contados no calendário, se eu estava ansiosa, imagina ele.

— Algo assim? — meu corpo balança mole quando ele me solta para falar.

— Definitivamente melhor do que em minha memória — consigo murmurar fraca.

— Qual a outra coisa que você lembrou? — ele diz com a voz firme, como se não tivesse movido todos os meus eixos com apenas um beijo.

— O primeiro *eu te amo* — digo me lembrando da cena tão

romântica, eu segurava uma rosa vermelha e nela tinha um bilhete escrito a frase.

— Eu não tenho uma rosa aqui — ele diz mostrando as mãos — mas eu posso sibilar essas palavras se você quiser.

— Por favor — digo em um suspiro pesado. Que tortura psicológica ele está usando? Me sinto delirar e com vontade de suplicar por seu toque.

Ele se inclina sobre meu corpo e encosta a lateral do seu rosto ao meu, sinto sua respiração acelerada ao meu ouvido.

— Eu... te... amo — ele fala pausadamente e um arrepio sobe por

minha coluna.

— Eu também — tudo que consigo dizer em um sopro nada *sexy*.

Ele volta a se equilibrar nos próprios joelhos e me olha com a pergunta que não quer calar.

— Há mais uma coisa que você mencionou — ele diz de forma descontraída.

Arqueio a sobrancelha sem querer acreditar naquilo, coloco a mão na boca para não rir e imediatamente ele tira e me olha sério.

— Me diga, Callie — ainda segurando meu pulso, ele espera calmamente eu falar qual a última coisa que mencionei.

— Nossa primeira vez — as palavras saem da minha boca e algo se revira dentro de mim, algo como um terremoto junto com um tsunami.

— Não podemos ter nossa primeira vez de novo — ele diz e me lança um sorriso — mas você lembra dela?

— Lembro perfeitamente — digo me sentindo vitoriosa, mas, na verdade, ninguém nunca disse que eu não ia lembrar, eu só não acreditava que merecia aquelas memórias outra vez.

— Mas nós podemos ter nossa primeira vez depois de quase cinco anos — as palavras saem da boca dele e eu me dou conta do que aconteceu.

Eu não digo nada, ele não diz nada.

Nos encaramos e então, sem esperar nada, ele me pega no colo e eu grito com medo.

— Você pode fazer isso?! — berro e ele sorri com os olhos, a fisioterapia o manteve forte e isso é um fato comprovado.

Ele me coloca sobre nossa cama. Eu adoro dizer nossa, é tão gostoso saber que é tudo nosso nesse lugar, muitos casais não fazem assim, semanas depois de estarem juntos se mudam para um lugar só, mas nós não somos um casal normal, nós estávamos em *stand-by*, apenas esperando nosso

caminho de volta.

Seu corpo pressiona o meu levemente contra o colchão e seus olhos me derretem. Ele hesita em voltar a ação e eu me questiono se desistiu, como ficar calada não é meu forte eu resolvo falar logo e acabar com aquela angústia.

— Algo errado? — digo tentando não desfazer o clima.

— Nada errado, é que as vezes não acredito que eu realmente estou aqui — suas palavras, essas palavras que sempre me abraçam — e estar aqui sobre você, faz eu me sentir o homem mais sortudo do mundo.

Não evito soltar um suspiro e ele termina a frase.

— E saber que serei a única pessoa que ficará assim com você para sempre, me deixa satisfeito.

Passo minhas mãos pelo comprimento de seus braços, que ainda permaneciam forte e dou uma olhada na tatuagem que tanto amo. Sinto o peso de seu corpo aumentar sobre o meu, ele me dá beijos curtos, mas não evito ficar agitada, só em estar com ele sobre mim já deixa tudo vívido e me entrego definitivamente a ele.

Suas mãos exploram meu corpo, eu não esperava por isso agora, mas tenho que confessar, ainda estou com o meu pijama favorito.

Seus lábios exploram meu

pescoço e desce até meu torso, deixando caminhos de beijos flamejantes e em cada parte que seus lábios tocam, parecem derreter.

Eu estou rendida e seus braços seguram os meus um pouco acima da cabeça, meu corpo está relaxado e estou segura que quero aquilo mais do que ele pode imaginar.

Deixo ele explorar o resto do meu corpo, suas mãos massageiam meus seios ainda vestidos e me sinto mais desejada, com mais audácia me permito levantar a blusa para ele. Eu esperei por isso, eu esperei ele me tocar assim por quase um ano, não vou esperar mais para aproveitar cada segundo de sua

pele sobre a minha. Com o caminho livre, ele me encara primeiro, como se pedisse permissão para tocá-los, me retorço apenas com seu olhar sobre mim e quando sua língua quente toca meu mamilo, eu não seguro o gemido que escapa da minha garganta, eu perdi a vergonha, eu o desejo dentro de mim.

Ele ainda continua a brincar com meus seios, mas para mim não é o suficiente, eu estou ansiosa, eu quero logo partir para ação. Me livro totalmente da blusa branca a jogando em algum lugar do quarto.

— A visão do paraíso — ele diz me olhando de cima — você beira a perfeição.

Eu apenas sorrio e ameaço tirar o short e ele para minha mão.

— Não vai me dar o prazer de lhe despir? — eu sorrio de sua pergunta e permito ele tirar meu short — a melhor visão do mundo deitada em minha cama.

Suas mãos seguem por caminhos que ainda não tinha ido, sinto minha umidade aumentar quando ele me toca bem em meu centro, isso me tira o folego e faz eu me retorço em seus dedos hábeis. Os gemidos e murmúrios saem de formar desordenadas e eu me sinto tão íntima dele. Ele tira sua mão e me joga um sorriso cínico.

— Você não pode fazer todo trabalho — eu digo recuperando a

consciência — não posso exigir de você assim.

Dessa vez meu sorriso é malicioso. Me movo para o lado e fico de joelhos, lentamente forço seu corpo a deitar na cama.

— Agora eu quero ver minha visão preferida — digo ao apanhar o botão de sua bermuda — a que quase beira a perfeição.

Desço o zíper lentamente em uma forma de tortura e ele olha atentamente cada milímetro do zíper descer, quando chego ao final lanço lhe outro sorriso e arrasto sua bermuda para longe dali. Só de cueca box, ele parece muito vestido. Me livro sem cerimônias

e tudo se revela.

Ele faz menção de se levantar, mas graciosamente eu me coloco sobre seu corpo.

— Eu não quero que você se machuque — digo e ele concorda, eu quero fazer isso muitas vezes, não apenas só essa, então tenho que tomar conta dele.

Subo sobre seu membro rígido e sinto, não só meu corpo reagir, mas o dele também, eu estremeço e não evito fechar os olhos com a sensação de prazer que corre dentro de mim como um raio.

Me movimento lentamente sobre seu corpo, minhas mãos estão

apoiadas no seu tórax. Instintivamente cravo minhas unhas em sua pele. Nossos gemidos se encontram e parece uma perfeita sinfonia.

Ele apoia suas mãos em meus quadris e me ajuda a manter o ritmo mais acelerado, sinto as ondas descompassadas de prazer subir e descer, eu não lembrava exatamente como tinha sido nossa primeira vez, a sensação dele dentro de mim, mas, com certeza, essa aqui eu não vou esquecer mais, parece a mais cara tatuagem, a mais perfeita, a que fazem as pessoas sentirem inveja, isso não é mais um sexo entre um casal de adolescentes, que fazem tudo apressado, isso é um homem

e uma mulher que se amam.

Ele me ajuda a aumentar o ritmo e vejo sua respiração ficar pesada, tenho medo do que pode acontecer se ele se esforçar mais ainda, me entrego totalmente e o ápice do meu prazer me atinge, um gemido alto sai de minha garganta de forma inesperada e ele me encontra logo depois.

Caio ao seu lado tentando tranquilizar nossas respirações, eu nem acredito no que acabou de acontecer. Eu o olho, sua respiração é profunda.

— Eu te amo além do que a consciência permite — digo olhando para seus olhos felizes e sua boca entreaberta tentando melhorar a

respiração.

— Eu provavelmente te amo mais — ele diz ainda fixo em meus olhos.

— Impossível — me jogo em cima dele e o encho de beijos.

A capacidade do ser humano de amar é ilimitada, ao menos eu quero pensar assim. Sempre que olho para Arthur, com seus olhos azuis cintilantes eu me renovo. Ele é exatamente como meu pai Arthur, eu amei saber que Brenna queria que o próprio filho se chamasse assim. Sempre que eu anunciasse seu nome, eu lembraria do primeiro Arthur que tive em minha vida

e espero que esse possa herdar toda a bravura que carrega em seu DNA.

— Será que é porque ele é meu filho que o acho tão lindo assim? — Brenna diz observando o filho lentamente fechar os olhos, caindo em sono profundo.

— Não — digo rindo, não sei quem é o pior com essa criança, o quarto dele não cabe mais um alfinete de tanta pelúcia e brinquedo, coisas que ele não vai usar até ao menos ter dois anos, mas isso importa? Não! Eu não me importo, inclusive eu comprei todo enxoval. Brenna não podia sair de casa então, ela se juntava a Rafael e a mãe dele em nosso apartamento, eu sempre

voltava com três sacolas extras e nós ficávamos planejando vesti-lo com as roupas-fantasia que eu tinha escolhido — eu acho ele muito lindo também.

Provavelmente serei a tia preferida dele.

— Só tirando o fato de você ser a única — Derek diz entrando no quarto do filho.

— Não me tire essa alegria — eu digo fazendo uma cara de carranca para ele — você sabe que ele me amará por outros motivos.

— Sei, sim — ele diz abraçando a mulher — agora vá para casa, seu namorado acabou de ligar para dizer que chegou.

— Provavelmente devo ser a

namorada preferida dele também — digo jogando o cabelo de uma forma descontraída e Derek faz cara de paisagem.

— Espero que você seja a única namorada dele também — ele diz repreendendo.

Reviro os olhos em reflexo, o senso de humor de meu irmão anda em baixa.

Desço pelo elevador até o térreo onde moro, eu sempre controlo meus pensamentos e quando vejo que vou desviar para memórias doloridas, eu penso em outras coisas, esse momento sozinha no elevador serve para isso, pensar em coisas boas.

A porta se abre e eu ando uns dez passos até chegar em minha porta, o apartamento está silencioso e analiso mentalmente se Derek entendeu mesmo que Rafael realmente tinha chegado em casa. Mas ouço passos leves vindo em minha direção, ele aparece devidamente vestido com uma calça preta jeans, uma camisa grafite com uma estampa escrito algo que não consigo ler e uma jaqueta de couro. Está naquele momento que podemos usar todas roupas que amamos.

— Não sei bem se recebi o memorando — digo analisando-o e colocando as mãos na cintura.

— Desculpa, Callie — ele diz vindo em minha direção — mas eu tenho

uma reunião com os caras da banda, Magno quer nos apresentar nossa agenda e tal.

Ele diz colocando um relógio de pulso com uma pulseira de couro, seu cheiro casa perfeitamente com seu visual tão arrumado, seus cabelos agora estão mais curtos nas laterais desde a cirurgia, mas parece que não há corte errado para ele.

— Eu achei que íamos ficar aqui — digo meia desanimada, estou tão acostumada a tê-lo por perto que as vezes, fico perdida com a ideia que ele irá se afastar um pouco — mas tudo bem.

Bufo, deixando todo ar de

decepção exalar por minha boca. Ele me segura pela cintura com as duas mãos e me faz olhar diretamente para ele.

— Acho que você poderia me encontrar — ele diz baixo e arruma meu cabelo em uma missão falha — você poderia colocar uma roupa bacana.

— O que isso significa? — rebato fazendo cara de ofendida.

— Significa que não vamos comer *fast-food*, Callie — ele me solta e eu deixo os braços cair em derrota passando todo meu guarda-roupa na mente — Mas só se você quiser.

— Você não está arrumado de mais só para os caras? — digo e ele me lança um meio sorriso, eu ainda estou

me acostumando o fato que ele não está mais doente e agora pode se vestir divinamente como agora. Preto, definitivamente é sua cor.

— Bem — ele diz se aproximando e encosta ao pé do meu ouvido — essa é sua forma de demonstrar ciúmes e dizer que estou bem-vestido?

Seus lábios encostam em minha pele e eu fico balançada.

— Quase isso — digo em um suspiro leve — Mas tentarei acompanhar o nível do seu *look*.

— Espero que isso que você acabou de dizer signifique que estará vestida — logo depois de terminar a

frase ele me beija em meio a um sorriso.

— Pode acreditar que significa a mesma coisa — digo e permito ele passar por mim, ainda inalando profundamente o cheiro do seu perfume — mas que hora devo aparecer? E onde?

Ele olha para o teto como se a resposta está lá e volta a me olhar.

— Quando estiver pronta me avise — antes de terminar a frase sua atenção já está no relógio — eu preciso mesmo ir. Me avise qualquer coisa.

Deslizo meus olhos outra vez sobre seu corpo, sua roupa parece ter sido feita por encomenda, nada fora do lugar. Nada mesmo. Fico apreensiva, eu

deveria ter perguntado mais sobre esse jantar.

Arrasto-me até nosso quarto e abro meu lado do guarda-roupa, procuro por algo descente, mas só vejo jeans, jeans e mais jeans. Eu preciso fazer compras. Abro a outra parte me lembrando que roupas de tecidos leves ficam juntos na outra parte. Um vestido ainda com etiqueta reina em meu guarda-roupas, um vestido que comprei para formatura de Derek que ele optou por não fazer, mas eu estava na loja e me parecia tão bonito, então comprei.

Jogo o vestido na cama e vou até o banheiro, resolvo arrumar o cabelo também, demorarei mais um pouco com

a hidratação no cabelo.

Enquanto passo o sabão pelo corpo me vem a conversa de mais cedo, Rafael está pronto para seguir com a vida dele e eu não poderia estar mais feliz, o fato dele poder subir em um palco novamente me deixa verdadeiramente feliz.

Tiro a hidratação e encerro o banho, não vai adiantar nada eu gastar toda a água do mundo para esfriar os pensamentos que me rodam.

Visto meu roupão e resolvo começar a me arrumar por meus cabelos secos com secador, o que não me dá tanto trabalho na hora de alisar, meus cabelos já tem o fio liso, mas hoje não é

esse cabelo que eu quero, hoje eu irei inaugurar o *baby*liss que ganhei de Brenna no natal passado. Faço os cachos largos nas pontas e corro para a maquiagem, uso os produtos que domino como base, rímel e delineador, a sombra é algo que eu não invisto muito, meus olhos estão bem marcados, uso um batom da cor dos lábios só para não sentir que estou incompleta e pego o vestido jogado sobre a cama.

Coloco-me dentro do vestido branco e encaro meu reflexo no espelho, ele tem as mangas cumpridas em rendas de flores largas que se misturas com rendas de outras formas, na verdade, lembra algo bem artesanal, mas você

encarando de perto, vê que foi feito industrialmente. Seu decote frontal é maior do que eu lembrava, mas está aqui, ele tem forma de uma gota e a ponta se une bem abaixo do meu pescoço, sem dar espaço para um colar, mas a elegância do trabalho de renda é sensacional. Eu lembro dele ser lindo, mas não lembrava como ele ficava no corpo. A saia é justa, um palmo acima do joelho e rendas menores completam o tecido ao longo do corpo.

Olho-me tão satisfeita e corro para pegar uma sandália bem alta de couro marrom, com uma pedra verde azulada em cima. Pego uma bolsa pequena que tenho no mesmo material da

sandália e coloco meu celular e um batom dentro, lembro de borrifar também um pouco de perfume. Decido exatamente onde ficará meu cabelo, jogando-o para a lateral e as ondas que ainda restam estão aqui, ao lado do meu decote, antes de sair pego um anel com uma pedra preta e coloco no indicador direito e pego um brinco totalmente preto e coloco nas orelhas.

Pronto, provavelmente se perguntarem as fãs dele quem está melhor vestido elas vão dizer que ele, mas eu sinto que também não estou de me jogar fora.

Antes que eu posso alcançar a porta a campainha toca, me olho uma

última vez no espelho da sala e respiro fundo. Quem seria?

Um homem vestido devidamente de roupa social está parado ali, suas pernas estão tão separadas que me pergunto como ele consegue ficar em pé, eu pisco meus olhos, não só uma, mas duas para ter certeza de quem está em minha frente.

— Magno? — pergunto tentando não ser rude.

— Sim, Callie — ele diz saindo da posição e me mostrando a saída — não está me reconhecendo?

— Por um segundo não — na verdade, por quase um minuto penso comigo — mas então, você será minha

carona? Porque o Rafa não disse para onde ir e eu já ia ligar para ele.

— Ele pediu que eu viesse aqui — ele diz olhando a hora no relógio, como se ali tivesse um cronometro — então, vamos? Não podemos nos atrasar.

— Imagino que não — digo sem saber porque respondi aquilo.

Seguimos até o carro dele em silêncio, eu não criei nenhum vínculo com Magno, no fundo sei que ele me culpa por Rafael ter ficado tanto tempo sem tocar e o que ele não precisa saber, é que eu mesma também me culpo, não foi fácil e não está sendo. Mas nós decidimos nunca falar sobre isso.

Olho pela janela do carro e

vejo um estádio a minha frente, engulo em seco. O que diabo estamos fazendo em um estádio? E o jantar? Ele fez eu me vestir desse jeito para eu vir em um estádio? Ele disse claramente que não era *fast food*, me sinto meia patética em estar vestida assim, bem, Magno também não fica atrás vestido assim em um estádio.

Ele abre a porta do carro e me ajuda a descer. Esse é o estádio que os meninos tocaram quando voltaram para a cidade. Mas não tem barulho, não tem vozes, não tem nada.

Eu realmente estou com medo.

— O que vamos fazer o aqui?
— tento ser gentil. Mas eu estou quase

tremendo.

Ele sorri para mim. Magno deve ser descendente de mexicano, esse ar latino dele é gritante e sua cor de pele também é algo diferente de nós brasileiros. Ele me guia por um corredor mal iluminado, tem um tapete estendido e ele parece vermelho ou laranja, a luz amarela não me deixa saber ao certo.

— Siga o tapete — ele diz gentil — não pare até que ele termine, certo?

— Certo — digo sentindo a agitação me dominar por inteiro, seja lá o que for isso. Eu estou animada com o que encontrarei no final.

Meus passos são calculados,

um pé após o outro, não é assim que anda? Claro que é! Passo uma mão na outra, elas parecem doer de tanto nervosismo. Subo as escadas e sei que estou na merda de um palco. Se eu sobreviver a isso, eu terminarei de contar a vocês. Meu Deus! O que eu estou fazendo em um palco?

Não consigo seguir em frente, está muito escuro, então o que eu faço? Uma prece! Que seja o Rafael que esteja no escuro.

Não dou outro passo! Mas resolvo chamar.

— Rafa? — digo e minha voz sai como se eu fosse chorar, possivelmente seria a próxima coisa que

eu iria fazer — Rafa? Você está aqui?

Uma luz fraca se acende e lá está ele. Minhas pernas bambeiam e eu me pergunto se dói se eu cair.

— O que é isso? — pergunto sem sair do lugar, era impossível fazer tal ação.

— Vou cantar para você — ele diz sorrindo.

— Aqui? — pergunto em um sussurro.

— Onde mais eu iria? — ele fala relaxado, reviro os olhos e coloco as mãos na cintura.

— Você mora comigo — digo justificando — você poderia ter cantando para mim em casa.

— Aí eu não teria plateia —
ele diz como se isso importasse.

— Poderíamos ter chamado
Brenna, Derek e sua mãe para ver —
digo achando tudo muito estranho.

— Mas eles estão aqui — ele
aponta para o fundo.

Não só os mencionados estão
lá, mas minha avó também e, Matt está
sentado em uma banqueta alta segurando
um violão, que eu não sabia que ele
tocava, mas acho que todos os músicos
sabem de tudo um pouco. Ramon e
Lucas, o irmão mais novo de Rafa, estão
juntos a Magno.

— Agora posso ver — digo
sem dar um passo — mas esse lugar é

grande, poderia ser um bar.

— Não poderia não — ele diz e quando todas as luzes que simulam velas se acendem, eu quase desmaio.

É surreal, como há tantas pessoas ali e nenhuma fala nada? O estádio está lotado, era impossível contar quantas mãos estavam levantadas ali, mas elas estavam. Dou um passo à frente e espero ele falar, eu ainda não consigo respirar, não sei se serei de capaz de fazer isso novamente.

— Sabe, Callie — Rafael diz como se não houvesse milhares de pessoas nos assistindo — quando eu esbocei a primeira letra em minha vida, foi quando eu fui forçado por um

professor a fazer um trabalho escolar, ele montou meu grupo, eu não pude escolher, era a menina tagarela de óculos e cabelos vermelhos — ele olha para Brenna e ela sorri — e a menina mais linda e talentosa que já conheci na vida e, o que posso dizer a ele hoje?

O professor acena da plateia com uma luz sobre ele e eu quase enfartei! Ele trouxe o professor aqui?

— Obrigado — ele se vira para plateia — Callie, nós trabalhamos duro naquele trabalho que era apenas escolar e eu sabia que você valorizava e fazia tudo tão grandioso que eu não conseguia me afastar, quando nós subimos no palco no teatro da escola, eu não sabia o que

fazer. Eu me peguei pensando, o que será a partir de hoje sem trabalhar ou ficar perto dela todos os dias? Então, eu não pensei, eu apenas beijei você, o que poderia acontecer? Bem, você poderia nunca mais falar comigo e eu aceitaria isso por minha ousadia, mas não, você me beijou de volta e eu descobri que a partir daquele momento, minha vida não seria a mesma sem você nela, você se tornou essencial para mim, o impulso que eu tinha sempre que eu mostrava algo novo, quando eu escrevia algo novo, eu nunca tinha escrito uma frase antes de conhecer você, hoje eu tenho mais letras do que posso tocar em um show. Você é o que eu posso chamar de

minha musa, termo cafona e eu sei que você vai brigar comigo depois.

Eu tento secar as lágrimas, mas é impossível. Eu não enxergo mais ninguém além dele ali.

— Mas a menina que eu conheci — ele diz vindo em minha direção e me arrastando para onde ele estava antes, meus dedos derretem nos seus, eu o amo tanto, eu simplesmente me pergunto como sobrevivi sem ele — ela é hoje uma mulher, uma mulher tão forte, tão cheia de cicatrizes emocionais. Ah, Callie, se eu pudesse tocar cada uma delas e tomá-las para mim, eu faria, você é a pessoa que menos merece tê-las, mas foram inevitáveis, desculpa por

não ter protegido de tudo.

— Você não poderia — digo fraca.

— Há tanta coisa que eu quero falar — ele aproxima minha mão dos seus lábios — eu quero ter a oportunidade de dizer todos os eu te amo que eu não pude quando estava longe, eu quero ver você adormecer ao meu lado pelos próximos cem anos e confesso que acho pouco ser só esse tempo.

Uma risada leve ao fundo é ouvida, todos riem e inclusive eu.

— Quando eu pedi para namorar com você — ele olha para onde estão nossas famílias e amigos —

naquela cachoeira, com uma música, eles riram. Aquelas pessoas que dizem serem nossos amigos, eles riram muito. Mas hoje decidi fazer algo maior. Você sabe porque está aqui?

— Não tenho ideia — digo soltando um suspiro pesado, eu estou sonhado.

— Você está aqui, porque quando se trata de você, nada pode ser simples — ele diz se virando para a plateia ansiosa — eu estou aqui para fazer uma única pergunta.

Meus olhos parecem que vão saltar da órbita, eu sinto eles quererem correr dali.

— Calliope, como aquele beijo

depois da apresentação, essa pergunta será uma das coisas mais arriscada que farei em minha vida — ele coloca a mão no bolso da jaqueta e tira um anel. E eu sinto minha existência se partindo em mil pedaços. Nunca mencionamos — Você quer fazer parte da minha vida para sempre?

Ele se ajoelha em algum momento antes do pedido, mas eu não vi. Eu estou meia desligada, meio *off*. Minha boca está seca e estou tremendo, tremendo como em um terremoto.

— Oh, meu Deus — foi tudo que consegui dizer — Sim! Sim! Sem pensar duas vezes!

Eu pego sua mão e puxo ele

para ficar em pé.

— Obrigada por me amar assim — digo e sinto ele me tomar com seu beijo.

A plateia grita, eles gritam forte, como se fosse final de copa do mundo e nós acabamos de fazer o gol da vitória. Eu não sei o que fiz para merecer isso, mas eu sou muito grata por ter conseguido. Sinto meus pés tocarem o chão e o olho, eu nunca o desejei tanto em minha vida, nem mesmo quando ele estava em minha cama praticamente sem roupas por conta do calor.

— E só para esclarecer — ele diz e eu espero ele terminar, ainda teria mais? Quanto mais coisas ele pode

falar? — Você, Callie. Apenas você.
Nós sobrevivemos um para outro e eu
tenho certeza que eu sobrevivi por um
milagre. Um desvio e eu jamais falaria
tudo isso para você. Callie, O meu
milagre foi sobreviver para que eu
pudesse dizer tudo isso. Callie, *O meu
milagre é você.*

Música

Banda: Perfeita Simetria

Você

A porta se fecha é a minha despedida
Você não se lembrará
Eu nunca deixei de te amar
Não preciso ter certeza
Minha fé me faz lutar

Vou te reencontrar
Quero te abraçar
Me dê a mão, deixe eu te levar
Em cada amanhecer, te admirar

Uma coisa nunca vai mudar
Eu ainda vou estar aqui quando você
voltar
Pode o tempo passar
Podem as folhas cair
Eu vou estar aqui

Só mais um sorriso, se eu pudesse, teria
pedido
Palavras guardadas, palavras cantadas
Sua ausência me faz delirar

A única coisa que me mantém firme é

sua lembrança

Você é a única memória que não poderei
apagar

Você é o que me faz continuar

Mesmo se o azar pintar

O universo não conspirar

Ou a sorte me abandonar

Vou te fazer lembrar

Compositores: Yan Santiago/Andreia
Nascimento

Agradecimentos

Melhor do que escrever um livro é
poder agradecer por ter escrito.

Deus, obrigada por essa inspiração.
E meus amigos, por cada vez que enchi

o saco de vocês com isso. Creio que
vocês já estavam de saco cheio, mas
enfim ele está aqui!

Obrigada Maria Luisa por ler tão
carinhosamente cada capítulo e
ansiosamente também. Renata por todos
os conselhos, adoro quando você faz
isso por mim. E Gessica por ter deixado
tudo para ler devagar, mas não resistiu e
leu tudo de vez e depois me culpou.

Mereci! Ruth Arnaldo por ter lido
carinhosamente e ter opinado. Yan por
ter me ajudado a construir uma música
quando achei impossível de fazer. Mas
consequimos!!

Ah! E meus professores que me
aconselharam, João Marcos e Aida
Angélica.

E obrigada vocês que leram essa obra.